

The book cover features a vibrant orange background. A large, dark silhouette of a girl's head with curly hair is the central focus. Inside the silhouette, the title is written in white. The background is decorated with a dragonfly in the top left, a crow on a branch to the left of the silhouette, a crow in flight near a large, detailed compass rose in the top right, and a blue wave at the bottom. Small white stars are scattered across the orange background.

A GAROTA que LIA as ESTRELAS

UMA HISTÓRIA
DE FANTASIA
E CORAGEM

Kiran Millwood Hargrave



JANGADA



A GAROTA
QUE LIA AS
ESTRELAS



Kiran Millwood Hargrave

A GAROTA QUE LIA AS ESTRELAS

Tradução

Jacqueline Damásio Valpassos



Título do original: *The Girl of Ink & Stars*.

Copyright © 2016 Chicken House Publishing Ltd.

Copyright do texto © 2016 Kiran Millwood Hargrave.

Publicado originalmente em inglês em 2016 com o título *The Girl of Ink & Stars* por The Chicken House, 2 Palmer Street, Frome, Somerset, BA 11 1DS.

Copyright da edição brasileira © 2019 Editora Pensamento-Cultrix Ltda.

1ª edição 2019.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas. A Editora Jangada não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

Esta é uma obra de ficção. Todos os personagens, organizações e acontecimentos retratados neste romance são produtos da imaginação do autor e usados de modo fictício.

Design interior e da capa de Helen Crawford-White (2016).

Ilustração da capa: silhueta, adaptada de uma foto de Buffy Cooper/Trevillion Images; ondas © Miloje/Shutterstock.

Ilustrações internas: bússolas © Vertyr/Shutterstock; barcos/criaturas marinhas/ícones de mapa © pavila/ Shutterstock.

Editor: Adilson Silva Ramachandra

Gerente editorial: Roseli de S. Ferraz

Preparação de originais: Suzana Rodrigues

Produção editorial: Indiara Faria Kayo

Editoração eletrônica: Join Bureau

Revisão: Bárbara Parente

Produção de ebook: [S2 Books](#)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hargrave, Kiran Millwood

A garota que lia as estrelas / Kiran Millwood Hargrave; tradução Jacqueline Damásio Valpassos. – São Paulo: Jangada, 2019.

Título original: *The girl of Ink & stars*

ISBN 978-85-5539-137-8

1. Ficção – Literatura infantojuvenil I. Título.

19-24538

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura infantil 028.5

2. Ficção: Literatura infantojuvenil 028.5

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

1ª Edição Digital: 2019

eISBN: 978-85-5539-139-2

Jangada é um selo editorial da Pensamento-Cultrix Ltda.

Direitos de tradução para o Brasil adquiridos com exclusividade pela EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA., que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Rua Dr. Mário Vicente, 368 — 04270-000 — São Paulo, SP

Fone: (11) 2066-9000

<http://www.editorajangada.com.br>

E-mail: atendimento@editorajangada.com.br

Foi feito o depósito legal.

MENSAGEM DA CHICKEN HOUSE

A Garota que Lia as Estrelas é um conto profundamente mágico e contado de maneira simples sobre uma ilha, a garota que viaja até o coração de sua história e a lenda que guia o seu caminho. Na jornada de nossa heroína, você encontrará perigo e medo — mas também coragem, amor e amizade emocionantes. Será que Isabella conseguirá mapear um novo futuro para sua ilha?

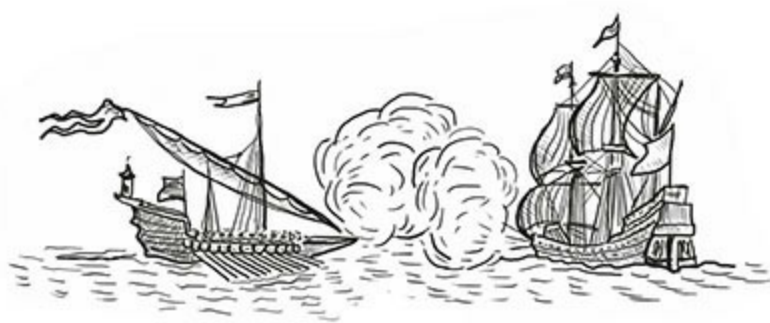
O livro de estreia de Kiran Millwood Hargrave é cheio de ideias surpreendentes e de maravilhosa criatividade. É muito belo também.

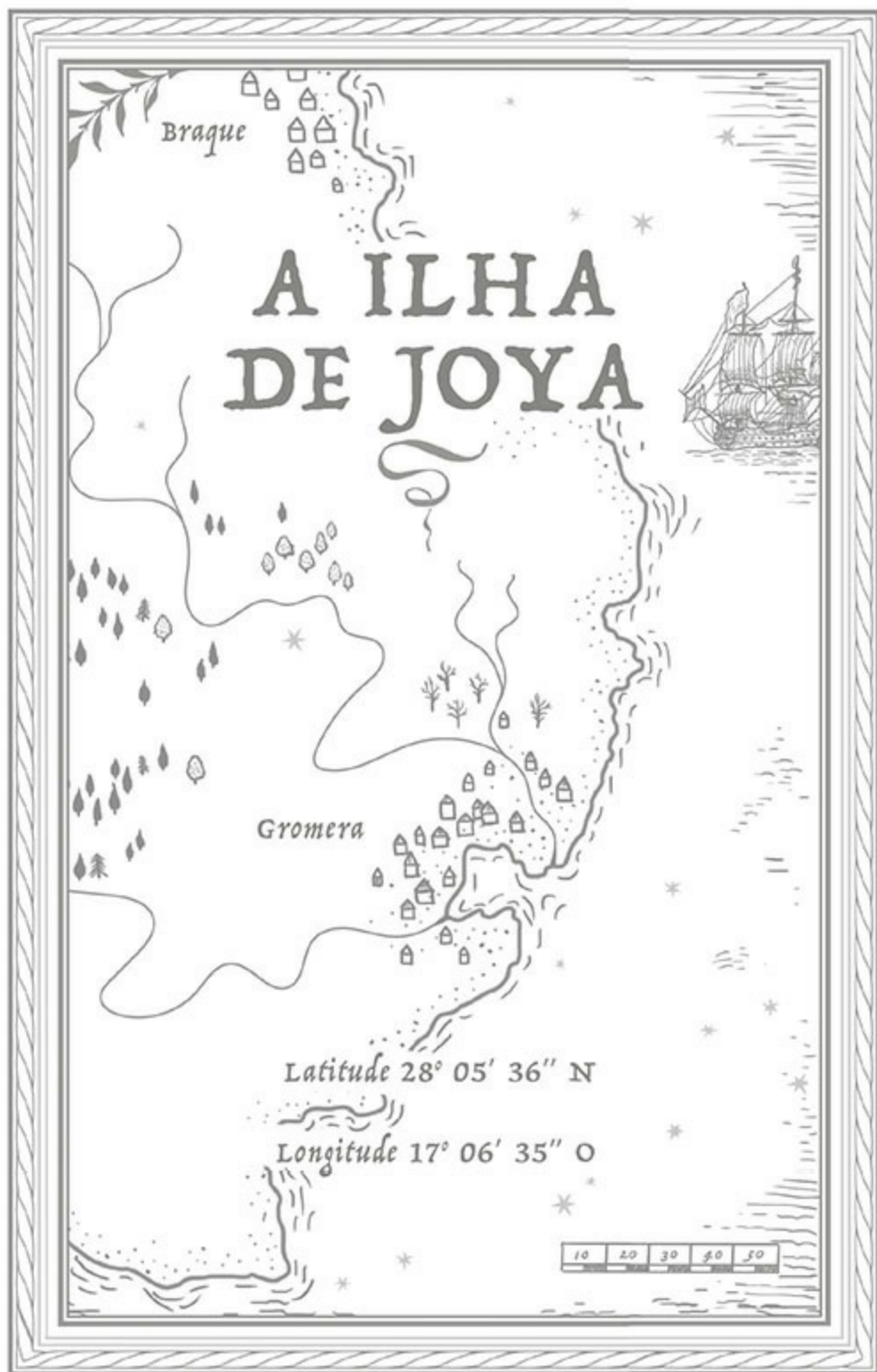


Barry Cunningham
Editor, Chicken House

Para uma estrela, Sabine Karer
localizada a 28.6139o N, 77.2090o L

e para aqueles que me ajudaram a colocar tinta no papel
localizados a 51.7519o N, 1.2578o O





[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Mensagem da Chicken House](#)

[Dedicatória](#)

[Capítulo um](#)

[Capítulo dois](#)

[Capítulo três](#)

[Capítulo quatro](#)

[Capítulo cinco](#)

[Capítulo seis](#)

[Capítulo sete](#)

[Capítulo oito](#)

[Capítulo nove](#)

[Capítulo dez](#)

[Capítulo onze](#)

[Capítulo doze](#)

[Capítulo treze](#)

[Capítulo quatorze](#)

Capítulo quinze

Capítulo dezesseis

Capítulo dezessete

Capítulo dezoito

Capítulo dezenove

Capítulo vinte

Capítulo vinte e um

Capítulo vinte e dois

Capítulo vinte e três

Capítulo vinte e quatro

Capítulo vinte e cinco

Agradecimentos



CAPÍTULO UM

Dizem que, no dia em que o Governador chegou, os corvos também chegaram. Todos os pássaros menores voaram para o mar, e é por isso que não há pássaros canoros em Joya. Somente corvos enormes e esfarrapados. Eu os observava empoleirarem-se nos telhados como maus agouros, e por meio deles tentava visualizar os tentilhões e estrelinhas-de-poupa que papai resgatava da memória. Se eu forçasse a imaginação o bastante, quase podia escutá-los cantando.

— Por que os pássaros foram embora, papai? — questionava.

— Porque eles podiam, Isabella.

— E os lobos? Os veados?

O rosto de papai assumia uma expressão melancólica.

— Parece que o mar era melhor do que aquilo de que estavam fugindo.

Papai então me contava uma outra história, sobre a menina guerreira Arinta, ou sobre o passado mítico de Joya quando era uma ilha flutuante, e se recusava a dizer mais sobre os lobos e os pássaros que tinham recuado para o mar. Mas eu continuava perguntando, até que chegou o dia em que eu encontrei minhas próprias respostas.

A manhã despontou como qualquer outra.

Despertei na minha cama estreita, o nascer do sol apenas começando a iluminar as paredes de barro do meu quarto. O cheiro de mingau queimado pairava no ar. Papai devia estar acordado há horas, já que levava muito tempo para o fogo aquecer a pesada panela de barro. Eu podia ouvir a Senhorita La, nossa galinha, arranhando do lado de fora do meu quarto, ciscando migalhas. Ela tinha treze anos, assim como eu, mas embora fosse pouca idade para uma pessoa, uma galinha com igual número de anos era muito, muito velha. Suas penas eram cinzentas, seu humor era negro e até mesmo o nosso gato Pep tinha medo dela.

Minha barriga roncou enquanto eu alongava meus braços, espreguiçando. Pep estava esparramado sobre as minhas pernas e miou alto quando me sentei.

— Está acordada, Isabella? — papai gritou da cozinha.

— Bom dia, papai.

— O mingau está pronto. Um pouco mais do que pronto, na verdade...

— Estou indo! — Puxei com cuidado minhas pernas e alisei o pelo áspero do gato que havia ficado arrepiado durante a noite. — Desculpe, Pep.

Ele ronronou e fechou seus olhos verdes.

Lavei o rosto na bacia próxima à janela e mostrei a língua para o reflexo no metal polido acima da cama de Gabo, nunca desfeita, ajeitando os lençóis, cada vez mais empoeirados com o passar do tempo. A linha de voz se curvava ao lado de seu travesseiro — um longo e fino entalhe que papai havia escavado para nós nas paredes e no teto. Quando pressionávamos nossos lábios e sussurrávamos, ela carregava nossas vozes para que pudéssemos conversar mesmo quando estávamos em nossas camas separadas, cada qual numa extremidade do quarto.



Faz três anos. Três anos desde que me sentei lá; a mão do meu irmão gêmeo incendiando na minha enquanto ele desaparecia na noite, tão rápido quanto um fósforo apagado com um sopro.

Mas ainda assim eu conseguia evocá-lo. Era fácil como respirar.

De nada adiantaria começar triste o dia. Afastando tais pensamentos da cabeça, coloquei meu vestido de escola. Continuava tão grande quanto seis semanas atrás. Minha melhor amiga Lupe iria rir. *Ainda é a mais baixinha da turma!*, ela diria.

Trancei rápido meus cabelos não escovados e torci para que papai não notasse que eu não os havia desembaraçado durante todo o verão. Pep estava revolvendo-se na cama, mas eu não podia acariciá-lo vestida com o meu uniforme. Minha professora, a Señora Feliz, ficava sempre catando pelos ruivos do meu vestido com dedos irritados.

Puxei de lado a cortina que servia como porta do meu quarto e, com cuidado, passei por cima da Senhorita La, que cacarejou quando espalhei sua pequena pilha de migalhas. Ela estreitou os olhos embaçados e bicou meus tornozelos, me perseguindo até a sala principal, onde comíamos, conversávamos e planejávamos aventuras.

Uma grande tigela de mingau enegrecido estava sobre nossa comprida mesa de tábuas de pinho, abandonada entre um mar de mapas. Mais dos mapas de papai estavam presos às paredes, e farfalharam quando passei por eles, como uma brisa falante.

Deslizei o dedo sobre os papéis como fazia todas as manhãs, observando como o pigmento prateado dos rios de Afrik encontrava os de Ægypt; como Ægypt se agarrava à curva da Baía Europe como uma mão segurando outra no mar. Na parede oposta, a costa esboçada de Amrica e suas fortes correntes oceânicas, identificadas com nomes estranhos e surpreendentes: o Círculo Congelado, o Triângulo Esvanecente, o Mar Cerúleo. O papel estava tingido de um belo e intenso azul, e as correntes eram destacadas em fios que contrastavam com ele. Papai tinha usado uma agulha fina como um cabelo para estes — ouro para o Cerúleo, preto para o Triângulo, branco para o Círculo Congelado. Mas, para além da costa leste, tudo era interrompido. Apenas uma palavra rompia o vazio.

Incógnita. Desconhecido.

Eu quase podia sentir a frustração de papai na tinta seca da palavra. Marés desfavoráveis em sua última viagem tinham provocado um retorno antecipado a Joya, e papai nunca mais conseguira adentrar aquele território selvagem antes que o Governador chegasse à nossa ilha. O Governador Adori fechou os portos e transformou numa fronteira a floresta que se estendia de costa a costa entre a nossa aldeia de Gromera e o restante da ilha, banindo para o outro lado qualquer um que resistisse à sua lei. Gromera foi cortada do restante de Joya, e a floresta estava cheia de grossos espinhos e enormes sinos para alertar os guardas do Governador sobre a aproximação de alguém. Eu nunca ouvi os sinos tocarem.

Papai sonhava em preencher as lacunas em seus mapas de Amrica, enquanto o que eu queria, mais do que qualquer outra coisa, era atravessar a fronteira da floresta e mapear os Territórios Esquecidos que estavam além, embora eu nunca tivesse dito isso a ele.

Havia apenas um mapa que mostrava toda a nossa ilha, e ele ficava no

estúdio de papai. Eu o chamava de mapa de mamãe porque tinha sido passado de geração a geração em sua família, talvez desde a época de Arinta, mil anos antes. Sempre me pareceu um sinal de que mamãe e papai eram feitos um para o outro o fato de ele ser cartógrafo e a única herança dela ser um mapa.

Cada um de nós carrega o mapa de nossa vida impresso na pele, na maneira como caminhamos, até mesmo na maneira como crescemos, dizia papai. Está vendo aqui como o meu sangue não corre azul no meu pulso, mas preto? Sua mãe sempre disse que era tinta. Eu sou um cartógrafo até os ossos.

— Pegue o jarro, sim? — A voz de papai me fez pular em sobressalto, trazendo-me de volta para a sala.

Arrastei uma cadeira até as prateleiras, pegando com cuidado o jarro do alto, e coloquei-o na mesa ao lado do mingau. Era verde-floresta e especial, porque tinha sido a última coisa que mamãe fizera. Nós o usávamos apenas no primeiro dia de aula, e em aniversários e festas. Papai o mantinha fora de alcance e o lavava com muito cuidado.



Eu conseguia me lembrar de mamãe, às vezes — olhos escuros e quase sempre sorrindo, cheirando a argila preta com a qual trabalhava, moldando

panelas para os aldeões e peças delicadas para o Governador. Ou talvez eu a tenha imaginado, assim como os pássaros canoros.

— Bom dia, pequenina. — Papai chegou mancando da cozinha. Apressei-me em sua direção para apanhar o balde de leite e as canecas que ele estava carregando.

— Você não deveria andar sem a sua bengala — eu o repreendi.

Papai tinha quebrado a perna quando jovem, ao saltar do píer para um navio em movimento num porto em *Ægito*, e agora usava uma bengala entalhada num fragmento do barco de pesca de seu bisavô. Era a minha coisa favorita dentre as muitas coisas favoritas na sala. Leve como papel, flutuava até mesmo na mais fina camada de água, mas o que mais me impressionava era que brilhava no escuro. Papai dizia que era por causa da seiva, mas eu sabia que era magia.

Corri para abrir espaço na mesa, transferindo as Montanhas do Himalaia para uma prateleira.

Papai despejou o leite no jarro de mamãe, depois se acomodou no banco ao meu lado e sorriu.

— Escolha um bolso.

Revirei os olhos.

— Esquerdo.

Ele agitou as sobrancelhas como duas taturanas negras.

— Resposta certa. — Ele retirou um pequeno pote do bolso.

— Mel de pinheiro! — Desrosqueei a tampa e o aroma invadiu as minhas narinas, fazendo-me salivar. — Obrigada, papai.

— Somente o melhor para o seu primeiro dia de volta à escola.

Dei de ombros.

— É só a escola...

— Oh, bem, suponho que terei de comer tudo isso, então... — Ele abriu o potinho e fingiu derramar o mel na boca.

— Não! — Peguei-o de volta. — Você tem razão, é um dia muito importante. Só estou surpresa que você não tenha pegado dois potes.

O mel era tão bom que mal notei que o mingau estava queimado, mas, quando ergui os olhos, a comida de papai estava intocada. Ele estava sentado daquele jeito curvado que significava que estava pensando. Sua mão repousava no jarro de leite e eu podia ver os batimentos em seu pulso. Tinha um olhar perdido.

O primeiro dia de escola era sempre difícil para nós dois.

Limpei a minha tigela com o máximo de silêncio possível e empurrei a dele mais para perto de sua mão.

— Vejo você mais tarde, papai.

Como ele não respondeu, peguei minha mochila e saí de casa, fechando com suavidade atrás de mim a porta verde descascada.





CAPÍTULO DOIS

Nossa rua estendia-se numa linha reta e íngreme até o Mar Ocidental, e todas as casas eram construídas da mesma forma: uma longa fileira de cabanas de barro com telhados de palha que Lupe considerava “simpáticos”. Eu achava que parecia que, se soprasse uma boa rajada de vento, ela as empurraria para a água.

Eu normalmente correria para a praça do mercado, derrapando nos meus calcanhares ladeira abaixo, porque os corvos gostavam de voar baixo e correr os mantinha afastados. Hoje, porém, me limitei a fazer uma caminhada rápida — afinal, eu já era praticamente uma adolescente. Não parecia certo correr como uma criancinha.

Masha, que morava do outro lado da rua, estava parada na porta. Acenei, tentando enxergar além dela, o interior da casa.

— Está procurando por alguém? — Ela sorriu; seu rosto enrugado como papel velho amassado. — Pablo já saiu. Você sabe que o Governador gosta que eles estejam no trabalho antes do amanhecer.

O filho de Masha, Pablo, havia nascido quando ela já era velha, sua barriga crescendo mesmo quando o cabelo já tinha ficado grisalho e o rosto enrugado

devido à idade. Masha chamou isso de milagre, e Pablo era, *de fato*, fenomenal. Gabo e eu sempre ficávamos impressionados com ele, assim como todos os aldeões, por causa de sua força. Já aos dez anos de idade, ele conseguia erguer os pais, um sobre cada ombro. Ser carregada por Pablo nas costas passava a sensação de se estar voando, mas fazia muito tempo que eu não o via.

Dois anos antes, quando as costas de sua mãe ficaram muito ruins, Pablo deixou a escola e ocupou o lugar dela como operário, embora Masha implorasse a ele para que não o fizesse. Agora, com quinze anos, ele puxava carroças como se fossem papel e também cuidava dos cavalos do Governador.

— Ele levou o presente para Lupe — acrescentou Masha, franzindo o nariz. Eu sabia que ela não entendia por que eu escolhera ser amiga da filha do Governador. — Eu disse a ele para escondê-lo como você pediu.

— Obrigada — agradei. — Será que consigo vê-lo amanhã?

— Talvez. — Mas sua voz não era esperançosa. Ele sempre estava de pé antes do nascer do sol, e chegava em casa depois de escurecer.

Despedi-me acenando, coloquei minha mochila nos ombros e comecei a descer a colina.

Dali do alto, Gromera parecia uma roda de carroça, ou uma explosão estelar, com a praça do mercado no centro e as ruas parecendo raios projetando-se para fora, algumas culminando no amplo e calmo porto que se afunilava para o mar, repleto de peixes. Numa noite clara, as estrelas se deitavam em sua superfície como lírios.



O navio do Governador estava atracado lá, como sempre. Papai contou que havia sido entalhado de um único baobá de Afrik. O baobá deve ser uma árvore gigantesca, porque o casco era quase do tamanho do porto, o mastro se lançando em direção ao céu, as velas recolhidas. A embarcação elevava-se sobre a frota de pesca como uma montanha enorme e imóvel. Como tudo o que o Governador tinha, ocupava muito mais espaço do que deveria.

Ao leste, sua casa brilhava no nascer do sol. Grande como cinco navios e construída de basalto negro, a mansão estava localizada entre o mar azul e a floresta verde, alastrando-se pelos campos como uma nuvem de tempestade. Vista daqui, entretanto, parecia pequena o bastante para se esmagar entre o dedo indicador e o polegar. Abaixo dela estava o vilarejo, com a escola a meio caminho.

O prédio da velha escola era pequeno, mas alegre, e havíamos pintado as paredes com as cores do arco-íris com quaisquer corantes que papai pudesse ceder. Mas então o Governador derrubou o prédio — Lupe decidira que havia se cansado de ser ensinada em casa sozinha e exigiu ser mandada para a escola local como o restante de nós.

O Governador Adori a reconstruiu das fundações, duas vezes maior, porque, se sua filha passaria a frequentá-la, ela teria que parecer mais grandiosa.

— Não por mim, você entende — justificou Lupe com um sorriso triste. Ela adotou um tom ainda mais elegante para acrescentar: — Para preservar a

honra da família.

Não fomos autorizados a pintar as paredes da nova escola. Muitas crianças foram indelicadas com Lupe por causa disso, mas eu sabia que não era culpa dela.

Atrás da casa do Governador, mais próximo da floresta, ficava o pomar, onde eu nunca fui. Olhei para os trabalhadores lá, meros pontinhos escuros àquela distância mais parecendo formiguinhas, e me perguntei qual deles era Pablo. A oeste, a areia negra das praias estava quase coberta pela maré que avançava. Era proibido permanecer nas praias durante a maré alta, e ninguém tinha permissão para entrar na água a menos que estivessem lançando um dos barcos do Governador. Meus dedos dos pés comicharam. Papai tinha descrito como era estar no mar, mas não era o mesmo que experimentar por mim mesma.

Acima das praias ficavam as minas de argila, para onde eu tentei não olhar porque traziam de volta uma das poucas lembranças claras que eu tinha de mamãe — o dia em que ela me levou junto com Gabo para as minas. Ela nos ensinou como nos amarrarmos com cipós a um dragueiro — *Você faz um nó assim, e então esfrega a seiva em suas mãos para dar aderência* — e nos desceu um por um no desfiladeiro. Gabo ficou com medo e se contorceu tanto que o nó se rompeu. Quando ele pousou na lama macia do fundo, ecoou um som muito desagradável, e ele estava imundo quando mamãe o retirou da escuridão. Eu ri tanto que chegou a doer.

Lembrei-me disso, daquela dor na barriga. E de como ela retornou dois meses depois, quando mamãe morreu. Só que, dessa vez, foi mais aguda, e não havia ninguém retirando ninguém da escuridão. Depois de três anos sofrendo da mesma febre epidêmica, Gabo se foi. Três anos depois disso, a

lembrança da mina de argila ainda parecia provocar um aperto na minha garganta.



Lupe sempre me encontrava perto de um barril na esquina da praça do mercado para que pudéssemos caminhar juntas até a escola, mesmo que isso significasse que ela precisava acordar quase tão cedo quanto os trabalhadores. Quando cheguei à praça, uma fila já estava se formando para o poço. Cada vez mais pessoas o estavam utilizando desde que o rio Arintara começara a secar.

Todas as barracas estavam abertas, vendendo peixe, grãos e couro. A maioria das barracas pertencia ao Governador, com seus toldos azuis parecendo retalhos do céu ao redor da barraca de mel que ficava no centro, com seu toldo brilhante amarelo-sol.

Enquanto caminhava na direção do barril, alguém agarrou meu pulso. Tomei um susto, esbarrando numa barraca próxima, e os legumes caíram no chão sujo.

— Ei! — grunhiu o dono da barraca. — O que você pensa que está fazendo?

Virei-me para ver quem estava me segurando. Era uma mulher trajando uma vestimenta verde, o que significava que ela trabalhava nos pomares. Ela já deveria estar lá — retardatários às vezes eram chicoteados.

— Sinto muito — desculpou-se a mulher com o dono da barraca, sem tirar os olhos do meu rosto. — Isabella Riosse?

— Sim — confirmei. — Quem...

— Algo aconteceu. — Ela apertou o meu pulso com mais força. Ela era tão pequena, seu rosto quase ficava na altura do meu.

— O que você acha que está fazendo? — repetiu o dono da barraca, saindo de trás das pilhas de batatas.

— Cata — sibilou a mulher, ignorando-o. — Você a viu?

Franzi a testa.

— Cata Rodriguez? — Cata estava na minha classe na escola, mas nós só havíamos conversado algumas vezes.

A mulher assentiu enfaticamente.

— Eu sou a mãe dela. Ela disse que vocês eram amigas. Pensei que talvez você soubesse onde ela estava.

Mudei de posição no lugar, desconfortável. Sim, era verdade que eu era mais gentil com Cata do que qualquer um dos outros alunos, mas ela era muito quieta e a maioria das pessoas a ignorava.

— Eu sinto muito — comecei a dizer —, eu não a...

— Procurei em toda parte. Ela não estava lá quando acordei, eu... — A mulher parou, respirando com dificuldade. Ela levou a mão ao peito, como se não conseguisse respirar.

— Você! O que você está fazendo aqui?

A mãe de Cata deu um salto. Um dos homens do Governador estava vindo a passos largos em nossa direção, a multidão se separando como trigo perante sua túnica azul.

— Se você a vir, mande-a para casa — a mulher apressou-se em me pedir, o rosto transtornado de preocupação. E então ela partiu, correndo no sentido da propriedade do Governador.

— Que bagunça — resmungou o dono da barraca, começando a apanhar os legumes. — Não, não ajude. Você já causou problemas o bastante.

Atordoadada, caminhei até a esquina da praça do mercado onde Lupe e eu sempre nos encontrávamos. Algo no rosto da mulher me abalara até os ossos. Só esperava que Cata estivesse bem.

— Isa!

Girei quando Lupe veio correndo pela praça, sua mochila chacoalhando. Os outros aldeões se afastaram, querendo distância dela. A filha do Governador não tinha muitos amigos. Não que Lupe se importasse com isso.

— Eu não dou a mínima — disse ela a uma das garotas, que a provocava sobre as tranças rebuscadas que sua mãe insistia que usasse. — Isabella gosta delas, e isso é o suficiente para mim.

Formávamos uma estranha dupla, Lupe e eu: ela era alta como um garoto quase adulto e eu mal chegava aos seus ombros. Ela parecia ter crescido ainda mais no mês que passara desde a última vez que eu a vira. Sua mãe não ficaria satisfeita. A Señora Adori era uma mulher pequena e elegante de olhos tristes e sorriso frio. Lupe contou que ela nunca ria e acreditava que meninas não deveriam correr, nem tinham o direito de ser tão altas quanto Lupe estava ficando.

Ela me abraçou com força e recuou, olhando-me de cima a baixo.

— Continua tão baixinha! — ela disse com inveja, depois franziu a testa. — Qual é o problema? Você está tão pálida. Seu pai não deixou você sair ao sol neste verão? Mamãe faz isso comigo, mas às vezes eu saio escond...



— Cata está desaparecida — forcei-me a pronunciar as palavras. — Acabei de ver a mãe dela.

— Cata?

Revirei os olhos com impaciência.

— A garota que se senta nos fundos.

Lupe mudou o peso do corpo de um pé para o outro. Ela tinha no rosto aquela mesma expressão de Pep, quando se afastava de fininho de um prato quebrado.

Eu a encarei.

— O que foi?

— O que foi o quê? — disse Lupe, puxando a bolsa mais para cima no ombro.

— Você sabe de alguma coisa. — Dei um passo à frente.

— Não, não sei. — Ela recuou um passo.

Levantei minha sobrancelha do jeito que papai havia me ensinado.

Lupe se encolheu.

— Tenho certeza de que não é nada. É que... ela estava trabalhando na cozinha neste verão, e pedi a ela que fosse até o pomar para mim ontem, para pegar alguns...

— No pomar!?! — Aquela sensação ruim no meu estômago voltou a tomar conta de mim. — Lupe, você sabe que não temos permissão.

— Sim, claro que eu sei, mas eu não comia uma fruta-dragão (pitaia) há séculos. Eu precisava tê-las no meu aniversário, não é?

Eu nunca tinha comido fruta-dragão e nem sabia ao certo como elas eram, mas eu sabia que eram as preferidas de Lupe, cultivadas no pomar do Governador nos limites da floresta. Longe do alcance de todos, exceto de seus guardas e alguns de seus empregados.

— Lupe, você sabe que se Cata foi apanhada, é provável que ela esteja no Dédalo agora.

Lupe fez um gesto de desdém com a mão.

— Você continua falando sobre esse lugar? Eu nunca o vi, e olha que eu moro lá.

Era típico que Lupe não notasse algo bem debaixo do seu nariz. E o Dédalo — o labirinto — *estava* bem debaixo do nariz dela, porque o Governador Adori havia construído sua casa bem em cima dos túneis naturais que agora eram sua prisão. O marido de Masha havia servido lá por uma década antes de morrer.

Lupe lançou o braço ao redor dos meus ombros.

— Venha, sua rabugenta. Cata vai ficar bem! — Ela começou a me empurrar pela rua estreita em direção aos campos. — Ela já vai estar na aula, com certeza se lambuzando com a minha fruta-dragão. Eu deixo você experimentar uma, elas são tão deliciosas... E não se esqueça dos fogos de artifício hoje à noite!

Lupe odiava a escuridão, mas adorava fogos de artifício. Eles eram extraordinários, com suas lindas cores e brilhos de estrelas cadentes, mas assustavam Pep demais para que eu gostasse deles.

— Papai me deixou escolher as cores. Há uns dourados, um azul, dois vermelhos...

Deixei a voz de Lupe me invadir enquanto pegávamos nosso atalho pelos campos. Ela devia estar certa. Mesmo que Cata tivesse sido apanhada, com certeza os homens do Governador não teriam atirado uma menina no Dédalo apenas por roubar frutas, não é? Prometi a mim mesma que seria um pouco mais legal com Cata na escola, talvez até mesmo a convidasse para assistir aos fogos de artifício do aniversário de Lupe no meu jardim.

— Ah, e você não viu isso — disse Lupe, parando de repente e me forçando a fazer o mesmo.

— O quê?

Lupe soltou uma grossa corrente de ouro do vestido e a segurou na palma da mão. Um medalhão de ouro brilhava à luz do sol, gravado com uma forma que reconheci.

— É Afrik, de onde papai é — explicou Lupe. — Ele me deu de aniversário. Era da minha avó.

— O que tem dentro?

Lupe deu de ombros.

— Papai diz que eu não posso abri-lo até que eu seja mais velha. Ele é o único que tem a chave.

— É adorável.

— É pesado — disse Lupe. — Mas eu gosto dele. Foi tudo o que ganhei, no entanto.

Ela olhou para mim com expectativa. Tentei fingir que não sabia o que ela estava esperando, mas estava sorrindo de um modo tão bobo que eu não consegui continuar com aquilo. Tirei um pergaminho da minha mochila.



— Feliz aniversário — parabeneizei-a, sorrindo também.

— Um mapa! Com um X marcado!

Era um mapa muito simples, sem linhas estelares e uma rosa dos ventos que consistia apenas de uma seta com um N na ponta. Não tinha dado tempo de eu fazer uma caça ao tesouro decente, com várias pistas.

— O tesouro. — Apertei os dedos de Lupe.

— Não tem sentido ficarmos aqui paradas — gritou Lupe, disparando numa corrida. — Vamos ver quem chega primeiro!

Com suas pernas compridas, Lupe deveria ter sido a favorita, mas ela era tão descoordenada quanto um coelho de uma perna só, então, corremos lado a lado. Meus pulmões se encheram de ar enquanto eu corria pelo campo seco, a bolsa batendo do meu lado.

Cata estará na escola, Lupe terá a sua fruta-dragão, e tudo ficará bem.

Por fim, Lupe chegou ao X, a toca de coelho abandonada onde Pablo tinha escondido o presente para mim. Lá dentro havia um pequeno embrulho em papel azul. Ela desembulhou a pulseira simples e trançada, feita com sobras de linhas que eu havia pedido para Masha. Entre os fios multicoloridos, havia um, dourado, que eu havia roubado do estúdio de papai. Ele nunca mais tinha feito mapas especiais, então, não achei que fosse sentir falta.

— Adorei! — Lupe enrolou-a no pulso e eu dei o nó. — É o meu presente favorito.

Só mesmo Lupe preferiria uma cordinha mixuruca a um medalhão de ouro puro. Isso era outra coisa que eu gostava nela.

— Venha — eu disse, pegando sua mão suada e puxando-a na direção da baixa construção retangular da escola. Atrasar-se para o primeiro dia de aula podia não causar problemas para Lupe Adori, mas a Señora Feliz não perdoaria assim tão fácil a boa e velha Isabella Riosse.

Começamos a correr de novo, esperando não ouvir o sino, e chegamos empatadas, ofegando e rindo, com a lateral de nossos corpos pinicando.

— Eu... ganhei! — Lupe arfou.

— Não... eu! Eu... venci... você.

— Meninas! — A Señora Feliz apareceu na porta da escola, seu rosto azedo como um limão. Quando reconheceu Lupe, seu rosto ficou tão azedo quanto dois limões. — Señorita Adori! Deveriam tê-la avisado, eu enviei alguém para falar diretamente com o seu pai...

— O quê? — Lupe franziu a testa. — Por quê?

— Houve um... Bem, seu pai dirá a você, tenho certeza. A escola está fechada hoje.

— Fechada? — repeti feito boba. — Mas por quê?

— Já chega de perguntas! — vociferou a professora. Em seguida, seu rosto empalideceu quando seus olhos se fixaram em algo atrás de nós.

Viramo-nos para ver uma carruagem puxada por um par de garanhões castanhos percorrendo devagar o caminho esburacado do vilarejo. Os cavalos pareciam agitados, desviando-se e sacudindo as crinas. Dois homens estavam sentados ao lado do cocheiro, o sol refletindo em suas espadas.

As cortinas azuis da carruagem estavam fechadas, protegendo seus passageiros do calor. Mas mesmo a essa distância, eu conseguia distinguir através da seda as silhuetas da figura grande do Governador e sua pequena esposa.



CAPÍTULO TRÊS

A carruagem parou em frente à escola. O cocheiro pulou do assento para abrir a portinhola enquanto o Governador Adori afastava as cortinas e descia do veículo, pisando no solo. Eu recuei, ficando atrás de Lupe. Assim tão de perto ele era mais baixo do que eu esperava, mas tinha ombros largos, o peito redondo como um barril.

Eu nunca o havia conhecido, só o tinha visto em seu cavalo no desfile anual, quando todo o vilarejo era obrigado a sair de suas casas e saudar. Os homens do Governador até distribuía bandeirinhas azuis para as pessoas agitarem e as multavam se suas roupas estivessem sujas. Eu me perguntei se ele sabia que Lupe era amiga da filha do cartógrafo.

— Venha agora — ordenou ele a Lupe.

Ela olhou insegura para mim. Soltei sua mão.

— Papai, o que...

— Sem perguntas. Entre.

— Isabella pode vir?

Baixei a cabeça enquanto ele olhava além dela.

— Não — ele respondeu. — Nós estamos indo para casa.

— Podemos deixá-la no vilarejo, então? — pediu Lupe, hesitante. Eu sabia que ela não tinha permissão para convidar ninguém para ir à sua casa.

O Governador estalou a língua, depois fez o mesmo com os dedos na minha direção.

— Apresse-se.

A Señora Feliz veio sobressaltada para o nosso lado.

— Perdoe-me, Governador Adori. Eu enviei alguém para avisar, mas as meninas cortaram caminho pelos campos...

A professora calou-se quando o Governador ergueu a mão com impaciência. Ele fez um sinal para que entrássemos na carruagem.

Minhas pernas tremiam enquanto eu subia para o interior macio e me sentava de frente para a Señora Adori. Ela afastou suas saias das minhas sandálias sujas de terra. Seus lábios estavam franzidos e ela estava ainda mais pálida do que o habitual, seu leque de seda azul abanando com impaciência ao redor de seu rosto. Papai disse que ela viera de Europe, e de fato ela se vestia como se tivesse vindo de lá. Apesar do calor, ela estava usando um vestido de seda azul, e uma gota de suor serpenteava por sua bochecha. Ela não fez nenhum movimento para limpá-la.

Partimos. Era a minha primeira vez em uma carruagem, mas era difícil me sentir animada. Por que a escola havia sido fechada? E por que o Governador tinha ido buscar Lupe? Ele nunca tinha feito isso.

Arrisquei uma espiada nele. Sentava-se imponente no espaço apertado da carruagem, sua pele mais escura que a de Lupe, escura como a de papai. Seus olhos estavam apertados, as pupilas negras e finas como as de uma serpente, tão frias quanto. Enquanto eu o observava, uma libélula amarela surgiu por um breve momento próxima à sua têmpora e ele a capturou em pleno voo, esmagando-a entre dois dedos e jogando-a no chão acarpetado. Estremeci.

Por que ele viera para cá? Por que tratava Joya como se pertencesse a ele e não às pessoas que viviam aqui há séculos? Por causa dele, eu nunca tinha visto o restante da nossa ilha, muito menos o mundo, e as habilidades de papai como cartógrafo eram desperdiçadas. Por causa dele, não havia mais pássaros canoros. Masha afirmou que era ele o culpado pelo rio secar, mas papai disse que ela estava apenas sendo supersticiosa.

Estava abafado e quente. O veludo dos assentos grudava nas minhas pernas e eu desejava puxar a cortina para o lado e ver o que estava acontecendo lá fora, mas mantive meus olhos fixos num molho de chaves reluzindo no cinto dele. Lupe também parecia desconfortável.

— O que está acontecendo, papai?

O punho do Governador se fechava e abria.

— Sua mãe vai explicar quando chegarmos em casa. — Seus olhos voltaram-se para mim.

— É alguma coisa ruim?

Ele deu uma risada desprovida de emoção, como um sino grave e desafinado. Fui tomada pelo medo. Por que ele não podia explicar agora?

Ninguém falou de novo até que o Governador gritou o comando:



— Pare! — E os cavalos foram parados. A carruagem balançou quando o cocheiro pulou e abriu a portinhola. Puxei a cortina e minha pele gelou.

Estávamos de volta à praça do mercado, mas ela estava deserta. Todas as barracas estavam fechadas e vazias, exceto pela massa plumosa de corvos que brigavam pelos restos. Eu não estava entendendo. Normalmente, aquela era a hora mais movimentada do dia, quando os moradores faziam suas compras antes que o pior do calor varresse as ruas de Gromera.

A voz do Governador Adori soou baixa e severa.

— Vá para casa, garota. Não podemos levá-la além deste ponto.

— Vejo você na escola amanhã? — disse Lupe enquanto eu abria a portinhola, um tom de questionamento em sua voz.

— Nada de escola — bradou o Governador. — Não por alguns dias, pelo menos.

Meu coração se agitou dentro do peito. Eu queria perguntar o que estava acontecendo, mas minha garganta parecia estar cheia de areia. A esposa do Governador mais uma vez afastou as saias dos meus pés. Tomei o cuidado para não raspar a minha sandália em seu sapato de seda enquanto descia.

O Governador fez menção de fechar a portinhola, mas Lupe se esticou e me abraçou com força.

— Vou tentar descobrir o que está acontecendo — ela sussurrou no meu ouvido. — Você me encontra perto do barril amanhã? Ao entardecer? E não se esqueça dos fogos de artifício!

Assenti ao mesmo tempo que os cavalos eram chicoteados, começando a trotar, e ela foi lançada de volta ao interior da carruagem, sua silhueta recortada por trás da cortina.

Quando cheguei à nossa casa, mal conseguia respirar. A porta se encontrava escancarada e o vaso de flores ao lado da porta estava derrubado, esparramando terra e margaridas. Isso me fez parar de súbito. O pânico que me conduziu colina acima agora me detinha.

— Papai?

Nada.

Dei um passo à frente.

— Papai!

A luz do sol projetou padrões giratórios em meus olhos na escuridão. Pisquei para que aquilo cessasse.

Papai não estava na sala principal. O cômodo estava do mesmo jeito de quando parti; a tigela de mingau queimado, intocada sobre o mar de mapas. As paredes balançavam levemente — se era por causa dos mapas pendurados ou da minha cabeça que girava, eu não sabia. Somente o jarro verde-floresta havia sido colocado de volta na prateleira.

Um ruído veio do estúdio de papai e o alívio me preencheu como ar. Isso era típico de papai, ocupado demais com o trabalho para me ouvir. Era provável que nem soubesse o que estava acontecendo lá fora. Atravessei a cortina grossa e a puxei de lado.

— Papai...

As venezianas estavam abertas, deixando passar uma brisa que levantava suavemente os papéis que cobriam sua mesa. Devia ter sido isso que ouvi, porque o banco estava vazio. Manchando o pergaminho sobre a mesa havia algo brilhante.

Incapaz de me conter, estendi a mão para tocar.

Era úmido. Os meus dedos estavam vermelhos.

Senti o quarto se afastando, minha mente sendo invadida pela escuridão.



Cada um de nós carrega o mapa de nossa vida impresso na pele...

A voz de papai. Por que ele estava falando assim — frio, devagar?

Está vendo aqui, como as veias do meu pulso não são azuis, são pretas?

E por que eu sabia exatamente o que ele iria dizer a seguir?

Sua mãe sempre disse que o que eu tinha nas minhas veias era tinta. Eu sou um cartógrafo até os ossos.

Papai estava à minha frente, caminhando por uma via escura de casas que balançavam ao vento como se fossem árvores. Agora, elas *eram* árvores e papai estava esticando a mão para mim, o vermelho inundando a palma da mão. Seu peito era uma mistura ensanguentada de pele e penas, penas negras, como as dos corvos que Pep pegava.

Até os ossos...

Eu estava sonhando. O papai do sonho estava andando na minha direção, uma expressão vazia em seu rosto. Desprendi meu peito do chão quente, içando-me para trás, para longe dele, ao longo da comprida fileira de árvores, para fora do sonho.

Algo estava cutucando o meu cabelo.

Senhorita La. Quando abri os olhos, ela cacarejou indignada e começou a correr em círculos. Eu estava no chão do estúdio. Pep estava sentado na porta, olhando-me com cautela. Mas papai — onde ele estava?

Minha cabeça latejava quando olhei para os meus dedos. Aquela mancha vermelho-escura continuava lá. Levantei-me devagar. O quarto se inclinou e meu ombro doeu na região onde eu havia aterrissado sobre ele. Caminhei trêmula pela casa, verificando a cozinha e o jardim, onde o arbusto de tabaiba de Gabo estava começando a florescer e mostrar botões em formato de estrela. A Senhorita La e Pep me acompanharam, mas papai não estava em lugar algum.

Na frente, a rua ainda estava deserta. Segurei-me na maçaneta como se o chão fosse um oceano e soltá-la significasse me afogar. O rufar nos meus ouvidos havia retornado, encobrindo o som de insetos e dos corvos que os caçavam.

— Por aqui. — A voz me fez pular. — Isa, aqui dentro.

Masha estava espiando por uma fresta em suas venezianas. Larguei a porta e atravessei a rua, as pernas tremendo.

Masha fechou com pressa a porta atrás de mim.

— O que você está fazendo lá fora sozinha?

As palavras saíram da minha boca numa enxurrada.

— É papai, ele não está em casa, eu não consigo encontrá-lo e tem sangue... — Estendi a mão. Ela tremia, a despeito da minha vontade.

— Isa, respire.

Masha enxugou minhas lágrimas com o punho e me conduziu para uma cadeira. Ela esticou os meus dedos recolhidos e trouxe uma tigela de água morna do fogão. Ela começou a esfregar a mancha com um pano áspero. A porta dos fundos estava aberta e uma brisa preguiçosa soprava do pátio de terra.



— Isso não é sangue. — O rosto de Masha estava franzido devido à concentração.

— O quê?

— Não é sangue. Está vendo? Percebe como ele não sai, não importa o quanto eu esfregue?

A mancha de um vermelho vivo continuava ali.

— Mas o que é isso?

Masha encolheu os ombros.

— Tinta, creio eu.

— Mas onde está papai?

Uma voz soou da porta dos fundos. Apertei os olhos e distingi a silhueta de costas largas contra a iluminação. Pablo.

— Eu o vi indo para a praça do mercado algum tempo atrás — disse ele.

— Não pareceu ferido para mim, apenas assustado. — Sua voz não era mais a de um menino, mas grave e ligeiramente falha no fim das frases.

Masha estalou a língua mostrando desagrado.

— Por que não disse isso antes?

Engoli em seco.

— Aonde ele estava indo?

— Imagino que pegá-la na escola depois de ouvir o que aconteceu.

— *O que* aconteceu?

— Quer dizer que você não sabe? — surpreendeu-se Masha, com a voz fraca.

Balancei a cabeça em desespero.

Masha e Pablo falaram ao mesmo tempo.

— Talvez devêssemos esperar até seu pai chegar aqui...

— Eles encontraram um corpo.

— Pablo! — Masha o repreendeu.

— Que foi? Ela quer saber. De qualquer jeito, ela vai descobrir.

— Você só quer assustá-la.

— Eu não vou ficar assustada. — Projetei meu queixo para a frente para mostrar que não estava mais chorando. — Pode me contar.

Masha jogou no chão o pano que estava usando para limpar meus dedos.

Pablo hesitou, depois se levantou, avançando para a sombra.

— Esta manhã, uma menina foi encontrada no pomar — revelou ele, por fim.

Tomando meu silêncio como incompreensão, Masha pegou na minha mão com delicadeza.

— Ele está dizendo que uma garota foi encontrada morta. Assassinada.

O silêncio se prolongou até que me forcei a falar.

— Quem?

Masha fez uma pausa, olhando para Pablo. Ele estava tão mais alto. Dois anos o fizeram dar uma espichada; estava com a altura de um homem feito. Perguntei-me se Gabo estaria do meu tamanho ou mais alto do que eu.

— Uma garota chamada Cata. Cata Rodriguez.

Fitei-o por um longo tempo, não sentindo nada, ouvindo-o através do latejar nos meus ouvidos. Pressionei a palma da mão contra a minha testa para deter a crescente inundação de perguntas. Masha a tomou e a segurou entre as suas.

— Isabella, você precisa descansar.

Abri a boca para contestar, mas Masha ergueu um dedo de advertência.

— Nem mais uma palavra. Sei que você está preocupada com seu pai, mas ele é um homem inteligente e ficará bem.

Assenti, entorpecida.

— O Governador ordenou um toque de recolher até encontrarem... até que resolvam tudo isso.

— Toque de recolher?

— Temos que ficar dentro de casa. É provável que seu pai esteja preso em algum lugar esperando que o toque de recolher seja suspenso. Ele nunca me perdoaria se eu a perdesse de vista. Não depois de um assassinato.

Um calafrio nos percorreu.

— Vou para casa e esperarei. — Levantei-me, mas Masha me forçou com firmeza de volta para baixo.

— Você vai *descansar*.

A velha senhora levantou-se e passou pelo filho, dirigindo-se ao jardim. Pude vê-la colhendo alguma coisa de um arbusto baixo próximo à porta.

Pablo virou-se para mim. Seu rosto era largo, porém, não mais redondo, anguloso na altura das maçãs e da mandíbula. Seus olhos continuavam do mesmo tom castanho-escuro, no entanto. Desviei os olhos para o meu colo, de repente tímida.

Masha voltou e encheu uma caneca no balde de água.

— Beba isto e coma isso aqui. — Ela me ofereceu duas pequenas frutinhas escuras. — Elas vão ajudá-la a dormir.

— Eu não preciso dorm...

— Você passou por um susto terrível. Coma um pouco e depois você pode se deitar no quarto de Pablo até o seu pai voltar.

— Ele não saberá onde estou!

— Vou ficar de olho na janela aguardando o retorno dele. Não tirarei meus olhos da rua.

Masha depositou as frutinhas na mesa, observando enquanto eu as apanhava e mastigava. Elas provocaram pequenas explosões de amargor que fizeram minha língua formigar.

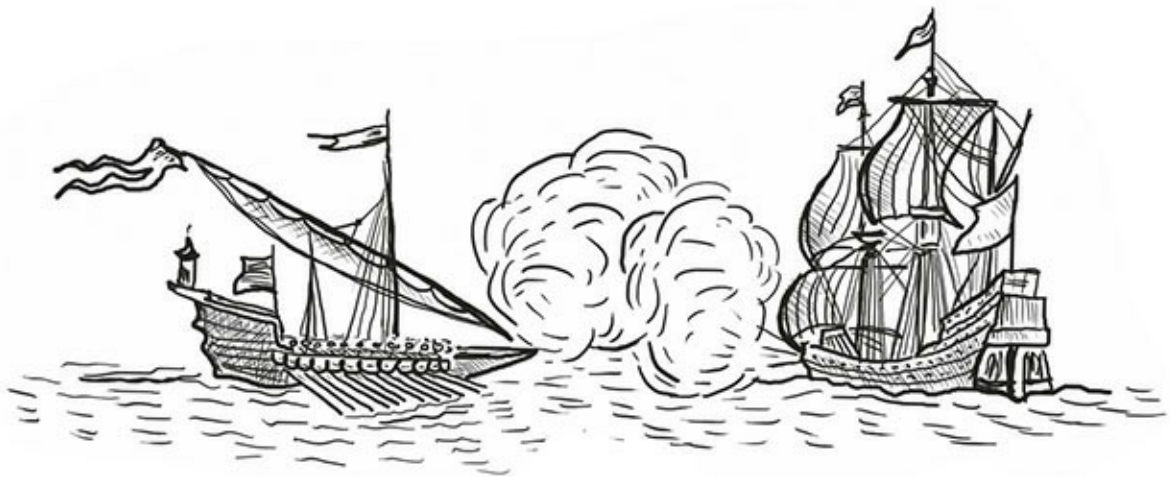
Depois de forçar um pão goela abaixo, segui Masha até o quarto de Pablo e

fui para a cama. O travesseiro era macio e os lençóis cheiravam a lavanda e, à medida que o meu corpo era tomado pela moleza provocada pelas frutinhas, meus pensamentos perseguiram a si mesmos como cães caçando o próprio rabo.

Cata, morta.

O pomar. Fruta-dragão. Lupe.

Cata, morta.





CAPÍTULO QUATRO

Pum! Pom!
Sentei-me, o coração batendo forte. O quarto de Pablo estava repleto de chamas, mas eu não sentia calor algum.
Pum! Pom!

Olhei para fora da janela baixa. O ar cantava com faíscas, lançadas como um punhado de rubis contra a noite.

Pum! Pom!

Eram os fogos de artifício do aniversário de Lupe. Eu conseguia sentir o cheiro deles — fumacento e acentuado, fazendo minhas narinas formigarem.

Enxofre, Lupe me contou. É o que os faz explodir!

Voltei a me deitar. Os fogos de artifício continuaram estourando mais três vezes, tingindo o quarto de azul e dourado. Quando o último deles zumbiu, ouvi sussurros baixos e urgentes sendo filtrados por baixo da porta fechada.

Meu coração pulou quando ouvi o som característico da bengala de papai e depois o ribombar de sua voz grave.

— Tem certeza de que ela está dormindo? Com toda aquela barulheira?

Apertei bem forte os olhos. O que quer que papai estivesse prestes a dizer a Masha, ele não queria que eu ouvisse, o que significava que era provável que fosse algo que eu *queria* desesperadamente escutar. Ouvi a porta se abrir um pouquinho, e depois se fechar de novo.

— Num sono profundo. Eu dei a ela algo para ajudar a dormir.

— Obrigado, Masha. Ela sabe sobre Cata? — perguntou papai.

Apertei o lençol à menção do seu nome.

— Sim... Eu queria esperar por você, mas Pablo contou.

Papai soltou um longo suspiro e houve um murmúrio baixo que poderia ter sido Pablo se desculpando.

— Ela está bem — assegurou Masha, tranquilizadora. — Onde você esteve?

— Eu tentei mandar uma mensagem, mas...

Masha aguardou a conclusão da frase. Eu também fiquei esperando.

Papai limpou a garganta.

— A Señora Feliz me disse que Isa foi levada para casa em segurança, então, juntei-me a uma equipe de busca.

— E quanto ao toque de recolher?

— O Governador não está procurando... Nós tínhamos que fazer alguma coisa.

— Ele sequer cancelou os fogos de artifício do aniversário da filha! — Pablo se enfureceu. — Que tipo de pessoa faz isso?

Masha fez “shhh” para ele, para que baixasse a voz.

— Para onde vocês foram? — ela perguntou a papai.

— Para o pomar. Nós não fomos autorizados a entrar na floresta...

— Por que não? — interrompeu Pablo. — Se eu tivesse acabado de matar alguém, eu sei para onde iria...

— Silêncio! — Masha o repreendeu, mas Pablo insistiu, sua voz demonstrando bastante irritação.

— Adori não se importa com Cata, não é?

— Pablo! — A voz de Masha estava permeada pelo medo. Era perigoso acusar o Governador de fazer algo errado. As pessoas que o faziam descobriam o sumiço de seu gado e depois o reaparecimento dele nos campos do Governador, ou encontravam seus poços de água sujos com lama.

— O menino está certo — defendeu papai. — Adori não está fazendo nada. E eu concordo que quem quer que tenha feito isso provavelmente rumou para os Territórios Esquecidos.

— Existe alguma pista? — perguntou Masha.

Saí da cama e me aproximei da porta quando papai baixou a voz.

— Eles encontraram marcas ao redor do corpo. Pareciam marcas de garras para mim, mas não há cães tão grandes. São golpes profundos, largos como o meu polegar. Talvez o assassino tenha raspado o chão para encobrir seus rastros.

Eu não podia mais ficar ali escutando. Abri a porta, escancarando-a.

Papai e Masha estavam sentados à mesa da cozinha e Pablo, de pé perto da janela. Papai levantou-se de forma desajeitada, sua perna ruim vacilando ligeiramente. Ele estava todo cheio de terra, com olheiras sob os olhos injetados e manchas de tinta vermelha em sua camisa. Mas ele estava ali. Estava são e salvo.

Corri para ele.

— Quem fez isso, papai? Por que o Governador não está procurando quem...? — obriguei-me a dizer as palavras — ... quem matou Cata?

Os três estavam me encarando com a mesma expressão, como se soubessem de algo que eu não sabia.

Minhas bochechas ficaram quentes.

— Alguém precisa fazer alguma coisa!

— Já chega, menina!

Encolhi-me e engoli minhas perguntas. Papai nunca gritava.

— Vamos — disse ele, seco.

Nós nos arrastamos pelos poucos metros até nossa casa num profundo silêncio, que não tinha nada a ver com o toque de recolher.

Carreguei Pep para o meu quarto e fiquei escutando papai arrumar tudo. Quando ele entrou, fingi estar dormindo, mas ele sempre sabia dizer se eu estava ou não.

— Sinto muito por gritar com você, Isa. Eu não deveria ter feito isso. É que... — Ele suspirou pesadamente. — Estou cansado. E triste, por Cata. Isso faz sentido?

Produzi um pequeno barulho na garganta.

— Pensei... Posso talvez me desculpar com uma história? — ele sugeriu.

Pep deu um miado rabugento quando rolei para encarar papai.



— Por que você não me conta o que aconteceu?

— Que tal Arinta?

Era a minha história preferida — o mito da salvadora de Joya — e, embora Lupe tirasse sarro de mim por eu ser muito crescida para contos de ninar, eu adorava ouvi-la. Mas eu ainda estava irritada. Rolei de volta e Pep rosnou.

— Está bem. — Papai suspirou. — Vou deixar você dormir.

Antes que ele pudesse se levantar, estiquei a mão atrás de mim.

— Acho que uma história não faria mal.

Ele voltou a se sentar e, quando começou a falar, pude sentir o sorriso em sua voz.

— Arinta era uma garota muito corajosa. Ela vivia no centro de Joya mil anos atrás, quando nossa terra era livre, despregada do continente, e navegava pelo oceano como um navio vivo. Não havia fronteiras florestais, nada de Territórios Esquecidos, e os pássaros canoros gorjeavam em cada uma das árvores.

— Mas, um dia, um demônio do fogo que borbulhava debaixo do leito do mar notou a bela ilha flutuante e a quis para si. Seu nome era Yote. Ele era do tamanho de um rio e tão quente quanto o Sol. Ele construiu uma coluna de rocha pela qual escalou e capturou Joya, fixando-a ao leito do mar. O povo de Joya ficou amedrontado. Eles sabiam que ele iria reivindicar a ilha para o Reino do Fogo e eles teriam que deixar suas casas.

— Arinta estava triste. Ela amava Joya, com suas florestas, o mar e os pássaros canoros. Então, naquela noite, ela roubou a espada de seu pai e saiu de casa às escondidas, dirigindo-se para onde Yote chacoalhava a terra, preparando-se para engolir Joya. Ela viajou até o subterrâneo por meio de uma cachoeira, encharcando-se na água para se proteger contra as chamas, e caminhou até chegar ao covil de Yote. Ela o chamou. Yote a ouviu, mas não parou de chacoalhar.

— Arinta não desistiu. Ela atacou as paredes de rocha com sua espada para despejar o mar sobre ele. Yote ficou com medo. Ele poderia derrotar rios, mas o mar o engoliria. Ele concordou em não tomar a ilha se ela parasse. Eles fizeram um juramento nesses termos e ela deixou a espada incrustada na rocha, assim, ele saberia que ela estava cumprindo sua promessa.

Papai hesitou.

— Acho que devemos parar por aqui.

— Mas você sempre diz que tem que terminar as histórias, mesmo que elas não tenham finais felizes — argumentei, apesar de tê-la ouvido tantas vezes que poderia até contar a história junto com ele.

Ele falou rápido, as palavras diluindo-se umas nas outras.

— Mas, se por um lado Yote era um demônio preguiçoso, por outro ele também era orgulhoso. Ele não queria que os habitantes da ilha soubessem que uma garota o havia enganado, mas ele não podia destruir a ilha, já que os juramentos ficavam ligados aos demônios durante mil anos. Em vez disso, ele enviou seus cães de fogo atrás de Arinta e eles a perseguiram pelos túneis até que ela se perdeu.

— O pai de Arinta a procurou incansavelmente pelos túneis, mas ela nunca mais foi vista. Alguns dizem que ela se tornou o próprio rio; outros, que ela ainda está lá embaixo, seu espírito certificando-se de que Yote cumpra sua promessa. Seja como for, Arinta cuida de Joya, seu sacrifício é uma dádiva mais poderosa que qualquer demônio de fogo.



CAPÍTULO CINCO

-Bom dia, pequenina. — A voz de papai era meiga. —
Desculpe por acordá-la. Como você está se sentindo?
Eu não conseguia dizer em voz alta a terrível preocupação
que me assolava.

— Bem.

Sentei-me enquanto Pep pulava da cama.

— Eu vou de porta em porta hoje com alguns dos outros — informou papai. — Perguntar se alguém viu alguma coisa.

— E quanto ao toque de recolher?

— Algo tem que ser feito. Não se preocupe — apressou-se em dizer, suavizando o meu cenho franzido. — Não fomos pegos ontem, não é? E se você tiver algum problema, basta chamar Masha pela janela. Mantenha a porta trancada.

Senti uma pontada de medo diante da ideia de ser abandonada, mas papai estava certo. Cata merecia justiça, e enquanto Pep e a Senhorita La estivessem aqui eu não ficaria sozinha.

Antes de papai partir, banhei sua perna e a enrolei com firmeza. A velha cicatriz corria de forma irregular do joelho até o tornozelo, como uma veia vermelha. Quando ele pulou a bordo do navio em Ægypt, ele nem sabia para onde estava indo. *Até onde sabíamos, navegaríamos pela borda do horizonte e nunca mais seríamos vistos*, explicou ele, apontando para os mapas mais antigos. Bestas horríveis povoavam a costa oriental: peixes gigantescos com garras e escamas listradas como tigres, elefantes de um olho só com caninos e presas afiadas como vidro, criaturas que para os cartógrafos antigos eram menos aterrorizantes do que o desconhecido.

Eu sempre achei isso estranho — preferir monstros a não saber —, mas agora eu entendia. O assassino estava lá fora, desconhecido e anônimo. Isso era mais perturbador do que se o assassino tivesse quatro cabeças e dentes compridos como facas. Quando papai estava saindo, eu o abracei um pouco mais forte que o normal.

— Você estará em segurança, Isa — ele garantiu. — Tranque a porta.



O estúdio de papai estava repleto de tesouros de suas viagens, mas não era o telescópio de Europe nem os mapas astronômicos de Chine que me fascinavam. Era o que estava pendurado na parede acima de sua mesa.

O mapa de Joya de mamãe. Feito antes do Banimento, antes da chegada do Governador, antes mesmo de a família de papai se estabelecer aqui, vinda de Afrik. Feito quando a ilha ainda flutuava. Papai disse que se Arinta fosse real — e é claro que eu sabia que ela era real —, ela teria vivido numa Joya que

se parecia muito com a do mapa de mamãe. Pep pulou para o meu colo e se acomodou enquanto eu estudava a carta geográfica.

O tecido, de um marrom pálido e desgastado devido à idade e ao uso, estava deteriorado nas bordas. O mapa era básico, na melhor das hipóteses, e se concentrava em detalhes estranhos. Gromera era mostrada como o pequeno assentamento que deveria ter sido. O Marisma, o pântano, era costurado em linha azul com a floresta circulando-o. Uma estrela azul marcava Arintan, a cachoeira pela qual se dizia que Arinta teria descido para se encontrar com Yote.

Havia seis vilarejos, espalhados de forma irregular em torno da costa; Carment era o que ficava mais ao norte. O próprio centro do mapa estava em branco, mas, quando colocado contra a luz, parecia levemente tracejado, como as nervuras de uma folha.

Eu me perguntava como seria o restante de Joya agora. Coberta de vegetação, talvez? E quanto às pessoas que o Governador havia banido quando chegou, e aquelas dos outros vilarejos? O restante de Joya poderia estar completamente vazio, pelo que sabíamos.

Afaguei Pep atrás das orelhas e puxei na minha direção uma folha de papel da pilha de peças usadas que papai mantinha para mim. Papai estava me ensinando cartografia desde que Gabo morrera. Era uma tentativa óbvia de me distrair, mas eu passei a amar a coisa. Mergulhei uma pena no tinteiro azul — nem sequer olhei para o vermelho — e comecei a desenhar como na minha cabeça eu achava que eram os Territórios Esquecidos.

Minhas pernas ficaram dormentes antes de Pep por fim se mexer, pular do meu colo e se alongar. Flexionei o meu punho, examinando o mapa quase completo. A escala da floresta estava errada, mas eu estava satisfeita com a precisão das curvas do rio.

Pep miou. Já passava da hora de ele comer. O crepúsculo estava se anunciando lá fora. Franzi a testa. Havia alguma coisa relacionada ao crepúsculo que eu tinha que me lembrar...

Senti um frio no estômago. *Lupe!*

Não pensei duas vezes sobre quebrar minha promessa a papai.

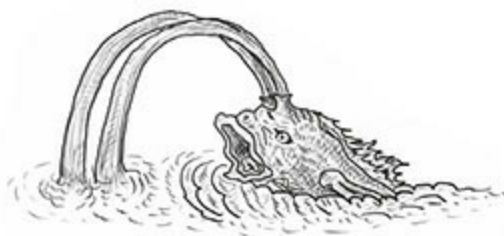


A praça do mercado parecia tão fantasmagórica quanto no dia anterior, como um vilarejo assombrado por espíritos. Corvos grasnavam e brigavam nos telhados.

Do outro lado das barracas vazias, vi Lupe, sentada no barril, as pernas longas saindo por baixo de um vestido de tafetá cor-de-rosa. Sua aparência era a de alguém que estava a caminho de um baile.

Lupe acenou. Ela não parecia assustada.

Arrastei-me até o barril.



— Eu estava preocupada que você tivesse esquecido! — confessou Lupe.
— Foi uma boa ideia combinar isto, certo? Você viu os fogos de artifício?

Assenti. Ela saltou do barril e rodopiou.

— Está tão quieto. Isso não é estranho?

— Tudo está estranho.

— Está prestes a ficar ainda mais estranho, ou melhor, estrangeiro — revelou Lupe, parando subitamente no meio do rodopio. — Adivinha só?

— O quê?

— Vamos fazer uma viagem! — contou Lupe, abrindo bem os braços.

— O que você está querendo dizer?

— Estou *querendo dizer* — disse Lupe, nitidamente desanimada com o meu tom de voz — que papai, mamãe e eu vamos fazer uma viagem. Para Afrik.

Afrik? Tentei fazer com que as palavras fossem assimiladas. O Governador estava indo embora?

— Quando?

— Em breve! — assegurou Lupe, animada. — Mas você não pode contar para ninguém. Papai disse que era segredo.

— É só uma viagem? Você vai voltar?

Ela assentiu com a cabeça, mais cachos se soltando de seu coque.

— Papai teria dito se não fôssemos, não é?

Será que teria?

— Como vocês vão?

Lupe sorriu, satisfeita por ter me impressionado.

— Naquilo.

Ela apontou para o navio rangente do Governador no porto lá embaixo, mas eu não conseguia tirar os olhos do rosto da minha amiga. Ela parecia uma estranha para mim.

Eu sabia que Lupe vivia de maneira diferente dos outros, sabia que isso a tornava egoísta às vezes. Mas ela também era gentil, e normalmente as coisas bobas que ela dizia não me faziam querer ir embora e desejar nunca tê-la conhecido.

— O que há de errado com *você*? — perguntou Lupe. — Pensei que ficaria feliz por mim.

— O que há de errado com *você*? — berrei. — Como pode agir assim, depois que Cata se foi?

— Foi para onde?

— Você não sabe? — Eu disse, a raiva percorrendo o meu corpo como agulhas. — Por que não há ninguém por perto, por que há um toque de recolher?

— Papai não me conta coisas como...

— Será que o *papai* se esqueceu de mencionar o detalhe? É horrível demais para que sua querida filha ouça?

— Por que *você* está sendo tão cruel? — queixou-se Lupe, o lábio tremendo.

— Cata está morta! — gritei, fazendo corvos levantarem voo numa espiral. — Porque *você* a enviou para o pomar e alguém a matou!

As palavras, ditas em voz alta, eram tão chocantes para mim quanto o eram para Lupe. Seu rosto ficou quase tão pálido quanto o de sua mãe.

— Eu não sabia...

— Não, Lupe, *você* escolhe não saber! *Você* não se importa com nada nem com ninguém que não faça parte da sua vida. *Você* não sabe sobre o seu pai, sobre Cata, sobre *nada*...

— Eu me importo. Eu quero saber! Me conte... Ninguém me diz nada!

Nunca havíamos discutido antes e os olhos de Lupe estavam marejados, mas não me importei. Eu me sentia consumida pela raiva e tinha a sensação de que, se continuasse falando, se continuasse magoando Lupe, eu mesma ficaria menos magoada.

— Foi por causa de *você* tê-la mandado pegar a sua fruta-dragão que Cata

estava no pomar na mesma noite que alguma pessoa má. Por sua causa, ela está morta e não vai voltar. E por causa do seu pai, nós não descobriremos quem fez isso. Ele está muito ocupado organizando os seus fogos de artifício para fazer alguma coisa. Ele não mandou um grupo de busca para a floresta, que é para onde todos dizem que o assassino foi...

— A... a floresta? — gaguejou Lupe. — Por que ele não mandou? Por que ele não vai?

— Porque ele é um covarde e totalmente podre. Porque todos em sua família são podres e desde que ele veio para cá tudo está apodrecendo.

Lupe estava chorando agora, segurando a barriga como se eu tivesse lhe dado um soco. Minhas unhas pressionadas contra as palmas produziram marcas semelhantes à lua crescente. Senti-me poderosa, a raiva sobrepujando o medo.

— Minha mãe morreu porque vocês vieram para cá, e Gabo também. Seu *pai* nos impediu de atravessar a floresta para buscar medicamentos. E agora Cata também está morta e vocês estão simplesmente fugindo. Todos vocês estão fugindo para Afrik e nos deixando com a sua desgraça. Meus parabéns.

— Isa, eu... — Lupe estava abrindo os braços para mim, mas eu chutei terra em sua saia.

— Vá embora! Ninguém a quer aqui.

Lupe olhou para mim, o rosto transtornado, as lágrimas escorrendo sem parar pelas bochechas. Em seguida, estava tropeçando em suas pernas desengonçadas, correndo em direção a sua casa.

Chutei o barril com força. Meu dedão entortou para trás e eu ofeguei, desmoronando na terra. A raiva se foi tão rápido quanto surgira, deixando um vazio. O que foi que eu fiz? Abracei meus joelhos, desejando retirar o que havia dito, tudo aquilo. Lupe não sabia, não tinha se dado conta...

— Isabella? — Era Pablo, estendendo a mão para mim. — Você está bem?
Fechei bem os olhos até ter certeza de que não iria chorar, então segurei na mão dele. Ele me puxou com tanta força que fui içada do chão.

— Me desculpe — disse ele; depois olhou para a viela para onde Lupe havia corrido. — Aquela não era a filha do Governador?

— Lupe — funguei. — Somos amigas da escola.

— Amigas? — Pablo arqueou as sobrancelhas. — Não parece.

Esfreguei meu dedão dolorido.

— Eu disse algumas coisas...

— Eu ouvi. Ela disse que eles estavam indo para algum lugar?

— Para Afrik, no barco do Governador. Eu... — Parei abruptamente, lembrando-me de que Lupe me pedira para não contar. Mas eu havia dito coisas piores. — Seria melhor eu me desculpar.

— Não — disse Pablo. — Deixe ela se acalmar. Você deveria ir para casa.

Deixei que ele me levasse para o outro lado da praça e, quando chegamos à nossa rua, notei um hematoma no seu antebraço.

— O que aconteceu?

Ele olhou para baixo e deu de ombros.

— Um dos cavalos me deu um coice. Eles estão com um humor estranho nos últimos dias. As cabras também... Quando saí, elas estavam todas amontoadas contra o portão.

— Por quê?

Ele encolheu os ombros mais uma vez.

— Não diga à minha mãe, ela vai falar sobre presságios e coisas do tipo.

Era a conversa mais longa que tínhamos em anos, mas quando começamos a subir a ladeira, percebi como também era fácil ficar em silêncio com ele, como se os anos e a morte de Gabo momentaneamente tivessem voltado atrás

e estivéssemos retornando, nós três, depois de um dia na praia. Eu queria dizer isso, mas a expressão de Pablo era dura.

Mais ou menos na metade do caminho, ele disse:

— Temos que nos apressar, está quase escuro.

O sol estava se pondo. Corvos se encolhiam em todos os telhados. O número deles parecia ter aumentado desde o assassinato, como se estivessem se multiplicando, preenchendo a ausência de pessoas nas ruas de Gromera. Mantive a cabeça baixa. A terra brilhou num tom laranja e depois desvaneceu-se para um profundo azul-marinho no momento em que chegamos à minha porta verde.



Pablo bateu e ela se entreabriu. O rosto preocupado de papai espiou e então ele abriu a porta.

— Onde você estava?

— Desculpe, papai. Eu...

— Não deixou um bilhete? Você faz ideia de como estive preocupado?

— Ele está indo embora — interrompeu Pablo. — O Governador. Ele vai pegar aquele navio e nos deixar aqui neste caos.

— Pode ser melhor que ele vá embora — argumentou papai.

Pablo balançou a cabeça.

— Ele não pode escapar assim tão fácil. Temos que lhe ensinar uma lição...

— Agora não, Pablo. — Papai olhou sério para mim.

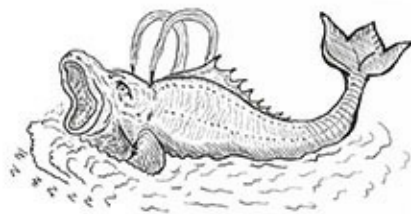
— Você vem comigo? — insistiu Pablo.

— Não.

— Eu vou ficar bem sozin... — comecei a dizer.

— Chega, Isabella.

Encarei-o de volta, fuzilando-o com os olhos, e Pablo desapareceu sem proferir mais nenhuma palavra, deixando um silêncio sepulcral em seu rastro.



CAPÍTULO SEIS

Olhei para o teto. Algo estava diferente, e eu não tinha certeza se estava diferente num bom ou mau sentido. O nascer do sol tinha escorrido pelo quarto, tornando as paredes de barro amarelas. O ar parecia próximo e se deitava sobre o meu corpo como um lençol quente e pegajoso. O silêncio era completo e havia um cheiro estranho, como o mingau queimado de papai, só que mais amargo.

Pep estava sentado no canto mais distante do meu quarto. Ele se encolheu quando me levantei para acariciá-lo. Seu pelo estava eriçado, o rabo desgrenhado como se ele tivesse entrado numa briga.

— Pep — murmurei baixinho, mas ele chiou e se esgueirou para debaixo da cama de Gabo. Ainda vestindo minhas roupas de dormir, saí do quarto. Papai estava sentado à mesa, esfregando os olhos. Ele parecia exausto.

— Pai? — Minha voz estava rouca de sono. — Tem alguma coisa errada com Pep. Ele parece assustado. Ou mal-humorado comigo.

— A Senhorita La também — disse papai, movendo a cabeça na direção da cozinha. Eu podia ouvi-la batendo as asas nas laterais do galinheiro.

— Ela sempre está mal-humorada.

— Não. — Papai parecia perturbado. — Algo os está assustando.

Olhei para a cozinha. Havia penas amontoadas na porta dos fundos e marcas de arranhões na base, como se Pep, a Senhorita La ou os dois tivessem tentado usar suas garras para sair da casa. Meu estômago revirou.

— O que aconteceu, papai?

Alguém tossiu do jardim, me fazendo dar um pulo.

— É só a Masha — esclareceu papai para me tranquilizar. — Ela veio me contar.

— Contar o quê?

Ele sacudiu a cabeça devagar.

— Algo ruim aconteceu ontem à noite, Isa.

A porta dos fundos se abriu, Masha entrou e sentou-se pesadamente. Ela não olhou para mim.

— Eu não entendo — prosseguiu papai. — Mas acho que Pablo pode ter sido confundido... Ele está bem — apressou-se em acrescentar. — Mas ele e Goraz e alguns dos outros. Eles...

— Eles fizeram uma coisa muito estúpida — concluiu Masha para ele.

Desabei no banco em frente a eles.

— O quê?

— Eles deveriam ter deixado o Governador ir embora — lamentou Masha, aturdida. — Por que a vingança sempre vence o bom senso?

— Silêncio, Masha — repreendeu papai.

Meu coração começou a bater acelerado. Era minha culpa. Eu tinha dito a Pablo que Lupe contara que eles estavam partindo.

— O que eles fizeram?

— Eu fui ver por mim mesma — contou Masha, sua voz quase monótona. — É um mau sinal, guardem as minhas palavras. Algo mais está por vir. A

última vez que vi uma coisa parecida com essa foi quando os pássaros canoros...

— Por favor, Masha — pediu papai. — Já chega.

— Mas é isso o que é. Um sinal. Porque Pablo disse que os animais não tinham nada a ver com eles. Apenas o navio.

— Os animais? O navio? — Antes que meu cérebro pudesse acompanhar meu corpo, calcei minhas sandálias e destranquei a porta com dedos trêmulos.

— Isabella, não! — Papai estava se esforçando para se levantar, sua perna ruim se dobrando embaixo dele enquanto ele buscava a bengala.

Eu não esperei por ele.

Lá adiante, fumaça erguia-se do porto. Comecei a correr.



As pessoas estavam se aglomerando na beira d'água e aquele mesmo odor pungente preencheu o ar, misturando-se com a fumaça, atacando a minha garganta.

Aos poucos, a água fumegante se transformou em outra coisa. Os restos carbonizados do navio do Governador, o casco enegrecido, as cinzas das velas.

As palavras de Pablo flutuaram de volta para mim na fumaça ácida. *O Governador. Ele vai pegar aquele navio e nos deixar aqui neste caos... Ele não pode escapar assim tão fácil...*

Os corvos estavam sobrevoando em círculos como uma nuvem de moscas. Com a respiração irregular, alcancei o primeiro dos aldeões e comecei a abrir

caminho para a frente, passando por baixo de braços e contornando pernas. Embora eu tivesse sonhado por anos com o dia em que entraria no mar, nem deu para apreciar a experiência. Quando as primeiras ondas começaram a encharcar a minha camisola, olhei para baixo.

Uma maré de animais mortos se estendia diante de mim, abarrotando o porto: gado, cavalos, galinhas e cabras... todos eles identificados com a marcação do Governador. Seus animais se afogaram. Os corvos já haviam começado a mergulhar para se alimentar das carcaças.

Teria Pablo e seus amigos feito aquilo também? Eu não podia acreditar nisso. Quando os meus joelhos fraquejaram, mãos fortes e ásperas me seguraram pelas axilas e começaram a me arrastar de volta no meio da multidão.

Então, vieram outros sons: vozes altas, gritos, berros. As pessoas estavam lutando contra os homens do Governador, seus uniformes azuis brilhando contra as roupas cinzentas e marrons dos aldeões. Tentei me desvencilhar das mãos que ainda me afastavam, mas elas me seguravam com firmeza.

Era Pablo de novo, seu rosto de certa forma envelhecido. Ele me apanhou e correu. Outros também estavam correndo.



Estiquei o pescoço por cima do ombro de Pablo e vi toda a horrível cena plasmada como se o tempo tivesse parado: a baía, repleta de animais mortos,

o sangue encharcando a areia enquanto os homens do Governador pegavam seus chicotes e arrastavam as pessoas para os carroções de aprisionamento.

Fechei os olhos, desejando poder esquecer tudo aquilo, mas a sucessão vermelha e negra das ondas queimava por trás das minhas pálpebras.

E então, papai estava falando próximo do meu ouvido, uma porta estava sendo aberta e a mão dele acariciava a minha cabeça enquanto eu era carregada, passando pelo farfalhar dos mapas, e deitada na minha cama desarrumada.

— Maldita perna, eu não consegui acompanhar a Isabella.

— Eu tenho que ir. Eles virão atrás de mim.

— Foi você que fez aquilo? O navio, o...

— O navio, sim. Mas os animais... tudo o que fizemos foi deixá-los soltos. Nós não os levamos para a baía.

— Eu acredito em você. Eu tive que prender a Senhorita La e colocar Pep no estúdio. Eles continuavam tentando sair.

— Preciso ir embora. — Ouvi Pablo caminhando a passos largos para a porta; mas, antes que ele pudesse abri-la, uma pancada forte ressoou. Sentei-me.

— Quem está aí? — Eu podia ouvir o nervosismo na voz de papai.

Não houve resposta, apenas outra batida ruidosa.

— Corra! — papai silvou. Ouvi Pablo tropeçar no banco enquanto corria para a porta dos fundos no exato momento em que a porta da frente foi arrombada com um chute.

Um homem trajando o uniforme azul do Governador entrou decidido. Era alto, com o rosto cheio de cicatrizes e sobrancelhas grossas fechadas sobre olhos azuis frios. Ele estava erguendo o braço para trás, seu chicote

ondulando atrás de si, mas eu gritei e Pablo se virou, abaixando-se justamente quando o chicote estalou com um som de “crack!” sobre a mesa.

Pablo lançou-se sobre o guarda, atirando-o rápido ao chão e arrancando o chicote de sua mão, jogando-o para o outro lado da sala. Pablo tinha acabado de levantar o braço quando papai segurou-lhe o punho.

— Vá!

Pablo hesitou por um instante, depois correu para a porta da frente, que estava pendendo fora das dobradiças, mas parou de chofre e recuou devagar para dentro da casa. Masha apareceu: tinha um galo inchado em sua testa enrugada. Outro homem usando trajes azuis estava segurando os braços dela atrás das costas.

Pablo pareceu encolher. O primeiro guarda estava de pé agora, cuspidando sangue no chão. Pablo ofereceu seus pulsos às algemas que o guarda soltou de seu cinto e acolheu apenas com uma careta o tapa que se seguiu.

Masha foi libertada e logo começou a implorar.

— Por favor, ele é apenas um menino!

— Silêncio!

Masha mordeu a mão, sacudindo a cabeça. O guarda estava segurando outro par de algemas.

— Ela não fez nada... — começou Pablo.

— Temos nossas ordens.

Um terceiro guarda estava torcendo firme as mãos de papai em suas costas.

— Ele também não estava lá. — Apressei-me em sua direção. — Ele estava em casa, comigo...

— Eu não posso deixar minha filha sozinha — argumentou papai, lutando para não se deixar ser algemado, mas ninguém estava lhe dando ouvidos.

— Por favor — eu soluçava. — Não o levem, ele não fez nada. Por favor,

não...

O homem recuou o braço e papai gritou:

— Isabella, não!

Dei passagem quando eles foram empurrados com truculência porta afora. Os dois homens que seguravam Pablo o vigiavam com atenção, mas eu sabia que ele não tentaria escapar. Não com a mãe ameaçada.

Meu corpo parecia dormente, minha língua travou. Eu não podia deixar que levassem papai, mas eu não conseguia enxergar um modo de detê-los. Eles foram amontoados na carroça com grades, papai estremecendo ao subir os degraus. Corri de volta para casa, vasculhando a sala em busca de sua bengala. Estava encostada na parede e eu a apanhei, empurrando-a por entre as barras de ferro para as mãos de papai.



Mas o primeiro guarda, aquele com olhos frios e o chicote, tinha visto. Ele a arrancou das mãos de papai e a quebrou em seu joelho sem pestanejar. A bengala arrebentou e caiu em pedaços no chão. A carroça partiu descendo rápido a colina enquanto eu me ajoelhava na terra, juntando os pedaços.



Eu não sabia o que seria de mim. Nossa casa era invadida pelo cheiro do navio em chamas do Governador quando me sentei na cama com a bengala quebrada e desatei a chorar. Chorei tanto que todo o meu corpo ficou

dolorido e meus olhos, inchados. Senti-me completamente vazia. Fiquei ali sentada até ouvir o miado lamentoso de Pep vindo do estúdio de papai.

O gato tinha voltado ao normal, esfregando-se contra as minhas panturrilhas. A Senhorita La parecia ter se acalmado também. Ela bicou minhas mãos quando abri o galinheiro, e eu alimentei os dois; em seguida, fui para o jardim para não ter que ouvir o silêncio da casa. Nem mesmo os mapas estavam farfalhando.

A fumaça ainda pairava no ar e eu imaginei o navio, as velas e o mastro caídos como asas cortadas. Era por isso que o Governador estava tão furioso, o motivo pelo qual todas aquelas pessoas haviam sido presas no porto. O motivo de terem levado Pablo, Masha e papai. Uma menina morta era menos importante para ele do que o seu navio.

Pep também veio para fora e eu o observei perseguir moscas até que o meu estômago começou a roncar. Peguei uma laranja e entrei. A meio caminho para o estúdio de papai, vi alguma coisa esvoaçando ao lado da porta da frente, enfiada numa rachadura na madeira quebrada.

Era um bilhete, curto e visivelmente escrito às pressas — a tinta estava manchada e o papel havia sido dobrado antes de ela secar, deixando um reflexo fantasmagórico acima das frases. À visão da caligrafia cuidadosa de Lupe, minha garganta se apertou.

Isa,

Espero que você encontre isso. Eu vou lhe mostrar que nem todos os Adori são covardes. Vou lhe mostrar que não sou podre.

Vou atravessar a floresta para encontrar quem matou Cata. Talvez, quando eu voltar, possamos ser amigas de novo.

Com amor, Lupe

xxxxxx

P.S.: Verifique embaixo do vaso. É para você cuidar para mim.

Olhei para a esquerda e para a direita, mas não havia sinal dela.

Não, isso não era bem verdade. Perscrutei o chão de terra. Havia pegadas de cascos que iam na direção da floresta. Então, nem todos os animais do Governador tinham acabado na baía. Ela tinha um cavalo.

Um leve zumbido começou a ressoar em meus ouvidos, erguendo-se sobre os outros ruídos — o murmúrio distante do mar, o arranhar dos corvos no telhado acima, minha própria respiração irregular. Quão longe ela teria conseguido ir? Eu tinha ficado no jardim por horas, a tarde toda fora consumida.

Minhas mãos começaram a tremer quando abri a porta e levantei o vaso, puxando uma corrente grossa. O medalhão de Lupe.

Agora um rugido preenchia os meus ouvidos.

Vou lhe mostrar que não sou podre.

Eu havia causado aquilo. E agora eu tinha que consertar.





CAPÍTULO SETE

Fechei a nossa porta quebrada o melhor que pude, e escorreguei para o chão. Os problemas rodopiavam na minha frente e eu tentava pensar numa maneira de resolvê-los.

Tinha que ir atrás dela. E, para isso, precisaria de um cavalo também — de onde, eu não fazia ideia. E, de qualquer maneira, se alguém visse uma garota sozinha perto da floresta depois do que acontecera com Cata, eles certamente me impediriam. Talvez eles já tivessem parado Lupe... Respirei fundo. Ela não poderia ter ido longe. Não Lupe, com seus vestidos de tafetá e risada fácil... atravessando os limites para os Territórios Esquecidos?

Pep se aproximou, esfregando a cabeça contra a minha mão caída.

— O que eu faço, Pep? Como faço para corrigir isso?

Ele raspou a pata na minha mão até que eu acariciei o seu dorso, fazendo pelos cor de gengibre flutuarem no ar. Fiz uma pausa e ele me cutucou com a cabeça, mas fiquei observando os pelos flutuando até que uma ideia começou a se formar. Não era a que eu queria, mas nenhuma outra me ocorreu.

Levantei-me e fui até a cozinha, onde a Senhorita La estava dormindo em seu galinheiro. Levando uma faca para o meu quarto, enrolei minha trança

duas vezes ao redor da mão e a puxei. Então, comecei a serrá-la de baixo para cima, cortando-a de forma tosca. Alguns fios foram arrancados, quebrando antes que a faca os alcançasse. A dor que eu sentia era como se faíscas espocassem contra o meu couro cabeludo.

Por fim, a trança se soltou e caiu no chão. Minha cabeça parecia leve, meio zonzinha. Aparei as partes mais longas até que obtive algo parecido com o corte de cabelo de um menino.

O baú de Gabo encontrava-se no canto oposto e eu o abri, levantando uma nuvem de poeira quando a tampa bateu contra a parede.

Tossindo, vesti-me rápido com uma calça e uma túnica de algodão desbotada, colocando um casaco por cima. O traje ficou curto nos pulsos e tornozelos. Tanto tempo tinha se passado, anos e anos desde que eles haviam sido usados pela última vez. Respirei fundo e olhei o meu reflexo no metal polido.

Gabo piscou de volta para mim, com olhos arregalados de espanto. No momento seguinte ele se foi, e eu me afastei, com o coração batendo forte, a boca seca. Os pedaços partidos da bengala de papai estavam sobre a cama de Gabo, brilhando com sua estranha luz.

Escolhendo o maior pedaço, eu o enrolei no vestido que acabara de tirar. Algo assim poderia ser útil. Coloquei o bilhete de Lupe no meu bolso e preendi o medalhão em volta do pescoço. *Eu estou indo, Lupe.*

Papai havia trancado as persianas de seu escritório. Acendi duas velas, que produziram círculos no escuro. Mesmo sendo uma missão de resgate, não podia perder a chance de mapear os Territórios Esquecidos.

Esvaziando sua mochila de livros, comecei a enchê-la com o seu equipamento de cartografia: tinta, penas, papel, uma almofada de couro para marcar milhas, uma bússola, seiva de dragoeiro para reparação de calçados e

mapas rasgados, dois cantis. E depois sua arma, comprada em Afrik: um punhal chato e curvo, serrilhado nas bordas como dentes.

Por último, com cuidado, retirei da parede o mapa de Joya de mamãe. Enrolei-o bem apertado, envolvi-o num pano macio e aninhei-o ao lado do fragmento da bengala. Carreguei a mochila agora pesada para a sala principal. Pep estava sentado no banco.

— Ouça, Pep — falei. Ele rolou de costas, esperando que sua barriga fosse acariciada. Gatos nunca entendem a gravidade de uma situação. — Eu tenho que te deixar sozinho por um tempo. Mas vou deixar a porta dos fundos aberta e muita água, e você vai ficar bem, não vai?

Meus olhos estavam cheios de lágrimas, mas eu sabia que ele ficaria bem. Pep fora gato de rua até dois anos antes, e estava sempre capturando ratos e corvos. Percebendo que sua barriga não seria acariciada, ele bocejou e pulou do banco, escapando pela abertura da porta da frente quebrada.

— Adeus, então — eu disse com voz fraca.

Enchi os cantis e depois todas as tigelas na cozinha com água e comida, e abri a porta dos fundos. A Senhorita La acordou quando a brisa agitou suas penas, e começou a bicar o trinco da porta da frente. Eu estava prestes a abri-lo quando uma batida firme a arrancou das dobradiças. A próxima batida a fez cair de vez no chão.

Dois homens estavam na porta.

— Sinto muito por isso — disse um deles, não parecendo muito arrependido. — Já estava quase assim quando chegamos.

Assenti sem dizer nada. Não tinha praticado a minha voz de menino ainda.

— Sua mãe está em casa, filho? — O outro homem perguntou de maneira gentil.

Fiz que não com a cabeça.

— Bem, não vamos incomodar muito. Só precisamos pegar as galinhas que vocês têm.

— Por quê?

— O Governador vai partir numa expedição e... — o primeiro começou.

— Negócios oficiais do Governador — interrompeu o outro.

— Precisa de suprimentos.

— Uma expedição?

— A filha dele desapareceu. Lupe.

Escutar seu nome retorceu o meu estômago. O Governador sabia que ela estava desaparecida. Estava indo atrás dela.

— Sem galinhas — resmunguei.

A Senhorita La, na deixa, emitiu um cacarejo estridente.

O homem gentil me deu um sorriso de desculpas enquanto o outro abriu caminho me empurrando um pouco.

— Ordens do Governador Adori. Espere um minuto... — Ele franziu o cenho para as paredes e a mesa cobertas de mapas.

— Esta é a casa do cartógrafo? Aquele no Dédalo?

Assenti.

— Ele é meu pai.

— Ah. — O homem se inquietou, enquanto eu ouvia a portinhola do galinheiro da Senhorita La se abrir. — Você já foi informado?

— Informado do quê?

— Seu pai, ele...

— Vamos — disse o outro homem ao sair da cozinha. A Senhorita La me olhou indignada.

— Ele o quê? — perguntei com o coração disparado.

— Nós seremos gentis com ela — disse o homem mais bondoso,

ignorando a minha pergunta e tomando-a com delicadeza em suas mãos.

— O cozinheiro não vai ser — zombou o outro.

— Cale a boca!

Mas eu já não estava ouvindo mais nada. Eu me sentia entorpecida com tudo aquilo. O que o guarda iria me dizer sobre papai?

Eles me deixaram sozinha na sala, pensando.



A expedição não sairia sem as galinhas.

Se eu chegasse antes das galinhas à casa do Governador, a expedição não partiria sem mim.



O sol do final da tarde dançava nos cristais da mansão de basalto do Governador, transformando-a numa miragem cintilante.

Certa noite, não muito depois de a mamãe ter morrido, papai me levou com Gabo até os penhascos para nos sentarmos e observarmos a luz do luar refletida na casa.

Existem dois tipos de cristais, ele nos disse. Um é o granito, uma rocha de cor clara. E, como vocês dois, ele tem um gêmeo, uma versão sombria de si mesmo. Seu nome é “gabro”. Depois disso, eu chamei Gabo de “Gabro” por um tempo. Ele não gostou.

Quando cheguei mais perto, a mochila batendo na minha coxa, vi que até as janelas brilhavam — o Governador tinha enormes vidraças feitas de areia de Gromera fundida. Uma sala num canto da frente da casa estava cheia de gente. Vozes chegaram até mim através de uma janela aberta. Dois guardas estavam à porta de madeira escura. Eu não tinha pensado nessa parte. E se ninguém me deixar entrar?

Eu rastejei até a janela aberta.

— Estamos perdendo tempo aqui, precisamos ir atrás dela!

— Não é um desperdício de tempo, temos que planejar isso...

— ... e como garantimos a segurança da sua filha?

— ... loucura, quem sabe onde ela está?

Tirei o bilhete de Lupe do bolso e arranquei a parte de cima e a de baixo, de modo a restar:

Vou atravessar a floresta para encontrar quem matou Cata. Talvez, quando eu voltar, possamos ser amigas de novo.

Com amor, Lupe

xxxxxx

Espiei lá dentro. Havia cerca de uma dúzia de homens no escritório do Governador, amontoados em volta de uma grande mesa entalhada. Ninguém estava olhando na minha direção.

Sem parar para pensar melhor, empurrei minha mochila pela janela e entrei atrás dela.





CAPÍTULO OITO

Eu devo ter esbarrado no que quer que estivesse mantendo a janela aberta, porque ela se fechou com estrondo quando bati no chão. Forte. Os homens se viraram e me encararam. O silêncio foi súbito e aterrorizante, amplo como uma caverna.

— Quem é você? — alguém acabou perguntando.

Minha voz não saía. Lutando para ficar de joelhos, olhei para o chão. Estava coberto de tapetes representando animais e cenas de caça. Mexi meu joelho que estava sobre o pescoço de um cisne em pleno voo.

— Eu...

— Você acabou de entrar pela janela? — questionou outro.

Um dos homens de pé no fundo da sala perto do fogo levou os braços ao alto num gesto de exasperação.

— Fale logo! Quem é você?

— Tenho certeza de que ele acabou de entrar pela janela.

Tentei de novo.

— Eu... eu tenho isso. — Retirei o bilhete amassado do meu bolso. — É de Lupe.

Todos os homens pareciam ter prendido a respiração.

— Isso é uma piada, garoto? — ressoou uma voz grave e séria.

Por um momento insano, achei que poderia ser papai, mas quando o grupo se afastou vi que era o próprio Governador. Minha garganta se fechou e meu coração pulsou tão alto em meus ouvidos que eu tinha certeza de que ele iria escutar.

Ele estava sentado à cabeceira da mesa ornamentada, papéis espalhados diante de si, o rosto tão escuro quanto sua casa. Ele se levantou e eu tratei logo de baixar a cabeça. Poucos dias antes, eu estava sentada em frente a ele em sua carruagem. Estava contando com o fato de que ele mal se dignara a olhar para mim naqueles tensos minutos.

— Eu perguntei: isso é algum truque, garoto?

— N-não.

— Por que a minha filha teria escrito para você? — A voz soava grave e próxima agora. Os cabelos recém-cortados na parte de trás do meu pescoço se arrepiaram. Mais uma vez, concentrei-me no molho de chaves no cinto dele, cintilando em prata e ouro. — E não para mim? Olhe para mim quando eu estiver falando com você.

Eu obedeci. Por um doloroso segundo, pensei ter visto um vislumbre de reconhecimento em seus olhos negros, mas ele desapareceu num instante. Mostrei-lhe o bilhete.

O Governador o examinou, depois olhou para cima, os olhos estreitados.

— Por que minha filha escreveria para você? — repetiu ele.

— Ela enviou isso para a minha irmã. Isabella. — Eu não achava que o Governador gostaria que Lupe fosse amiga de um menino. — Elas são amigas. Da escola — eu disse, decidindo me manter o mais fiel possível à verdade.

— E ela mesma deu isso a você?

— Não — respondi. — Sim. Quero dizer... Ela o deixou para nós encontrarmos. Vim direto para cá quando achei.

— Tem certeza de que isso não é falso? — sugeriu alguém num tom presunçoso. — Por que sua filha diria à irmã desse menino, e a mais ninguém?

— Quem é você? — inquiriu o Governador Adori, lentamente, ignorando o homem.

— Gabo Riosse. Sou o filho do cartógrafo.

O Governador Adori levantou as sobrancelhas.

— Um homem com ideias superiores à sua posição social.

— Seus pensamentos estão num nível inferior no momento — brincou outro homem. — Lá embaixo no Dédalo.

Gargalhadas reverberaram outra vez. Mantive meus olhos no Governador Adori. Ele estava olhando para o bilhete, ponderando.

— Não é falso — ele declarou, resoluto. — O que significa que minha filha, pelo menos, partiu por vontade própria. Tenho que agradecer por isso. Mas perdemos bastante tempo conversando. Quantos cavalos você recolheu, Vasquez?

— Nove — informou Vasquez.

— Nove? — vociferou o Governador. — Nove nem chega perto de ser o bastante! Minha filha está desaparecida, preciso de um grande grupo de busca...



— Senhor — disse Vasquez com cautela. — Isso é tudo o que temos. Os outros... o porto. Todos eles pertenciam ao senhor.

Adori começou a andar de um lado para o outro como um animal enjaulado, flexionando os punhos e murmurando para si mesmo. Por fim, anunciou:

— Bem. Que sejam nove homens então.

— Vamos precisar levar o cavalariaço, os cavalos ainda estão assustados. — Hesitei. Quem falava era o homem que havia levado papai. — Não sei o que deu nos animais.

Pablo. Senti um leve alívio no peito ao pensar em vê-lo.

O Governador Adori bateu a mão contra a parede.

— Chega de problemas! O que você não está entendendo, Marquez? Minha filha se foi!

Meu peito doía por Cata, que se fora para sempre.

— E o pai desse menino — sugeriu Vasquez com frieza. Ele parecia acostumado com os ataques de fúria do Governador. — Não podemos partir sem um navegador. Precisamos encontrar água, talvez abrigo. Saber que lugares evitar...

Respirei fundo, pensei rápido. Papai não poderia ir aos Territórios Esquecidos. Ele jamais conseguiria cavalgar com a perna ruim.

— Achei que poderia dizer isso, senhor. Trouxe os instrumentos de cartografia dele. — Mostrei a mochila.

— Aquele aleijado? Num cavalo? — Marquez zombou. Fiquei feliz ao ver que Pablo o havia deixado com um machucado amarelo e feio na bochecha.

— Que opção temos? — retrucou Adori. — Quer que fiquemos vagando a esmo nos Territórios Esquecidos, perdidos?

— Eu — anunciei em voz alta.

— O quê? — surpreendeu-se Adori.

— Eu posso ser o navegador, senhor — assegurei, encorajado pelo silêncio que se instalou na sala. — Eu seria mais útil para o senhor. Do que o meu pai, eu quero dizer, sendo a perna dele ruim. E eu tenho um mapa, um mapa antigo dos Territórios Esquecidos, de antes de... — engoli em seco —, de antes que fossem esquecidos — concluí sem jeito.

O Governador levantou um dedo e a sala ficou em silêncio. Seus olhos negros como um besouro ainda estavam fixos nos meus.

— Você consegue ler mapas, garoto? Pode desenhá-los?

— Sim, senhor. Meu pai me treinou.

— Prove. — Ele estalou os dedos e houve uma movimentação atrás dele. Uma pequena escrivaninha e cadeira foram trazidas à frente. A cadeira foi empurrada contra a parte de trás dos meus joelhos, e uma folha de papel e tinteiro colocados diante de mim. — Você chegou até aqui pelos campos, não foi?

— Sim.

— Sendo um cartógrafo, você saberá a atual posição das estrelas.

Foi uma das primeiras coisas que papai me ensinou. *As estrelas são os mapas mais antigos, os mais precisos. Elas podem dizer onde você está*

melhor do que uma bússola — afinal, têm uma visão panorâmica. Se você aprender a ler as estrelas, jamais se perderá.

— Então, mapeie a rota daqui até a praça. Eu quero edifícios — com precisão de escala —, limites do campo, a localização do norte, uma indicação de vento, uma estimativa do tempo, a pé e a cavalo. Faça-o. Rápido.

Ele caminhou decidido de volta até a mesa e os homens fecharam fileiras ao meu redor, vigiando. Parte do que ele estava pedindo era tarefa para um navegador, não para um cartógrafo. Mas eu sabia que papai seria capaz de fazer isso facilmente, mesmo na escuridão do Dédalo. Peguei a pena de junco e, fechando os olhos, refiz o trajeto por trás das minhas pálpebras. O céu noturno dançava nelas, as estrelas fixando suas posições. Abri os olhos e comecei a desenhar.

O Governador estava falando de novo.

— Vasquez, você deve assumir o governo enquanto eu estiver ausente.

— Fico muito honrado — Vasquez respondeu.

— Senhor, não seria melhor se ficasse? — sugeriu Marquez. — Acredito que dificilmente Vasquez será capaz de controlar Gromera num estado de tamanha incerteza...

— Um estado de tamanha incerteza? — repetiu o Governador com frieza. — Nós trancafiamos os encenqueiros de sempre. Havendo mais, Vasquez precisa apenas trancafiá-los também. Você duvida do meu julgamento, Marquez?

— Claro que não — ele bufou.

— Você espera que eu fique para trás? — A voz de Adori estava se erguendo raivosa.

— Eu estava apenas expressando...

— Então, não o faça. Pare de expressar. Apenas faça o que eu digo. Entendido?

Presumi que Marquez assentira, porque ninguém mais falou ou levantou mais objeções. A rota estava desabrochando como um arbusto de tabaiba sob minhas mãos; pequenos botões pretos de edifícios e ramos de fronteiras. Acrescentei os movimentos do vento conforme eu me lembrava deles, serpenteando do mar, soprando acolhedores na direção sudeste.

Eu estava começando a delinear as constelações quando a atenção do Governador voltou para mim.

— Já terminou, garoto?

Eu rabisquei rápido uma estimativa de tempo no canto antes de o papel ser arrancado de mim. O Governador considerou-o com frieza, depois disse:

— Marquez, traga Ferdinand.

O homem saiu da sala enquanto o Governador olhava para mim.

— Você sabe andar a cavalo?

— Sim.

— Você consegue seguir ordens? Você sabe quando falar e quando ficar em silêncio?

Sacudi a cabeça com vigor para mostrar que sim.

O Governador Adori balançou para trás um pouco nos calcanhares, as sobrancelhas levantando e abaixando como agulhas de tricô.

— Quantos anos você tem?

Não era uma pergunta que eu esperasse que ele fizesse. Estava prestes a dizer treze, mas algo me deteve. Lupe tinha treze anos também. Adori poderia pensar nela se eu dissesse minha verdadeira idade, e talvez não me deixasse ir. Pablo tinha quinze anos, mas era tão alto e forte que passaria por um homem adulto. Melhor responder uma idade intermediária.

— Quatorze, senhor.

— Pequeno para quatorze — criticou Marquez, mas o Governador Adori assentiu.

— De qualquer modo, eu não estava gostando muito da ideia de levar o Riosse conosco. Ele é velho e desrespeitoso, e aquela perna é um obstáculo. — Ele virou as costas. — Você vai servir.

Quase não acreditando, eu falei:

— Senhor, eu pensei que se eu fosse com você, talvez o meu pai pudesse...

— Não abuse da sorte, garoto. — A voz do Governador provocou calafrios na minha espinha. — Se você não me decepcionar, vamos ver a questão sobre o seu pai.

A porta se abriu e vi o homem gentil que havia pegado a Senhorita La.

— Vá com Ferdinand buscar o cavaliário. Vocês dois podem selar os cavalos. — Ele se virou para o homem. — Fique de olho neles. Se tentarem alguma coisa, coloque os dois no Dédalo. E mande Luís aqui, eu quero ele com a gente. Ah, mais uma coisa, Ferdinand...

— Sim, senhor?

— Não o deixe ver Riosse. Não quero que ele comece a dar problema lá embaixo.

— Sim, senhor. Venha, garoto.

Deixei que me levassem da sala para o corredor escuro, a maré de vozes subindo outra vez. Eu tinha conseguido. Estava indo com eles.

Ferdinand me conduziu ao longo de um corredor.

— Por que você não disse que estava vindo para cá? Poderia ter lhe dado uma carona.

Dava para ver que ele estava tentando me deixar à vontade, mas eu estava muito nervosa. A casa do Governador parecia não ter fim de tão imensa. O

chão era coberto de tapetes, que abafavam os nossos passos.

O azul do Governador estava por toda parte. Até os tetos eram como um céu. Parecia um desperdício. Papai sempre tivera que racionar suas cores do mar, e ainda assim ali havia corante azul suficiente para fazer um mapa em grande escala dos rios de Afrik. A maioria das paredes estava coberta de pinturas de homens de olhos severos e navios. Havia tantas velas, a cera queimando e ninguém usando a luz.

Afinal, chegamos a um lugar onde o corredor atravessava outro, como uma encruzilhada. No centro havia um alçapão com uma pesada fechadura de metal. Engoli em seco. Era a entrada para o Dédalo.

Um guarda permanecia sobre ela. Ele franziu a testa quando nos aproximamos.

— O que está acontecendo?

— Você é necessário na sala de visitas, Luís — disse Ferdinand secamente.

O guarda saiu sem dizer mais nada. Era estranho, pensei, como eles seguiam ordens sem comentários ou perguntas.

Ferdinand tirou uma chave do cinto e inclinou-se para destrancar o alçapão, girando a chave devagar e com grande esforço. Os parafusos deslizaram com enorme ruído.

O homem fez força para abrir o alçapão, enquanto as veias de seu pescoço saltavam. Ele deixou a tampa cair no chão com um estrondo, estremecendo com o barulho. Um cheiro terrível subiu da entrada: de umidade, de podridão. Na fraca luz da lamparina de Ferdinand, pude ver uma escada de pedra que levava a uma escuridão impenetrável. Fiquei zozza só de olhar.



Ele desceu com cuidado os primeiros degraus, depois pareceu lembrar que não estava sozinho. Parou e subiu de volta, tirando umas correntes de seu cinto.

— Quase esqueci — disse ele, segurando uma corrente.

Ele prendeu meus pulsos juntos e fixou a corrente num ferrolho na parede, ao lado de uma mesa de pernas pesadas. Estremeci. Quantas pessoas haviam sido trancafiadas ali antes de descer para o Dédalo?

Fiquei acompanhando enquanto a lamparina se tornava um pontinho de luz, desaparecendo aos poucos enquanto Ferdinand descia, na direção de papai, que estava em algum lugar abaixo de mim.

Olhei ao redor, e vislumbrei algo acima da mesa.

Uma grande borboleta descansava na parede azul-celeste, as asas estendidas. Eram de um roxo iridescente, contornado de preto. Nunca havia visto uma borboleta daquele tamanho ou cor antes. Eu me inclinei para a frente, tomando todo o cuidado para não me mover muito rápido.

Foi só quando eu estava respirando perto o suficiente para farfalhar suas asas que percebi que ela estava atrás de um vidro, e vi o alfinete atravessando o seu coração.



CAPÍTULO NOVE

Apoiei-me pesadamente contra a perna da mesa, de costas para a borboleta, até o rosto exausto de Pablo surgir no meu campo de visão. Suas mãos estavam amarradas atrás dele, e suas roupas, imundas. Ele estava arrastando os pés, apertando os olhos ao entrar na luz do corredor. Seus olhos se arregalaram quando me viu, mas, por sorte, não disse nada enquanto Ferdinand soltava as minhas algemas.

Seguimos o guarda em silêncio, cruzando um pequeno pátio até os estábulos. Nove cavalos estavam enfileirados lá dentro. Dava para dizer que eles não eram o tipo de cavalos aos quais o Governador estava acostumado. Na verdade, eu tinha quase certeza de que um deles era um burro.

— Nada de causar problemas, vocês dois. Eu estarei aqui. — Ferdinand indicou outra porta. O cheiro de comida subiu. — Não se preocupe, essa não é a sua galinha! — ele me assegurou. — Ela está numa daquelas caixas ali. Tive que colocá-la em uma separada... Ela ficava bicando as outras galinhas. — Ele apontou para uma pilha de caixas de madeira. Fiz uma careta. A Senhorita La não gostaria de ficar apertada assim, sozinha ou não.

— Precisamos carregar os animais com tudo isso — Ferdinand prosseguiu, apontando com a cabeça para os cavalos.

Pablo levantou uma sobrancelha.

— Vocês estão levando galinhas vivas?

Ferdinand deu de ombros.

— Os homens gostam de comer comida fresca. E eu não os deixaria esperando.

Ele desamarrou as mãos de Pablo e entrou.

Esperei até que a porta se fechasse e então me virei rápido para Pablo.

— Papai está bem?

— Por que você cortou o cabelo?

— Para vir aqui.

Ele fungou.

— Não está tão mau assim.

— Não me interessa como está ou não parecendo. Como está papai?

Seu rosto era imperscrutável.

— Por que você está aqui?

— Como ele está?

— Bem o suficiente. Goraz está cuidando dele.

— E Masha?

— Nada mal.

— Você tem certeza?

— Seu pai está bem, Isabella. Você deveria se preocupar mais é com você mesma.

Ele começou a conduzir os cavalos para o pátio. Fui até as caixas e comecei a tentar localizar a Senhorita La.

— O que aconteceu? Na noite em que os animais...

Ele se virou, os olhos piscando.

— Isso não teve nada a ver com a gente!

— Eu sei disso, mas você sabe como... — Não consegui encontrar palavras para descrever o que acontecera na baía, e de qualquer maneira eu não queria deixá-lo com raiva. Ele não tinha esse temperamento quando o conheci.

— Não — alegou Pablo. — Mas os outros falaram muito sobre isso, no Dédalo. Eles acham que é algo ruim.

Bufei.

— Bem, é óbvio que é algo ruim.

— Não, mais do que isso. Não é apenas ruim. — Ele engoliu em seco, um músculo em sua mandíbula se contraindo. — É um mau presságio. Significa que alguma outra coisa chegou, para fazer os animais correrem para o mar.

Ele estava falando como sua mãe.

— Você não viu nada quando estava lá com Goraz?

Foi a vez de Pablo bufar. Ele começou a selar os cavalos, cada movimento suave e bem preciso.

— Isso foi parte do problema. Nós não conseguimos ver nada. Os homens do Governador nos surpreenderam no escuro e nos cercaram. Quase caí do penhasco tentando fugir. — Ele apoiou a cabeça contra a crina de uma égua baía e sua voz ficou abafada. — Foi terrível.

— O que mais aconteceu? Como vocês chegaram ao navio? Não era vigiado?

Ele olhou duro para mim.

— Não foi ideia minha. O fogo atraiu a guarda até a baía e, quando estávamos correndo em direção à casa, quase acreditei que conseguiríamos.

— Conseguiriam o quê?

— Pegar o Governador.

— “Pegar” ele?

— Olha só, você vai ajudar ou não?

Ele começou a levantar as caixas e a prendê-las aos cavalos. Tentei erguer uma. Ele a apanhou dos meus braços com uma mão, como se fosse um brinquedo.

— O que vocês teriam feito? Se vocês tivessem “pegado” ele.

— O Governador? Eu não sei. — Pablo se mexeu no lugar, desconfortável.

— Todo mundo estava com tanta raiva, tão exaltado... Eu acho que eles o teriam matado.

— Mas isso não ajudaria em nada. Cata ainda estaria morta.

— Não mais do que ela já está.

— Lupe foi atrás dela — contei.

Pablo assentiu.

— O guarda explicou. Eu não entendo por que você está vindo conosco.

— A culpa é minha.

— A discussão que vocês tiveram?

— Sim. — Franzi a testa. — Você acha que vamos matar a pessoa que matou Cata se a encontrarmos?

— Sim. — Hesitei diante da certeza demonstrada por ele. — Isso não vai ser divertido, Isabella. Alguns dos homens que viram o corpo de Cata consideram que seja mais do que uma pessoa.

Eu não tinha certeza se queria ouvir isso, mas não queria parecer assustada.

— O que você quer dizer?

— Eles acham que foi um grupo que a matou. Para mim, parece que foi um animal. A coisa estava... — Ele hesitou.

— O quê?

— Feia.

Obriguei-me a não piscar.

— Está bem. — Ele deu de ombros. — Seu pai nunca a perdoaria se soubesse o que você está fazendo.

— Eu sei.

— Eu deveria contar a eles. — Ele apontou para a porta.

Mostrei minha expressão mais feroz.

— Você não vai.

— Eu poderia.

— Você iria no lugar da sua mãe, não iria?

— Não é a mesma coisa...

— Sim, é a mesma coisa. Você fez exatamente isso ao ficar no lugar dela nos campos.

Ele parou por um momento.

— Sim. Mas eu sou homem.

— Você é um menino. Mas o que tem isso a ver? Meninas podem participar de aventuras também.

— Você já ouviu falar de alguma *menina* saindo para uma aventura?

Corei na escuridão. Eu só tinha ouvido falar de uma.

— Arinta.



— Mas ela não era uma heroína muito boa, era? Eles a comeram — disse Pablo.

— O quê?

— Os cachorros de fogo, eles a comem no final.

— Não, ela fica lá embaixo para nos proteger.

— Está dando certo — ironizou Pablo. — E, seja como for, é uma história. Em uma história, você pode decidir o que acontece no final.

Encaramo-nos num silêncio incômodo até que ele piscou e continuou levantando e amarrando as caixas. De repente, ele arfou e chupou um dos dedos. Estava sangrando.

— Ai! Essa galinha me bicou!

— Senhorita La! — Olhei pelas ripas da caixa. Um olho embaçado me encarou de volta. Ri de alívio. — Podemos amarrar esta ao meu cavalo?

— Que cavalo será esse?

— O menor deles, eu suponho.

Pablo revirou os olhos.

— Você e essa galinha.

Abri um pouco a tampa da caixa e coloquei lá um pouco da comida do cavalo.

Um sorriso irritante brotou nos cantos da boca de Pablo. Então, ele perguntou:

— O que você acha que vamos encontrar? Do outro lado da floresta?

Os Territórios Esquecidos. Quantas vezes eu tinha ficado acordada imaginando como seriam?

— Mais floresta. O rio Arintara...

— Eu sei que os Territórios Esquecidos são reais... Só nunca pensei que eu de fato os veria — disse Pablo. — Ou que eles teriam árvores, um rio. Eles

sempre pareceram de algum modo inventados.

Eu sabia o que ele estava querendo dizer. Muita coisa não poderia ter mudado nas três décadas desde o Banimento, mas, pela maneira como todos falavam sobre os Territórios Esquecidos, eles poderiam muito bem ser um país diferente.

— Como eu devo chamá-la? — questionou Pablo.

— O quê?

— Como eu devo chamá-la na frente dos outros? Isabella não é um nome muito másculo.

— Gabo.

O tom de voz de Pablo abrandou.

— Gabo.

A porta da cozinha se abriu.

— Vocês dois já terminaram? — perguntou Ferdinand. — O Governador está pronto. Levem os cavalos para a frente.



O Governador e outros cinco homens aguardavam ali, com a Señora Adori trajando seu azul habitual. Quando o Governador a beijou, notei que seu rosto estava manchado. Abaixei a cabeça, esperando que ela não fosse mais observadora do que o marido.

O Governador escolheu uma égua branca e designou aos outros seus cavalos. Eu estava certa sobre conseguir o menor cavalo, mas ainda assim era muito baixa para montá-lo, então Pablo me ergueu, atirando-me de maneira

brusca na dócil égua baía. Suas mãos eram ásperas, a pele seca raspando os meus braços.

A égua respondia ao mais leve toque, o que era uma sorte, pois eu só havia cavalgado algumas vezes. A Senhorita La parou de cacarejar quando nos acomodamos num trote e, quando espiei dentro da caixa, ela estava dormindo.

Viramos as costas para o mar e atravessamos os campos vazios direto no sentido da floresta, que mesmo sob o brilho vagaroso do crepúsculo era claramente visível acima de nós. Minha respiração vinha em pequenos e apertados suspiros. Tentei respirar fundo enquanto o ondulante e oscilante borrão da floresta se tornava mais alto e mais concreto à medida que nos aproximávamos.

A noite abafada caiu rápido. Minhas costas já doíam devido ao ritmo da égua e meus pés coçavam nas botas de Gabo. Eu ansiava pelas minhas sandálias leves e gastas, deixadas perto da nossa porta quebrada.

Pablo estava cavalgando atrás. Ele não havia dito nem mais uma palavra sequer desde que selara os cavalos, e eu não queria arriscar diminuir o passo para falar com ele. Marquez ficava se virando em sua sela para zombar de mim para que eu mantivesse o ritmo.

Nós nos aproximamos das margens do Arintara, o rio que atravessava a ilha. Olhei de relance para Pablo através das sombras, mas ele fez uma cara feia e desviou o olhar. Dispensei-lhe também um olhar fulminante. Talvez fosse desse jeito que os meninos olhassem uns para os outros.

Cruzamos o rio e me dei conta de que era o mais distante que eu já estivera de casa. Pensei em papai, ainda no Dédalo, e senti uma pontada de culpa, mas deixei de lado o sentimento.

Não era isso o que eu sempre tinha desejado? O mapa de Joya estava na

mochila de papai, com sua área vazia no centro. Eu veria o que havia lá. Papai nunca se importara com sua própria ilha, estava intrigado demais com o que havia do outro lado do mar, mas eu sabia que ele se arrependia. Agora, eu desenharia para que ele pudesse ver também. Um arrepio de empolgação percorreu a minha espinha até que notei Marquez me encarando. Voltei rapidamente a adotar a cara feia de Pablo.

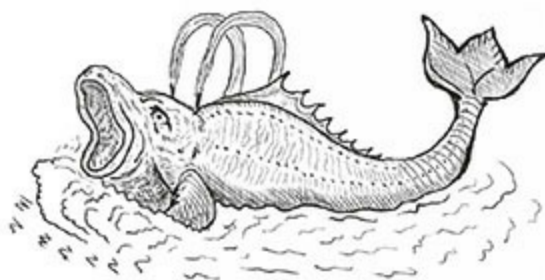
Desde o Banimento, os limites da floresta tinham sido reforçados com arbustos espinhosos amarrados com os enormes sinos de aviso. Quando chegamos mais perto, notei que alguns dos arbustos tinham sido pisoteados, e que as cordas que conectavam os sinos gigantes haviam sido cortadas. Eles jaziam no solo como colinas de metal.

— Os arbustos estão pisoteados nessa direção — anunciou Marquez. — Eu acho que o Jorge estava certo sobre os assassinos serem os Banidos.

O Governador Adori assentiu.

— Vamos por aqui.

Mas ninguém se mexeu. Olhei para o caminho. Parecia que uma manada de animais havia passado por ali. Papai descrevera marcas de garras ao redor do corpo de Cata. Será que esta era outra tentativa de disfarçar pegadas?

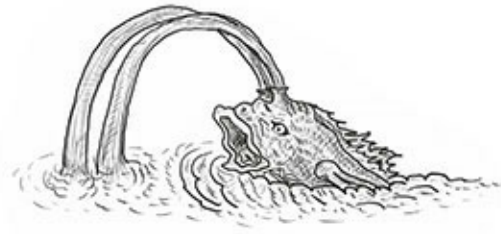


Um calafrio nos percorreu como uma brisa forte, como se todos tivéssemos percebido pela primeira vez por que estávamos ali, na escuridão crescente, prestes a cruzar uma parte de Joya que havia sido esquecida por uma geração. Era desconhecida, não mapeada e o lar de um assassino.

O punhal chato de papai com seus dentes afiados fazia a mochila pesar. Perguntei-me se teria coragem de usá-lo. Eu não conseguia nem atirar pedras nos corvos. Então, pensei de novo em Cata, e Lupe. Se Lupe podia entrar nos Territórios Esquecidos, então eu também conseguiria.

Gesticulando para que os homens com tochas seguissem em frente, o Governador Adori relanceou a todos nós com aqueles olhos negros como de serpentes, depois virou-se e cavalgou para o interior da floresta.





CAPÍTULO DEZ

A floresta estava silenciosa. Os arbustos da altura de cavalos abafavam o som do mesmo modo que a água faz, e a luz das tochas mergulhava tudo nas sombras. Depois de alguns homens terem desembainhado suas espadas para nada mais ameaçador do que galhos, o Governador Adori ordenou que apagassem as tochas. Meus olhos se ajustaram rápido, e eu me senti mais segura sabendo que não poderíamos ser vistos com tanta facilidade.

O caminho estava seguro — alguns arbustos pisoteados, vazando seiva clara, eram a única ruptura na vegetação rasteira. Imaginei Lupe sozinha e determinada. *Vou lhe mostrar que não sou podre.*

Eu não precisava navegar enquanto o caminho fosse tão óbvio, então peguei a bússola, olhando para ela em meio à escuridão. Apesar de temer por Lupe, não podia ignorar que eu afinal me encontrava nos Territórios Esquecidos. Eu faria um mapa que seria motivo de orgulho para o papai.

A cada cem passadas que os cavalos percorriam, marcava uma linha na macia almofada de couro que eu segurava na palma da mão, e toda vez que a bússola indicava uma mudança de direção, marcava abaixo dessas linhas uma

seta indicando a nova orientação, consultando as estrelas da maneira que papai me ensinara. Era a forma mais básica de se fazer um mapa, mas estava claro que os outros não parariam e nem esperariam que eu fizesse medições mais precisas. Eu simplesmente teria que confiar na memória quando fosse elaborar o mapa. Era assim que eu fazia com Lupe em nossas caçadas ao tesouro pelas ruas estreitas de Gromera.

Minha mão subiu para a garganta antes que eu pudesse evitar, sentindo o medalhão por baixo da túnica. Marquez estreitou os olhos na minha direção e eu apertei as rédeas. Talvez não tivesse sido uma boa ideia trazê-lo comigo.

Nenhum de nós falou por um bom tempo. Os ombros do Governador estavam tensos, e ele mal se movia mesmo com a cadência do cavalo. Era óbvio que ele queria ir mais rápido, mas a escuridão e o caminho estreito tornavam isso impossível.

Depois de alguns quilômetros, os cavalos começaram a se mover com mais cautela, balançando a cabeça e relinchando baixinho. Os homens os forçavam a ir em frente, cravando as esporas nos flancos dos animais. Meu cavalo estancou até que Pablo bateu de forma brusca em sua anca.

Foram mais alguns quilômetros de marcha antes que qualquer um de nós percebesse o que estava errado. Por fim, Marquez falou.

— O que aconteceu com as árvores?

Nós paramos os cavalos. As árvores ao redor não pareciam vivas. As folhas se assemelhavam a rendas, entrecruzando suas silhuetas enegrecidas sobre emaranhados de galhos mortos. Desconfiada, examinei melhor, colocando a mão por trás de uma folha. Minha pele aparecia através dela, um pouco mais escura, rendilhada pelas nervuras da folha. De perto, os troncos pareciam pedra. Como se a floresta tivesse sido fossilizada.

Incêndios florestais não eram nenhuma novidade em Joya. Papai dizia que

essa pequena morte era necessária; que as árvores cresciam mais verdes, mais fortes, davam mais frutos. Até mesmo a vegetação rasteira que cercava Gromera de vez em quando se incendiava e ardia.

Mas isso?

Isso era diferente. As folhas pendiam de suas hastes, esqueléticas e negras, mas ainda assim presas. Dos arbustos partidos escorria uma seiva negra, como se as árvores estivessem se alimentando de escuridão em vez de água.

Uma leve brisa soprou contra o meu pescoço exposto, com um cheiro que penetrava minhas narinas. Algo mais pungente do que fumaça... Lembrou-me do cheiro que preencheria o quarto de Pablo depois dos fogos de artifício.

O que Lupe tinha dito? Algo sobre Asia...

– Enxofre? – O Governador Adori pronunciou a palavra baixinho, quase que para si mesmo, mas no silêncio da noite ela alcançou todos nós.

– Garoto, venha cá.

Relanceei a vista para Pablo, mas ele balançou a cabeça. O Governador Adori estava olhando direto para mim. Nervosa, eu toquei a égua em direção ao seu cavalo.

— Esse mapa que você tem, o antigo... ele sugere essa... mudança?

Sem uma tocha por perto, o interior da mochila deveria estar impossível de se ver, mas a madeira luminosa, o pedaço da bengala quebrada de papai, estava brilhando suavemente através do tecido fino do meu vestido enrolado. Quando fiz menção de apanhar o mapa gasto dos Territórios Esquecidos, dedos grossos se fecharam ao redor do meu pulso.

Marquez havia desmontado do cavalo e seu rosto era iluminado pelo brilho que emanava da mochila.

— O que... O que é isso? — Sem esperar por uma resposta, ele enfiou a mão na mochila. Tocou o fragmento rapidamente, como se estivesse testando

se estava quente, e então o puxou, fazendo mapas e instrumentos caírem no solo da floresta.

Quando ele ergueu a madeira brilhante, sua luz pálida se projetou ainda mais e os homens recuaram. O Governador desceu de seu cavalo, atingindo o chão pesadamente.

Jogando minha perna de forma desajeitada por sobre a égua, eu meio que me deixei cair do cavalo a fim de recuperar os papéis e instrumentos antes que eles fossem pisoteados por cascos ou pelas botas do Governador.

Eu me agachei maldizendo baixinho a mim mesma por permitir que o fragmento fosse encontrado.

— Bem? O que é isso? — repetiu Marquez, enquanto passava o pedaço da bengala para o Governador Adori. — Por que isso brilha assim?

— Eu não sei.

— Mas de onde veio isso?

— De meu pai.

— E antes dele? — quis saber Adori.

— Eu não sei — menti. — Foi passado para ele.

Sem comentar mais nada, o Governador colocou a madeira luminosa no cinto ao lado de suas chaves. Eu estendi a mão, mas Marquez me puxou de volta pelo ombro, os dedos cravando com força na minha carne. Meus olhos lacrimejaram e, piscando rápido, deixei meu braço pender.

O Governador olhou para mim com expectativa. Olhei feio para ele de volta.

— O mapa. — A voz de Pablo soou baixa, mas mesmo assim me fez estremecer. Ele havia desmontado e estava segurando uma pilha de papéis.

Articulando com os lábios um agradecimento, eu os percorri com os dedos trêmulos e encontrei o mapa enrolado em sua guarnição de tecido.

— E então? — O Governador ainda estava olhando. — As árvores?

Examinei o pergaminho e balancei a cabeça. Não havia pistas; mostrava a floresta apenas como uma mistura de dragoeiros e pinheiros. Eu me perguntei como indicaria as árvores negras no meu mapa.

Marquez mostrou-se impaciente.

— Por quanto mais a floresta se estende?

Olhei para baixo outra vez, comparando a escala com o meu bloco de couro. Era impreciso, mas não muito.

— Pelo menos uns trinta quilômetros nessa direção. — Apontei para o oeste.



— Mais longe, se formos reto.

— E quantos quilômetros até a água?

Meus dedos roçaram a estrela azul que marcava a cachoeira.

— Dezenove.

O Governador assentiu.

— Leve-nos até lá.

— A densidade de árvores está começando a diminuir — disse Marquez.
— Não teremos um caminho a seguir por muito mais tempo.

— Lupe procuraria água — disse o Governador, indicando o leito seco do Arintara.

Não, pensei. Ela não é tão sensata. Ela está procurando pelo assassino.

— Senhor — arriscou Marquez —, o senhor não acha que seria melhor pararmos à noite e prosseguirmos à primeira luz do dia? É improvável que ela esteja muito à frente e certamente deve ter parado para descansar.

— Se ela parou, é mais um motivo para continuarmos, Marquez — retrucou o Governador. — Nós poderíamos alcançá-la.

— Os homens estão cansados, senhor — disse Marquez com cautela. — Se nos depararmos com o perigo, precisaremos da nossa força.

— E a segurança da minha filha?

— Ela seria mais bem servida por homens e cavalos descansados — continuou Marquez. — Podemos começar amanhã a galope, vamos encontrá-la ao pôr do sol.

Eu queria continuar, mas a cada piscada minhas pálpebras pareciam mais pesadas.

Por fim, o Governador endireitou as costas largas e falou para todos nós.

— Vamos continuar. — Seu olhar cortou os murmúrios dos homens. — E eu sugiro que nós aumentemos o ritmo.

Guardei com cuidado os papéis e os instrumentos na mochila, enrolando o mapa e colocando-o de volta em seu pano. Quando olhei para cima, o grupo já havia se posto em movimento. Só Pablo estava lá, segurando as rédeas do meu cavalo.

— Pronto?

Eu balancei a cabeça, grata por ele ter ficado para trás. Arriscando um sorriso, peguei as rédeas. Em vez disso, ele me entregou um pedaço de pano embolado. Meu vestido.

— Caiu da sua mochila. Guarde isso. Rápido.

Pablo me jogou na sela e empurrou o cavalo para a frente antes mesmo de

eu me sentar.

— Obrigada...

— Apenas finja um pouco melhor — ele retrucou. — A única razão pela qual ninguém percebe é porque eles não se importam o suficiente para prestar atenção.



Nas primeiras horas da luz do dia, a paisagem era ainda mais estranha. As florestas negras nunca haviam sido mencionadas por Masha ou pelos outros anciãos, nem nas histórias de papai ou no mapa de mamãe. O que tinha acontecido aqui, para fazer o colorido das árvores desaparecer? Não poderia ser a seca o que tinha feito as plantas crescerem desse jeito. O trigo em Gromera ainda era dourado, não cinzento.

Continuamos por mais algumas horas, ininterruptas e silenciosas, exceto pelos cavalos e por meus rabiscos, quando marcava a almofada de couro a cada cem passos.

Cada linha nos aproximava de Arintan. Senti um frio na barriga quando nos aproximamos da cachoeira. Pablo e papai poderiam pensar que se tratava apenas de uma lenda, mas Arinta sempre me dera coragem, e eu precisava disso agora.

Nós contornamos um bosque espesso e me desapontei. Nada de Lupe nem de cascata. Apenas o leito tortuoso do rio Arintara correndo baixo e lento.

— Esta é a poderosa cachoeira Arintan? — disse o Governador, com voz carregada de desdém. Os outros desmontaram, mas eu toquei minha égua para a frente.

Após outra curva, uma saliência rochosa erguia-se acima da minha cabeça. Um fiozinho de água corria pela borda, e atrás dele havia uma concavidade na pedra, uma caverna, que estaria fora de vista se a cachoeira estivesse tão cheia quanto nas histórias.

Meus joelhos tremiam quando desmontei. Amarrando as rédeas do cavalo a uma árvore, entrei no rio, com as botas de Gabo chafurdando na lama e espalhando-a, e entrei na caverna.

O espaço era mais profundo do que eu pensava. A entrada era pequena e baixa, mas em seu ponto mais escuro havia uma passagem larga, levando à outra caverna onde eu podia ficar de pé. Prossegui às cegas, tateando o meu caminho.

As paredes estavam secas e estranhamente quentes. Eu podia sentir esquisitas linhas horizontais na parede do fundo, como se as pedras tivessem sido depositadas umas sobre as outras. Isso me fez lembrar de uma brincadeira que eu e Gabo fazíamos, cantando e colocando as mãos sobre as do outro cada vez mais rápido, tirando a mão de baixo e tentando estar no topo quando a música terminasse.

Minha respiração ficou suspensa. A saudade de Gabo sempre atacava desse jeito, a qualquer pretexto. Eu não permitiria isso.

Tateando o meu caminho de volta ao ar livre, peguei um pouco de água nas mãos em concha e bebi. Não era a cachoeira mágica das histórias de papai, mas pelo menos havia água.

Enchi meu cantil de água vazio e coloquei-o na mochila, tirando o que havia enchido em casa e colocando-o no meu cinto. Papai sempre me disse que era importante usar primeiro a água mais choca numa jornada, por mais tentador que fosse beber a mais fresca.

O Governador e seus homens estavam se acomodando nas margens do rio.

Sentei-me ao lado de Pablo, numa rocha.

— O que está acontecendo? — sussurrei.

— Vamos fazer uma pausa para comer. Vamos parar por uma hora no máximo — ele disse.

— E depois?

Pablo deu de ombros.

— Então, continuamos. Eu dormiria se fosse você.

Mas de repente eu não me sentia cansada, apesar de termos cavalgado a noite toda e de o sol já ter nascido há algum tempo.

O Governador estava um pouco distante, examinando o chão. Procurando vestígios da filha. Ele parecia incapaz de ficar parado, como se sua raiva estivesse se transformando em brasas sob seus pés. Um sentimento de culpa revirou o meu estômago. Seus olhos se voltaram para mim e eu desviei os meus para longe, rápido.

— Tampinha — gritou Marquez, estalando os dedos. — Busque um pouco de lenha.

Levantei-me, deixando a mochila na rocha. Consegui encontrar apenas um pouco de gravetos, mas isso não importava, porque Pablo emergiu da floresta com um ramo enorme do que parecia ser um dragoeiro, preto como os demais.

Os homens riram, dando tapinhas nas costas dele, mas seu rosto permaneceu uma carranca. Um bom fogo logo começou a aquecer uma panela de ensopado feito com frangos trazidos pelo cozinheiro. Estremeci quando passei pela pilha de penas arrancadas e, enquanto o cheiro se espalhava pelo ar, alimentei a Senhorita La, agradecida por ela estar ali, um pedaço de casa, grata até mesmo por suas bicadas.

Quando o ensopado começou a borbulhar, decidi dar início à confecção do

meu mapa. Mas a mochila não estava mais na rocha. Será que um dos homens a teria confundido com a dele? Meu olhar se arrastou para o rio.

A mochila estava lá, boiando. Com o coração aos pulos, mergulhei as mãos na água. A mochila escorria quando a abri, meus dedos tremendo sobre as fivelas. Os papéis e penas retorcidos flutuavam ali dentro, e eu a virei de ponta-cabeça, como se estivesse esvaziando o decepcionante conteúdo de uma rede de pesca.

A tinta havia escorrido da carta celeste de papai e manchado várias folhas de papel em branco. Tudo agora não passava de um borrão em preto e vermelho, que mal dava para ler. Seria impossível criar um mapa preciso se eu não conseguisse checar as posições das estrelas.

Mas isso não era o pior. O mapa de mamãe estava úmido e grudado. Eu prendi a respiração e o abri.

Para minha surpresa, ele abriu com facilidade.

Mas esse não era o mapa de que me lembrava.

Os desenhos das florestas haviam desaparecido. Em vez disso, o vazio no centro estava cheio de linhas grossas, as mesmas que eu vira com dificuldade quando segurei o mapa contra a luz. Elas se interceptavam e rodeavam como o fio de uma teia de aranha, ou os canais de um labirinto. Na verdade, quanto mais eu olhava, mais tinha certeza de que era disso mesmo que se tratava. Mas algumas linhas percorriam a área que havíamos acabado de atravessar e não havia sinal de estradas ali.

Quem sabe se aquilo não era o antigo traçado de Joya? Não havia aldeias assinaladas e, além das linhas, as únicas formas eram círculos pontilhados nas bordas. No centro havia outro círculo, maior do que os outros, e desenhado em vermelho.

Essa era a única cor no mapa.

Corri até o fogo e ergui o mapa para ver com mais clareza. Mas as linhas se dissolveram no papel, como tinta na água, e desapareceram.

— Não!

Marquez olhou para mim, franzindo a testa. Eu as segui desesperadamente, perseguindo-as no mapa enquanto elas se desvaneciam. As formas familiares das florestas estavam reaparecendo, junto com os nomes das aldeias. Em poucos segundos, o mapa voltou ao normal.



Eu tinha certeza de que não havia imaginado, embora o que aconteceu fosse tão fantástico que poderia fazer parte de uma das histórias de papai. O que tinha feito o mapa mudar?

Estava molhado quando a camada oculta emergiu e, quando o segurei perto do fogo, ele mudou de volta. Agora estava seco. Eu peguei apressada o meu cantil, derramando água sobre a superfície.

Nada aconteceu.

Inclinei o cantil sobre o mapa por várias vezes, mas ainda assim nada aconteceu.

— Você não imaginou — sussurrei para mim mesma enfaticamente. — Foi real.

— Garoto — disse o Governador Adori de repente, fazendo-me saltar de susto. Ele sacudiu a cabeça. — Venha aqui.

Pablo ergueu as sobrancelhas como se dissesse “apresse-se”.

Caminhei trêmula em direção ao Governador.

— Achei que a encontraríamos aqui. Eu tinha certeza de que ela não poderia estar muito à frente. — Sua voz soava baixa, mas perigosa, tremendo ligeiramente. — Que caminho seguiremos agora? Por qual caminho ela iria?

Era óbvio que ele não estava falando comigo. Eu esperei, a transformação do mapa escapando da minha mente. Lupe iria para onde o cavalo a levasse. Eu esperava que ela não ficasse muito apavorada, quando a sensação de aventura passasse e o medo se infiltrasse. Eu ficava sem ar só de pensar nela em algum lugar nas florestas negras, com um assassino à solta em algum lugar lá fora também.

— As aldeias — disse o Governador num tom de voz mais alto e decidido. — Qual é a mais próxima?

Consultei o mapa com cuidado.

— Gris, senhor.

Ele assentiu.

— Então, é Gris. Você está pronto para nos levar até lá?

— Sim, senhor.

— E você está trabalhando num novo mapa?

Pensei na carta estelar borrada e no papel encharcado.

— Começando, senhor.

— Ótimo. Não me faça lamentar por ter trazido você.

Ele virou as costas e eu me considerei dispensada.

— O que foi? — perguntou Pablo em voz baixa.

— Nós vamos para Gris. Uma aldeia. — Eu me perguntava o que

encontraríamos lá.

O cozinheiro bateu na lateral da panela com a colher e gritou:

— A comida está pronta!

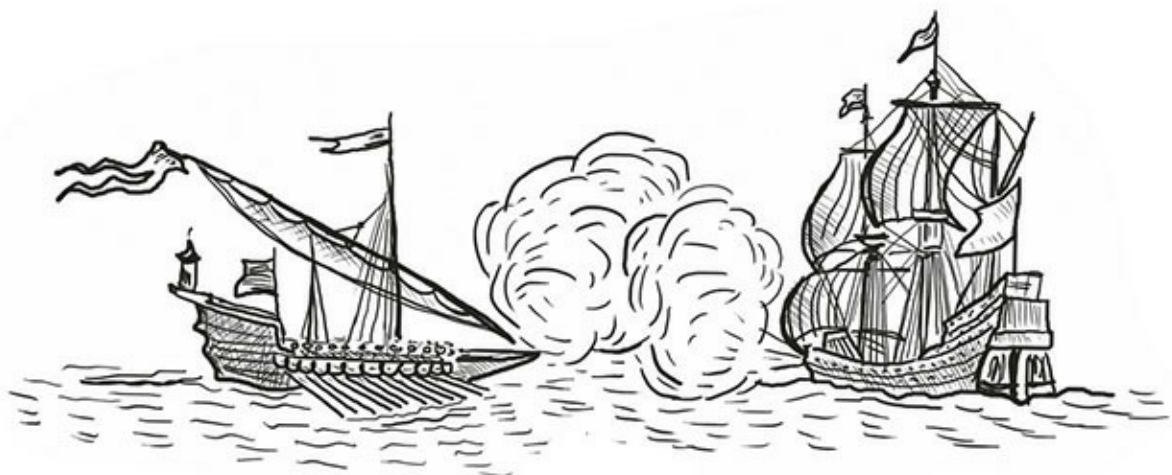
O Governador Adori foi o primeiro a se servir. Ele comeu mergulhando o pão diretamente na panela e, depois que estava satisfeito, os outros atacaram a comida como homens famintos. Eu, por outro lado, já não conseguiria comer um ensopado de frango com a Senhorita La ali tão perto, e perdi o apetite por completo depois que um dos homens começou a comer tão rápido que a comida lhe saiu pelo nariz.

Fui para a margem do rio a fim de tentar começar a trabalhar no mapa. A voz de papai ficava ressoando em meus ouvidos enquanto eu enfileirava os potes de tinta, as penas úmidas e os instrumentos de medição.

O truque é deixar um espaço para o que você não conhece. Qualquer homem pode desenhar onde esteve: apenas um cartógrafo sabe como desenhar de forma a encaixar o lugar ao qual ele está prestes a chegar.

Encostei a mochila com cuidado numa pedra próxima e selecionei o pedaço de papel em branco mais seco. Eu o estiquei no chão, prendendo os cantos com pedras, depois tirei do bolso da calça de Gabo a almofada de couro marcada e coloquei-a ao lado de todo o resto.

Antes de começar a desenhar, olhei para as árvores, projetando sombras mesmo na luz do amanhecer. Tentei não imaginar algo olhando de volta para mim. Respirando fundo, enxuguei a ponta da pena de junco na minha túnica, mergulhei-a na tinta preta e comecei a desenhar um novo mapa da minha ilha. Este não ficaria esquecido.





CAPÍTULO ONZE

Consultando o mapa de mamãe, eu os orientei na direção noroeste rumo a Gris, esperando que o instinto de Lupe fosse o mesmo do Governador: sair da floresta e voltar para a costa.

— Não faça a gente se perder, nanico — zombou Marquez. Meus dedos tremiam enquanto eu traçava o caminho.

Seguimos uma garganta rochosa que corria da saliência da cachoeira, criando uma clareira natural por entre as árvores e abrindo um canal para que os cavalos pudessem se deslocar facilmente. Foram momentos de claustrofobia, com o cinzento da parede de pedra à direita e o cinzento das altas árvores que se elevavam à nossa esquerda. Até o céu estava excepcionalmente nebuloso. O mundo inteiro parecia filtrado por cinzas.

Por fim, a floresta começou a se tornar menos densa e irrompemos numa larga praia de cascalho, o brilho metálico do mar estendendo-se ao nosso lado. Aquilo era reconfortante depois da floresta opressiva e também significava que só precisávamos vigiar de um lado, com um trecho livre até a linha das árvores.

Era mais fácil mapear as distâncias com uma vista da costa curva. A contagem lenta até cem agora era realizada sem esforço e minha mente vagava, às vezes para papai, mas principalmente para Cata e Lupe. A praia era prateada sob a luz do sol, e os cascos dos cavalos corriam fácil, à medida que eles se acostumavam com a mudança de superfície.

No horizonte, clarões de tempestades brilhavam sobre o mar, porém, tão distantes que não podíamos ouvir o estrondo dos trovões, só observar as nuvens ondulantes e os lampejos. Pensei na tempestade que havia levado o barco do tataravô Riosse e me perguntei se ele se aventurara tão longe naquele mar bravio.

O oceano ali parecia diferente, embora na verdade estivesse todo conectado e fizesse parte do mesmo corpo d'água. Foram cartógrafos como papai que o dividiram no papel e o nomearam, para tornar mais fácil para exploradores e comerciantes o marcarem como seu território. Assim como o Governador havia marcado Joya.

O Governador Adori nos fez parar a cerca de quatrocentos metros de distância do ponto em que o mapa assinalava a aldeia de Gris.

— Tudo bem, homens, ponham-se em guarda. Marquez, você vem na frente comigo.

Marquez deixou a formação, sibilando ao passar:

— Saiam do caminho.

— Nós avançamos devagar, depois atacamos — prosseguiu o Governador Adori. — Então, se encontrarmos alguém... qualquer outra pessoa que não a minha filha... nós a colocamos na defensiva, afugentando-a. Fiquem em seus cavalos até eu dar a ordem. Se um de vocês se separar do grupo, siga esta cordilheira de volta e espere no rio. Entendido?

Os homens assentiram. O rosto de Pablo estava sombrio; sua mão se

retesou ao redor do cabo de sua pequena faca. O Governador fez sinal para que continuássemos. Eu bati os calcanhares. A égua bufou e avançou.

Os cavalos começaram a trotar. À frente, um muro interrompido por um arco demarcava os limites da aldeia. O Governador Adori meteu as esporas nos flancos do cavalo. Ouvi o barulho inconfundível do chicote de Marquez nas ancas de seu garanhão.

Sacudi as rédeas e me inclinei por cima da sela como Pablo me disse para fazer. Os cavalos começaram a galopar e, enquanto os homens gritavam, senti meu sangue correr através de mim. Cruzamos o arco, e meu grito morreu na garganta quando vi o que estava além dele.

A aldeia se fora.

Apenas fragmentos desmoronados de paredes de barro e ruas rachadas permaneciam. Numa entrada, um esqueleto de um adulto, desbotado pelo sol, tinha o braço e a mão estendidos na direção de um conjunto menor de ossos. Meus próprios braços pesaram como chumbo enquanto eu tentava transformar os ossos em outra coisa. Uma sombra se abateu sobre o meu pescoço, mas não havia ninguém atrás, exceto Pablo.

O Governador de repente parou seu cavalo e desmontou num movimento fluido. A aldeia havia sido arrasada e, só de olhar, era óbvio que estávamos sozinhos. O mar murmurava para além das casas, e o azul das túnicas dos homens era a única cor ali perto. Ossos e argila estalavam sob botas e cascos, mas eu tomei cuidado para não pisar em nada.

Juntos, levamos os cavalos até o que antes era uma praça da vila, muito parecida com a de Gromera. Quando chegamos ao centro, uma voz soou.

— Parem!

Nós giramos em direção a Pablo, ainda montado em seu cavalo.

Ele apontou para o chão.

— Vejam.

Nós seguimos o olhar dele. Sob nossos pés corria uma linha preta grossa. Olhei ao redor e vi outra linha cruzando-a onde o Governador estava, formando um “X” que dividia a praça. Espalhadas sobre a cruz havia sementes brancas.

Eu recuei quando percebi que era sangue seco o que marcava o “X”. Os homens gritaram e correram da cruz, puxando seus cavalos com eles e sacudindo o pó de seus pés. Mas isso não era o pior. Aqueles objetos pálidos não eram de maneira alguma sementes.

Eram dentes.

O Governador deu um passo à frente e pegou um, colocando-o na palma da mão enluvada para examiná-lo. Um silêncio desceu sobre todos.

Pablo desmontou e ficou ao meu lado, tão perto que pude sentir um leve perfume da lavanda com que Masha lavava suas roupas. Olhei para cima, em direção ao céu de um implacável tom cinzento, esperando o Governador Adori se pronunciar.



Por fim, ele disse:

— Estes dentes não são humanos. Pelo menos, não são como nenhum dente humano que eu já tenha visto.

Ele estendeu a mão e Marquez se aproximou. Os dois homens olharam para o dente e Marquez o pegou e assentiu.

— É pesado também — ele concordou.

O dente foi passado de mão em mão. Não querendo segurá-lo na minha mão nua, examinei-o sobre a palma da mão de Jorge.

Tinha o formato de um dente de cachorro, só que mais afiado, as serrilhas profundas e irregulares. A raiz estava enegrecida, como se a gengiva estivesse doente. Engoli em seco e desviei o olhar.

— O que aconteceu aqui? — Marquez falou quase que de si para si.

Olhei em volta. A julgar pelos escombros e ossos, a aldeia e seus habitantes haviam sido destruídos anos antes. Mas seria possível que a cruz permanecesse intocada durante todo esse tempo? Os corvos que inundaram as ruas de Gromera com certeza teriam se alimentado dos cadáveres ali.

As coisas se encaixaram. Analisando o que restava dos telhados e da floresta distante, percebi que não tinha visto um único corvo desde que havia entrado nos Territórios Esquecidos. Nenhum animal em absoluto, nem mesmo os lobos que um dia haviam infestado as florestas como uma praga, e nenhum sinal dos cervos ou javalis que papai afirmava que costumavam ser abundantes na ilha. Assim como os pássaros canoros, os corvos também tinham ido embora.

— Pablo. — Eu me virei bem no instante em que algo muito atrás dele se moveu. Eu me concentrei no local, esperando que tivesse sido uma ilusão de óptica. Mas a coisa se moveu outra vez, agora na direção dos cavalos. Colada ao chão, quase tão escura quanto os penhascos atrás dela, deslocando-se com uma marcha lenta e rolante.

O medo se apossou de mim e meus pés foram liberados como se tivessem sido soltos de uma corda.

— Lá!

Os homens do Governador reagiram rápido, postando-se de costas um para o outro no centro do “X”, formando um círculo com cada homem voltado para fora, empunhando sua arma. Por um momento, nada se moveu. Então, saindo da floresta, eles invadiram a área. De repente, fomos cercados, minha visão bloqueada por muros partidos e sombras.

— Protejam o Governador! — gritou Marquez.

Eu enfiei a mão dentro da mochila e agarrei o cabo da arma de papai. Deixei a bolsa cair no chão quando puxei o punhal.

Não fui rápida o bastante. Pude captar apenas um vislumbre de um corpo cinza escuro antes de ser atirada para trás. Eu cortei o ar.

Tudo ao redor era uma mistura de ruídos. O Governador gritava ordens, as galinhas soltavam agudos cacarejos nas gaiolas amarradas à sela do cozinheiro. Os cavalos relinchavam e, em meio ao mais puro pânico, vi de relance seus olhos revirando.

Meus cotovelos e joelhos estavam presos, unhas arranhando o meu pescoço. Tentei rolar para me libertar, mas meu agressor me segurou firme. A dor irradiou pelo meu couro cabeludo quando minha cabeça foi pressionada contra as pontas dos dentes no solo.

Meu nome foi gritado de algum lugar atrás de mim — não o nome de Gabo, mas o meu próprio — e no momento seguinte a criatura foi lançada para longe quando Pablo a jogou de lado. Ele segurava uma porta quebrada nas mãos e afastou um borrão sombrio que atacava Marquez.

Outra criatura pulou em cima de mim, envolvendo sua cauda — ou um cipó — em volta do meu pescoço. Eu me contorci, brandindo o punhal descontroladamente. Lutei para afastar as garras — não, a mão — que estava apertando o cipó mais forte; e meus dedos, arranhando, agarraram outro cipó,

ou cordão, ao redor do pulso do meu agressor. Quando se partiu, movi a lâmina para cima.

Houve uma sensação horrível quando o punhal atingiu o alvo e depois o rasgou. A pressão no meu peito de repente desapareceu. Senti gosto de sangue na boca, mas não era meu.

Eu me sentei, pronta para me levantar, mas, em vez disso, vi uma trilha fina de vermelho escuro se afastando pela praça. Pablo estava curvado e ofegante ali perto. O Governador limpou sua espada na terra. O outro olho de Marquez estava inchado; suas roupas, rasgadas em pedaços.

A emboscada havia terminado tão depressa quanto começara. O zumbido nos meus ouvidos diminuiu aos poucos, o medalhão pressionado com força contra o meu peito.

— Alguma baixa, Marquez? — indagou o Governador Adori.

— Todos contados, Governador.

O cozinheiro estava parado ao lado da corda arrebitada de seu cavalo desaparecido, repetindo rápido e alto: “Minhas galinhas. Minhas galinhas. Minhas galinhas”.

Eu girei ao redor, desanimada. A égua baía se fora, não via a gaiola da Senhorita La em lugar algum.

— Quem eram? — perguntou Marquez, cuspiendo no solo. — Os Banidos?

O Governador olhou em volta da aldeia, procurando pistas.

— Podemos ter certeza de que eram homens, não animais?

— Eles chegaram em cima de nós tão rápido! — observou Cook, com os olhos arregalados.

— Eles tinham a vantagem — refletiu o Governador Adori. — Por que se retiraram?

Pablo estendeu a mão para me ajudar a levantar e, quando eu levantei a

minha, algo caiu do meu punho. Olhei para baixo e fiquei sem ar.

— Isabella? — disse Pablo baixinho, mas eu não o encarei, não podia. Eu estava olhando para o que estava caído no solo cheio de sangue e dentes. Um nó do tamanho do medalhão fechou a minha garganta.

— O que é isso? — perguntou Pablo. Ele se agachou e pegou.

Na palma de sua grande mão estava uma pulseira fina, as extremidades esfarrapadas no ponto que eu havia arrebitado ao puxar. Entremeadas nos fios havia uma única e reluzente linha dourada.

— É de Lupe.

— O quê?

— É de Lupe — repeti. — Eu fiz isso para o aniversário dela.

— Tem certeza? — gemeu Pablo.

— Sim — eu disse, forçando meus olhos a encontrar os dele. — Eu fiz essa pulseira. Amarrei-a no pulso dela.

— Como você conseguiu isso?

Um cipó em volta do meu pescoço, minhas próprias unhas arranhando para me libertar.

— Tampinha, precisamos sair daqui — disse Marquez, caminhando em nossa direção.

Os outros já haviam desamarrado o restante dos cavalos. Estava faltando mais um, além do meu e o de Cook.

— Gabo encontrou uma coisa — disse Pablo.

— O que foi? — perguntou Marquez.

Eu tentei fazer minha voz parar de tremer.

— Uma pulseira.

Marquez olhou para baixo.

— Isto aqui?

Ele a arrancou da palma da mão de Pablo, jogou-a no chão e arrastou a pulseira no solo com a bota.

— Não! — gritei. — É de Lupe!

— O que é de Lupe? — A voz do Governador atravessou a praça.

Até mesmo o mar, fora de vista para além dos lares demolidos, parecia ter ficado em silêncio.

— Este lixo — disse Marquez, chutando a pulseira para o Governador Adori. — O garoto parece pensar que pertence à sua filha.

O Governador não falou por um longo momento. Ele se agachou ao lado da pulseira. Eu podia ouvi-lo respirando. Sua cabeça se curvou, ele correu gentilmente o dedo ao longo da corda, seu fio de ouro cintilando.



— É dela?

— Senhor? — disse Marquez.

— Como você tem certeza de que é dela? — O Governador olhou para mim.

— Eu... minha irmã fez isso para ela.

— Isabella?

Tentei não piscar.

— Pelo aniversário dela.

— Como você conseguiu isso? — perguntou Marquez.

— Um deles estava usando.

O Governador Adori se levantou abruptamente.

— Temos que segui-los.

— Senhor, nós nem sabemos onde ou o que eles são.

— Eles são covardes. Raptando uma criança...

— Se forem os Banidos, precisamos ficar longe deles.

— Eles estão com minha filha.

— Senhor, eu não creio que ela esteja... — Marquez começou a dizer.

De repente, a espada de Adori estava pressionada contra seu pescoço. Eu ofeguei e ao meu lado Pablo deu um pequeno passo para trás.

— Não há corpo, Marquez. Então, sugiro que você não termine esse pensamento. — Ele pressionou a lâmina com mais força. — Fui claro?

Marquez assentiu. O Governador Adori virou-se.

— Ótimo. Mais alguma pergunta? — Ninguém disse coisa alguma. Seu olhar estava perturbado. — Todos montem em seus cavalos.

— Senhor — disse Pablo hesitante. — Eles pegaram alguns dos cavalos. Do cozinheiro, de Gabo.

— Aqueles sem cavalo façam o caminho de volta. Exceto o garoto do mapa. Adori olhou para mim. — Nós precisamos de você.

Eu o ouvi, como se falasse de muito longe, enquanto colocava a pulseira de Lupe no bolso. O medalhão pendia pesado em volta do meu pescoço e eu o pressionei no meu peito através da túnica.

Eu não podia permitir que chamá-la de “podre” fosse a última coisa que eu teria dito a ela. Estava errada sobre ela ser uma covarde. Queria lhe dizer que ela era corajosa. Queria lhe dizer que quem me dera eu fosse tão corajosa quanto ela.

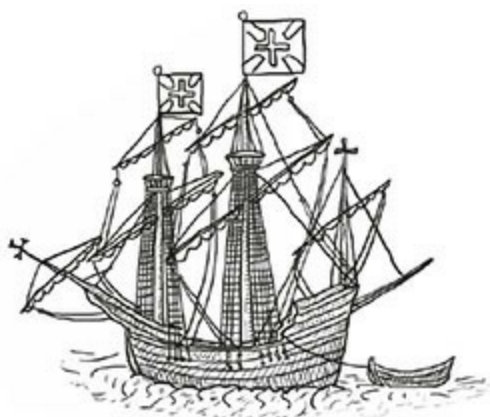
A expedição encolheu para sete integrantes. Aqueles que estavam com as roupas ensanguentadas as trocaram por limpas. O Governador teve que

emprestar para Marquez uma calça e uma túnica azul-real.

— Quem chamaremos de Governador agora? — brincou Jorge, o riso morrendo em sua garganta pela expressão no rosto de Adori.

Nós selamos os cavalos restantes. Eu subi na garupa de Pablo, tímida demais para colocar meus braços em volta de sua cintura até que ele me dissesse para fazê-lo.

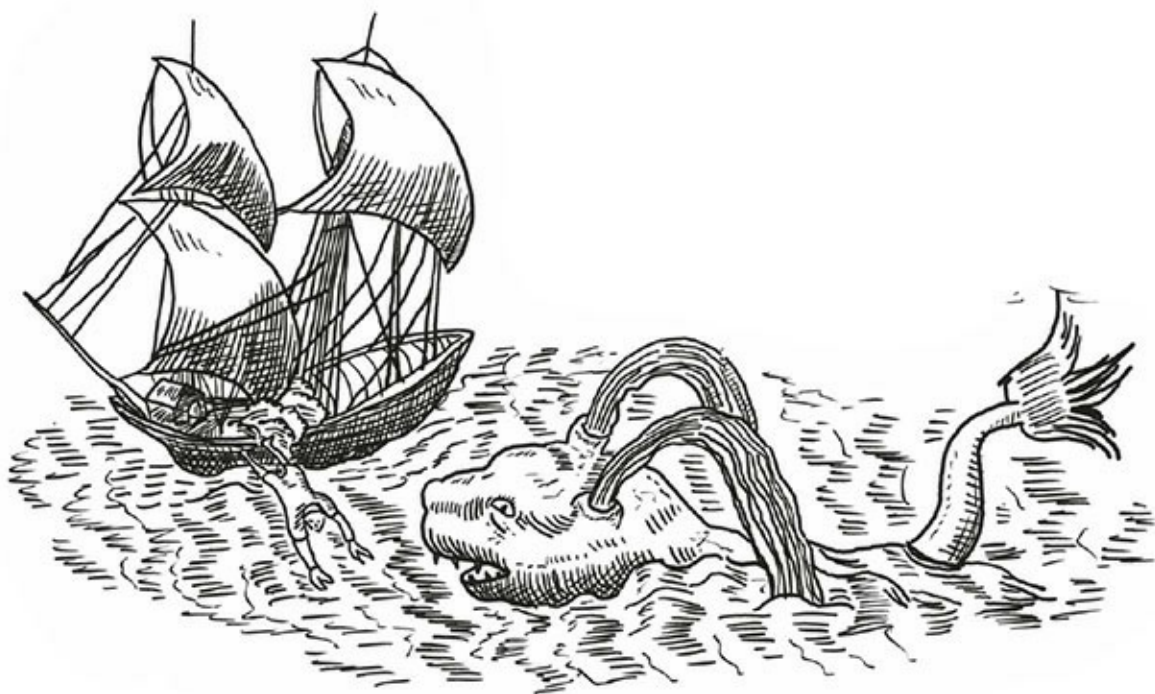
Depois de me virar para ver a aldeia de ossos desaparecer, peguei os instrumentos de cartografia e continuei marcando a distância.



— Você não precisa fazer isso — Pablo falou gentilmente. — Você deveria descansar.

Eu o ignorei. Tinha que fazer aquilo. A pena parecia a única coisa sólida no mundo.

Por favor, Lupe. Esteja bem.





CAPÍTULO DOZE

Para onde você gostaria de ir em seguida, papai? Quando os portos abrirem de novo?

Se, Isa! Se eles abrissem, eu gostaria de ir primeiro para América, claro, mas depois para Índia.

Por quê?

Índia é um lugar onde as cores são duas vezes mais vivas. Rosas que queimam seus olhos, azuis nos quais você pode se afogar.

Isso não parece tão bom.

Ah, mas é! A riqueza, a textura. Pense só no pigmento! Meus mapas seriam a inveja do mundo. Índia é para onde eu iria. Passando por África, a fim de comprar incenso para perfumar o papiro comprado de Egito. E você?

Eu iria com você, para Índia. Eu o ajudaria a encontrar pigmentos para fazer mapas tão bonitos que fossem dignos de rainhas.

Mas isso não era verdade. Eu queria explorar Joya, para preencher o vazio no coração da nossa ilha. Eu havia mentido.

E aqui estava eu. Olhei em volta, para as árvores que balançavam sombrias e para a ampla extensão da praia, naquele lugar que por tantas vezes imaginara, um lugar que para mim costumava parecer tão distante e mágico quanto Índia o era para papai. Mas agora o meu corpo estava doendo e a pulseira de Lupe jazia arrebitada no meu bolso. Pelo menos, papai não estava aqui. Com sua perna ruim, ele nunca teria conseguido encarar a cavalcada constante ou lutar contra os agressores como eu tive que fazer.

Ou, sussurrou uma voz mais baixa, *talvez ele pudesse*. Talvez eu estivesse sendo injusta, e gentil demais comigo mesma. Talvez tenha sido apenas egoísta, querendo vir nesta expedição. Talvez fosse apenas burrice.

Uma sombra projetou-se mais uma vez sobre o meu pescoço, mas eu sabia que não encontraria ninguém atrás de mim. Sem a minha trança, minha cabeça parecia mais leve, menos protegida. Inclinei-me contra as costas de Pablo.

Tudo devia estar ligado de alguma forma. Não apenas Cata, mas também os animais na baía, fugindo assim como os pássaros. O vilarejo destruído. O ataque. As conexões deviam estar bem debaixo do meu nariz, mas tênues como teias de aranha, cintilando nas profundezas da minha mente.

A paisagem mudava sutilmente hora após hora, vilarejo deserto após vilarejo deserto e, ao meio-dia do terceiro dia, o mundo parecia um lugar diferente. A névoa havia se dissipado e um sol forte açoitava nossas costas. A terra tinha se erguido do mar, então um penhasco despencava à nossa esquerda, e a água estava batendo contra as rochas com tanta força que respingos da arrebitação atingiam as minhas bochechas, impulsionados pelas fortes rajadas de vento que sacrificaram o chapéu de Marquez às ondas.

O Governador não falava nada, a não ser para nos ordenar a descansar por algumas horas a cada noite, todos nós dormindo mal com o vento uivando no

escuro. Seus ombros estavam curvados, e me perguntei se ele sentia o mesmo peso em seu peito, o mesmo aperto em sua garganta.

O medalhão pendia pesado em volta do meu pescoço, mas eu não iria tirá-lo. Eu não podia, não até encontrarmos Lupe. As crinas dos cavalos chicoteavam ao vento e meus olhos ardiam e lacrimejavam, sob a luz oblíqua do sol da tarde.

Logo estávamos nos deslocando por campos cobertos de vegetação crescida, obviamente abandonados. Devíamos estar chegando perto do próximo vilarejo, o que era algo muito bom. O sol estava se aproximando do horizonte, e a constante batalha contra o vento era exaustiva tanto para nós quanto para os cavalos.

Fortes ventos do mar sopram do Círculo Congelado ao redor de Carment, explicou papai, traçando a trajetória do vento no mapa de mamãe. As plantações crescem na horizontal e dizem que os carmentianos também andam curvados na direção do solo, como se envergados por correntes de ar. Todos somos produtos do nosso meio. Cada um de nós carrega o mapa de nossa vida impresso na pele, na maneira como caminhamos, até no modo como crescemos.

Por fim, as silhuetas no topo da encosta revelaram-se edifícios. Não as construções baixas e irregulares das ruínas, mas casas intactas.

— Senhor — eu disse, hesitante. — Os rastros dão a volta.

— Ele está certo — confirmou Marquez. As trilhas contornavam o limite externo do vilarejo abandonado de Carment, depois viravam e, numa linha quase reta, continuavam pelo mesmo caminho na direção da floresta distante, mais abaixo na encosta.

Examinei o borrão da fileira de árvores. O medo gélido percorria a minha espinha. E se eles estivessem nos observando neste exato momento?

— Acho melhor pararmos aqui, senhor — sugeriu Marquez, antes que o Governador pudesse interrompê-lo. — Os homens estão exaustos, os cavalos precisam descansar.

— O que você sugere? — retrucou o Governador Adori.

— É melhor determinar se este vilarejo é seguro, montar guarda e continuar a persegui-los à primeira luz da manhã — respondeu Marquez, baixando a voz, de modo que tive de me esforçar para ouvir. — Eu não confio em nossas chances na floresta.

O Governador resmungou e se virou para mim.

— Rapaz, para onde levam essas trilhas?

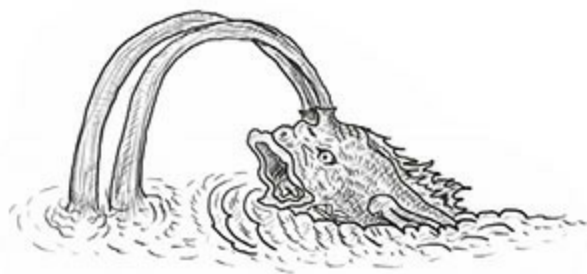
Verifiquei o mapa de mamãe, embora soubesse que quase não havia detalhes no centro.

— Para o Marisma, senhor.

— Somente o pântano? Não há vilarejos?

— Nenhum neste mapa, senhor.

O Governador desferiu um soco contra um muro, rachando a lama. Eu recuei, e Pablo deu um passo em nossa direção, mas o Governador só distribuiu mais ordens e se afastou a passos largos.



Nós amarramos os cavalos a um coche. Pablo ficou para trás para alimentá-los enquanto entrávamos no silencioso vilarejo. Desloquei-me no centro do grupo, com a mão ao redor do cabo do punhal, mas nada aconteceu. Não havia ninguém além de nós.

Carment não se parecia em nada com o que eu esperava. Assemelhava-se muito a Gromera, só que ao contrário, inclinando-se num aclive em direção à costa em vez de num declive. Até mesmo as dobradiças das portas eram posicionadas do lado oposto em comparação às nossas. Algumas das casas eram tão grandes quanto a de Pablo e a minha juntas, com portas de madeira escura.

Limpei uma espessa camada de teias de aranha de uma delas. Tinha um entalhe que parecia serem ondas agitando-se no mar. Limpei mais com a mão, e um grande navio com velas e tudo surgiu de perfil no centro da porta. As velas tinham resquícios de tinta vermelha.

Eu me afastei e tentei imaginar toda a superfície pintada. O azul do mar, o navio de velas vermelhas galgando a crista das ondas de espuma branca. Era lindo.

Por dentro, eu ansiava pela minha casa, com a sua porta verde descascada e as paredes recobertas de mapas, e papai. Virei-me e enxuguei rápido os meus olhos, enquanto Marquez passava por mim em sua ronda.

Eu o segui pela encosta, contra o vento. Passamos por mais portas entalhadas, mais casas com paredes com as cores descascando, até chegarmos a um grande espaço vazio, como uma praça de mercado, exceto por ser curva, as casas organizadas ao longo de sua borda como uma plateia. Para além dela, ficava a beira do penhasco. O vento vindo do mar ali estava mais frio do que qualquer coisa que eu já tinha sentido antes, e eu fechei mais o casaco de Gabo ao meu redor.

Lá embaixo, o mar ondulava e arrebentava nas rochas, formando marolas até onde eu conseguia enxergar. Papai disse que em algum lugar seguindo naquela direção ficava o Círculo Congelado, onde os ursos eram brancos e a respiração saía do seu nariz como pingentes de gelo.

Diretamente abaixo de mim havia um porto, protegido por um muro de pedra. Quaisquer barcos que ele já houvesse abrigado tinham desaparecido. Uma estreita fileira de degraus de pedra estava escavada no penhasco que descia até a baía e, sem pensar, comecei a descê-los, segurando firme nos apoios entalhados, até os nós dos meus dedos ficarem brancos. O vento diminuiu quando passei ao abrigo da parede de pedra, e pulei os últimos três degraus, aterrissando em areia fina. Essa areia era tão branca como a de Gromera era negra, brilhando de uma maneira estranha.

Retirei as botas de Gabo e arregacei a barra da calça. As solas dos meus pés estavam repletas de bolhas, meu calcanhar em carne viva devido à fricção.

Olhei para o alto e escuro trecho do penhasco para verificar se eu não estava sendo vigiada, mas duvidava que alguém tivesse notado que eu tinha me afastado. Preparando-me, dei um passo à frente no raso.

A água picou como minúsculos insetos, mas logo meus dedos estavam entorpecidos. Eu estava no mar, e o homem que o havia banido encontrava-se a um penhasco apenas de distância. Fechei os olhos. Eu queria nadar, mas embora mamãe tivesse ensinado a mim e a Gabo como fazê-lo num pequeno lago próximo às minas, eu não conseguia me atrever.

Papai disse que o Governador tinha proibido nadar para impedir que alguém tentasse fugir.

Não que eles fossem longe. A corrente é imprevisível e o mar está cheio de criaturas terríveis — águas-vivas, tubarões, serpentes marinhas.

Por que as pessoas estão tão tristes por deixar o mar então, papai?

Porque ele também está cheio de coisas maravilhosas e pode levá-lo a qualquer lugar neste mundo.

— A qualquer lugar neste mundo — sussurrei para o medalhão. — Você

ouviu isso, Lupe? Há tantos lugares que temos que ver.

Um baque *abafado* ressoou por trás de mim. Antes que eu pudesse me virar, mãos agarraram a minha cintura. Eu estava sendo erguida.

Debati-me, contorcendo-me e esperneando desesperadamente, mas as mãos eram firmes e a pessoa estava correndo, carregando-me para as ondas.



Pablo estava rindo. Ele parou com a água batendo na altura da coxa, segurando-me acima dela.

— Respire fundo!

E, então, ele me jogou no mar.



Meu corpo flutuou ao sabor da leve corrente. Eu havia me esquecido da sensação de falta de peso; lembrei-me de Gabo rindo enquanto ele levantava a mamãe no lago até a metade do corpo. Nadar no mar era diferente, no entanto. A água era negra abaixo de mim e, depois de algum tempo, eu me assustei imaginando o que havia embaixo e tive que sair de lá.

Esfregando os braços para me aquecer, observei a sombra de Pablo, sua cabeça lisa como a de uma foca. Bem quando as minhas pernas estavam começando a secar, ele saiu da água e se jogou ao meu lado.

Como que dando continuidade a uma conversa que tínhamos acabado de ter, ele disse:

— Isso é ainda mais estranho do que eu pensava que seria.

— Eu também — concordei, e ele bufou.

— Bem, sim, você é a coisa mais estranha aqui.

— Você sabe o que eu quis dizer. — Senti minhas bochechas corarem. — Não ria de mim!

— Sinto muito. — Ele parecia sincero. — Eu costumava ser ridicularizado, sabe? Por brincar com você e Gabo.

— Por quê?

— Vocês eram mais novos. Costumavam me chamar de idiota.

— Quem fazia isso?

— Os garotos da minha idade — ele contou, peneirando areia por entre os dedos. — Um idiota. Tolo.

— Isso não é muito original.

Ele deu uma risada suave.

— Imagino que não.

Lancei-lhe um olhar de soslaio.

— É por isso que você parou? De nos visitar?

Pablo ficou imóvel.

— Eu sinto muito. Por não ir quando Gabo...

Senti a familiar sensação da minha garganta se fechando.

— Tudo bem.

— Você está bem? Com tudo isso... — Sua mão fez um curto movimento

em direção à minha e então ele se deteve, pousando-a em seu colo novamente. — Você deve estar com medo.

— Não estou.

— Eu estou.

De novo, silêncio.

— Você acha que a encontraremos? — perguntei. — Lupe.

— Sim — assegurou Pablo rápido demais, com certeza demais, mas uma onda de calor me aqueceu mesmo assim. Percorri com o dedo a pulseira no meu bolso úmido.

— Que bom.

Ficamos sentados observando as estrelas reluzirem pálidas no céu. Tentei lê-las, não como Masha, pelo destino, mas como papai, por direção. A Estrela do Norte mantinha-se em seu lugar acima de nós, não era a mais brilhante no céu, mas a mais firme. Papai sempre a chamava de âncora, uma estrela amarrada em torno da qual o céu girava.

— Aquele pedaço de madeira, aquele que brilha. — A voz de Pablo me sobressaltou. — É da bengala de seu pai, não é?

Assenti, dando-me conta, e sentindo-me culpada por isso, de que eu quase havia me esquecido de que o Governador estava com ela.

— Você não sabe mesmo de onde ela vem? Por que brilha?

— Por que brilha, não. Mas veio de um barco. O barco do meu tataravô.

— De um barco? O que aconteceu?

— Pablo — eu questionei, de forma provocativa —, você quer que eu conte uma história para você?

— Não — ele bufou, deitado de costas na areia. Houve um breve silêncio. — Talvez.

Deitei-me ao seu lado, com os olhos fixos na Estrela do Norte. A voz de

papai veio até mim, forte e profunda, e eu pronunciei as palavras do jeito que ele o faria, do jeito que ele tinha feito tantas vezes numa noite clara e estrelada como esta.



A madeira é tudo o que restou do barco do tataravô Riosse. Ele foi construído a partir de uma única árvore especial, libra por libra, tão leve quanto os ossos de uma garça. Mas esta não era a coisa mais notável. Quando ele raspou a madeira, a casca sob suas unhas brilhou. Uma vez cortadas, as tábuas revelavam os veios brilhantes. Os pregos penetravam facilmente a madeira sem partirem-na e, quando colocada no lugar, mantinha-se firme. O barco cresceu sob os seus dedos de forma tão natural como se a árvore tivesse se enraizado de novo e assumido uma nova forma. Dois meses depois, o Luna Flotante — Lua Flutuante — estava concluído, seus flancos recobertos com seiva de dragoeiro, de modo que, quando a noite caía, brilhava como um farol de fogo. Os peixes ficavam tão atraídos pela luz que ele podia simplesmente colhê-los do oceano com as mãos. Mas a sua sorte não durou.

Certa noite, um vento forte o carregou para longe demais. Uma nuvem negra deslizou da costa distante de Afrik e se acomodou acima dele. A chuva caía como chicotadas, e o barco chacoalhava de um lado para o outro na violência das águas, o vento levantando-o. Ele se amarrou ao mastro, mas o mastro quebrou. Ele foi atirado ao mar quando o barco subiu um enorme vagalhão, mas não despencou de novo. Em vez disso, foi elevado acima do oceano assolado pela tempestade como um bizarro pássaro. Então, ele foi

arrastado para baixo. Ele sabia que a morte estava chegando; seus pulmões distenderam e sua cabeça foi tomada por estrelas brilhantes de dor.

Mas ele não morreu.

O mastro o levou à superfície e o sustentou até a tempestade passar. Ele foi resgatado por um navio que passava. A tripulação ficou confusa com a sua tagarelice sem sentido. Não haviam visto nenhuma tempestade e com certeza nenhum barco voador. Sua única prova era o mastro amarrado ao seu corpo.



Posso ver que você está duvidando de mim, Isa, mas eu acredito nisso. Eu acredito que aquele barco não era desta terra, ou, pelo menos, não era da terra humana. Foi dado a ele pela ilha e reivindicado de volta. Todas as coisas têm um ciclo, Isabella, um hábito de retornar ao lugar de onde vieram. As estações, a água, as vidas, talvez até mesmo as árvores. Nem sempre você precisa de um mapa para encontrar seu caminho de volta. Embora muitas vezes isso ajude. E então, no que você acredita?



CAPÍTULO TREZE

Eu não pretendia ter dito a última parte em voz alta, mas Pablo não me provocou. Sua mão quente e áspera deslizou na minha e apertou-a suavemente.

— Venha — ele falou. — Temos que voltar.

Peguei a mochila e as botas, seguindo-o descalça pelos degraus íngremes de pedra. O vento começara a uivar outra vez. Quando chegamos ao topo, havia luzes e vozes vindo de uma das casas maiores, e do lado de fora uma fogueira ardia, protegida do vento pelo muro alto. Uma figura solitária estava sentada lá.

Pablo e eu começamos a andar em direção a casa, mas quando nos aproximamos da porta aberta, a voz do Governador soou ao lado da fogueira.

— Venha cá, garoto.

Fiquei tensa. Ele não ergueu a vista das chamas, mas estava indicando um lugar ao lado dele. Nós começamos a caminhar em sua direção, mas ele estalou os dedos para Pablo.

— Você não.

— Está tudo bem? — murmurou Pablo.

— Depressa — gritou Adori.

Tremendo um pouco, fui até ele. Pablo parou um instante na porta e depois entrou.

— Esteve nadando? — Ele agarrou o meu pulso, puxando-me para baixo antes que eu pudesse responder. — Sente-se.

Houve um longo silêncio antes de ele voltar a falar.

— Então esta é Carment. — Ele bebeu um gole de seu cantil de bolso. Dava para sentir o cheiro de conhaque de mel de onde eu estava, forte e doce. — Lar dos Banidos, dizem alguns. Você conhecia a garota? A que morreu?

— O nome dela era Cata — respondi, com cuidado para não deixar transparecer nenhuma emoção na voz. — Sim. Ela era amiga da minha irmã.

— Sua irmã tinha uma variedade interessante de amigas — observou o Governador.

— Ela tem, senhor. — Minha mão agarrou a mochila com tanta força que meus dedos estalaram. Desejei que Pablo não tivesse entrado.

— Diga-me, garoto, você gosta do seu trabalho?

— Sim.

— Você é afortunado, então. Meu pai também era governador. De uma cidade em Afrik. Eu aprendi a lutar, ajudando-o a defendê-la. Isso é tudo que ser um governador é, na verdade. Combater. Meu pai morreu tentando defender seu poder.

— Eu sinto muito.

— Não se desculpe. Afinal de contas, eu o matei.

Suas palavras me atingiram como uma pedra e eu tentei não me encolher.

— Mas eu tive o meu castigo. Estou aqui, não estou? — Ele deu uma risada forçada e bebeu outra vez do cantil. *Agora, pensei, devo perguntar a*

ele agora.

— Por que está aqui, senhor? Por castigo?

— Por castigo. Por redenção. Falhei nesse aspecto. Sim. Eu fui enviado.

Redenção? Eu não conhecia essa palavra. Hesitei e perguntei:

— Enviado por quem?

Ele ficou em silêncio por um longo tempo, e eu desejei ser corajosa o bastante para olhar para o seu rosto, a fim de avaliar se eu tinha ido longe demais.

— Você fez sua pergunta — ele disse de repente. — Agora é a minha vez de perguntar. Por que você traz o medalhão da minha filha no pescoço?

Levei a mão ao peito. O medalhão estava sobre a túnica, à vista de todos. Busquei rápido por uma desculpa, o coração batendo alto em meus ouvidos.

— Não se dê ao trabalho de mentir — disse o Governador. Seus olhos eram opacos e escuros como carvão.

— Ela o deu para a minha irmã — falei por fim.

O Governador assentiu para eu continuar. Levei alguns segundos para descobrir por onde começar e, por fim, contei que Lupe tinha mandado Cata procurar frutas-dragão e terminei com a carta. Pulei a parte em que me disfarcei de Gabo.

O Governador ouviu em silêncio. Então, ele falou:

— Você acredita em destino?

— Sim. Não. Talvez — eu disse.

— Dê-me uma resposta, garoto.

— Meu pai diz que “destino” é uma palavra usada por pessoas que não querem assumir a responsabilidade por suas próprias vidas.

O Governador Adori deu uma risadinha, um ronco grave que continha tanto calor quanto os olhos de Marquez.

— Seu pai conversa com você sobre a infância dele? Sobre crescer e por que ele se tornou um cartógrafo?

— Sim.

— Eu não entendo por que os homens dizem a seus filhos essas coisas — ele zombou. — É fraqueza. É conversa de leito de morte.

Eu não sabia o que dizer sobre isso. Não poderia dizer a ele que achava que papai era a pessoa mais forte que eu conhecia.

— O senhor quer de volta? — perguntei. — O medalhão?

Ele piscou para o fogo.

— Era de Lupe. Era dela para dar a quem quisesse, e eu duvido que tenha alguma utilidade para ela agora.

Lá estava. Ele achava que ela se fora. *Você está errado.*

Minha vontade era gritar, berrar com ele por desistir dela, mas eu apenas mordi o lábio e me odiei por isso.

— Ainda assim, vou me vingar. — Seus olhos flamejaram. — É o que os governadores fazem. — Ele riu tão de repente que eu me sobressaltei, esbarrando em seu braço. Ele olhou para o tecido escuro de sua capa, para a mancha mais escura ainda que se espalhava do cantil de bolso derramado. Eu preendi a respiração.

— Governador? — Marquez saiu da casa. O Governador se virou para olhá-lo e acenou para ele se aproximar.

— Pegue isso — disse o Governador Adori, jogando sua capa para mim. — Essa mancha precisa sumir até amanhã.

Eu agarrei a peça e me afastei tropeçando. Quando passei por Marquez, ele segurou o meu braço.

— Eu estou de olho em você, garoto.

Cheguei a casa e me encostei contra a parede interna. Sentia como se

tivesse escapado de um incêndio florestal com apenas alguns chamuscados. Pablo me lançou um olhar preocupado, mas fechei os olhos com tanta força que eles zumbiram.

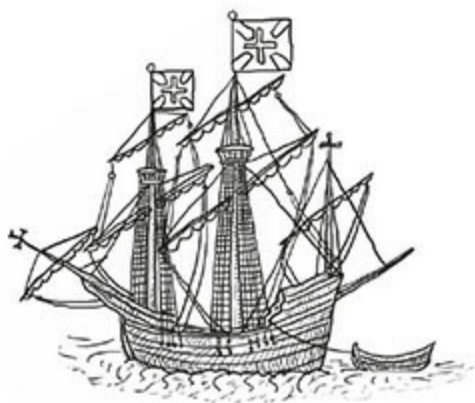
Você acredita em destino?

Ele tinha matado o próprio pai. Se eu já não tivesse certeza de sua crueldade antes, poderia ter certeza dela agora. Eu não podia baixar minha guarda perto dele. E Lupe... ele achava que ela estava morta. Eu deixei tal pensamento assentar pesadamente em mim. Eu tinha que acreditar duas vezes mais que ela não estava.

— Por que você está com a capa dele? — Meus olhos se abriram. Pablo estava parado bem próximo a mim. Eu observei para além dele um grande cômodo com janelas altas. Os outros estavam jogando cartas em volta do pedaço brilhante da bengala de papai. Ninguém ergueu a vista.

— Isa, você está bem?

— Não me chame assim — retruquei, passando por ele. — Tenho de trabalhar.



Ele franziu a testa, mas eu o ignorei. A conversa com o Governador havia me enojado. Eu atirei a capa para o lado. Não faria coisa alguma para aquele homem. Lupe merecia coisa muito melhor do que um assassino como pai.

Eu sentia falta de casa, e mapas eram o mais perto que eu poderia chegar dela, agora que a Senhorita La se fora. Espalhei o material num canto, virando as costas para Pablo. As cartas estelares haviam secado, mas estavam rasgadas e manchadas. Eram inúteis agora. *Sinto muito, papai*. Olhei para o pedaço de céu através da janela acima de mim. A Estrela do Norte reluziu de volta. Se eu pudesse ancorar sua posição...

Comecei a desenhar, imaginando nossa jornada de trás para a frente, até onde eu estava. Tracei a rota ao longo da praia, o solo em declive. Desenhei o estuário do rio e, depois, a longa e lenta curva da praia até Gris, com seu “X” de sangue e dentes, marcando a linha das árvores e a nossa rota até Arintan. Por fim, minhas linhas se reuniram com aquelas que eu havia desenhado em nosso primeiro dia nos Territórios Esquecidos, quando tudo aquilo parecia tão excitante quanto assustador – quando me senti tão aventureira quanto Arinta, sentada ao lado de sua cascata, com o coração ainda cheio de esperança de que encontraríamos Lupe e vendo o mapa de mamãe revelar seus caminhos secretos para mim. Peguei o antigo mapa e passei um dedo por sua superfície.

— Por favor — sussurrei. — Mude.

Mas o mapa apenas farfalhou zombeteiro, comum como sempre. Enrolei-o de volta e pus de lado o meu novo e fracassado mapa também. Não era como os de papai. Fui estúpida por pensar que seria. Olhava para ele e via escala, paisagem, pontos de referência, mas nada do “espírito” da ilha que eu tinha desejado captar. Era uma coisa sem vida, simplesmente tinta sobre papel. Os mapas de papai sempre pareciam vivos. Como se fossem feitos de algo mais. Tinta, papel e algo mais, algo vivo.

Mas não fazia sentido tentar melhorá-lo agora. Não com minha cabeça tão pesada, meus olhos tão cansados. Descansei a cabeça na mochila e puxei a

capa em volta do meu queixo para me proteger da corrente de ar. Enquanto os homens jogavam cartas e trocavam piadas, eu sonhava com pais assassinados há muito tempo e mapas vivos que se moviam como areia sob os meus dedos.



— Isabella — a voz de Pablo, perto do meu ouvido. — Você está ouvindo isso?

Eu me sentei, prestando atenção. Estava ouvindo. Um assobio baixo, apenas audível acima do vento. Espiei a escuridão lá fora.

— Onde está o Governador? — perguntou Jorge, sonolento.

— Vamos encontrá-lo — sibilou um dos outros.

— Não vocês dois, vocês vão atrapalhar — disse Marquez quando Pablo e eu nos levantamos.

— Eu posso ajudar — Pablo falou, puxando sua pequena faca.

Marquez bufou.

— Não, com isso você não pode. Tome. — Ele tirou uma segunda espada do cinto.

Pablo pegou-a e balançou a cabeça para mim.

— Fique aqui. Eu voltarei assim que souber o que está acontecendo.

Concordei, enquanto os homens sacavam suas espadas e saíam em silêncio, na ponta dos pés. A porta se fechou. De repente, eu estava sozinha. A madeira luminosa ainda brilhava sobre a mesa, e eu a enfiei no meu cinto enquanto apurava os ouvidos, tentando escutar outro assobio, mas não houve nenhum. Eu não sabia se deveria relaxar ou me preocupar. Alguns minutos se passaram, e tudo o que consegui ouvir foi o vento.

Então, ouvi o som inconfundível de um homem gritando de dor: uma nota gutural que morreu quase que instantaneamente. Minha pele arrepiou.

Desembainhei o punhal de papai. Eu não queria simplesmente me sentar e esperar para descobrir o que estava acontecendo. Coloquei a capa escura do Governador para esconder o brilho da madeira luminosa e entreabri a porta.

Ela rangeu alto. A costa curva estava vazia, o mar negro rugia mais além. A fogueira diante da qual Adori e eu nos sentamos estava apagada.

O som repentino de uma briga veio de trás da casa. Tentando respirar da maneira mais silenciosa possível, rastejei em direção a ela, dobrando uma esquina. Coloquei a mão sobre a boca para abafar um grito.

Marquez se encontrava caído ali, com olhos vidrados, que nada enxergavam. Suas mãos estavam amarradas diante de si, mas seu peito ainda estava subindo e descendo. Ele estava vivo — mas onde estava seu agressor?

Eu tinha que encontrar Pablo. Encolhi-me de volta nas sombras, correndo e fazendo o mínimo barulho possível. Meu pé se chocou contra alguma coisa e eu quase caí.

O pânico invadiu minhas entranhas. Era outro dos homens do Governador, inconsciente e amarrado.

Escutei um ruído atrás de mim e me abaixei, minha cabeça a mil. Eu tinha o punhal e a madeira luminosa, minha mochila. Eu poderia pegar um cavalo e ir embora, seguir a costa até chegar ao topo e ser obrigada a ir para a floresta. Eu poderia chegar em casa.

Não, disse uma outra voz, mais insistente. Eu deveria tentar encontrar Pablo. Eu não podia partir desse jeito. Arinta não faria isso. Eu me endireitei e voltei para a praça.

Um cheiro de navios em chamas encheu minhas narinas e, então, minhas mãos estavam sendo torcidas atrás de mim.

Espernee e abri a boca para gritar, mas uma substância amarga foi colocada à força na minha boca, dissolvendo na minha língua. Minhas gengivas ficaram dormentes, o sangue gelando.

O mundo se esvaiu enquanto o espesso nevoeiro entorpecia os meus membros. A terra encheu a minha boca quando desabei para a frente na escuridão.





CAPÍTULO QUATORZE

Tudo doía. Tudo parecia pesado, imobilizado. A madeira luminosa estava pressionando a base da minha espinha; a mochila, esmagada debaixo de mim. Eu a puxei para fora e abri os olhos.

Agarrei a madeira luminosa até me recuperar um pouco, tentei me sentar, a cabeça latejando violentamente.

Um rosto escuro e preocupado apareceu à vista. Apertei os olhos até que entrasse em foco, então os fechei. O choque passou por mim em ondas frias. Eu estava morta, só podia ser.

Mas eu não me sentia morta. Eu podia sentir o chão, sentir a pulsação no meu pescoço.

Olhei de novo. O espesso halo de cachos negros estava todo emaranhado, o rosto mais sujo do que a Señora Adori jamais permitiria, mas lá estava ela.

— Lupe?

— Eu sabia que era você! Mesmo com esse cabelo tão curto.

Atirei meus braços doloridos ao redor dela, pressionando o rosto contra seus cachos imundos. Lupe apertou de volta, com tanta força que senti meus

ombros estalarem. Ela estava tremendo e dava para sentir os ossos de sua coluna contra os meus antebraços.

— Você está bem? — sussurrei.

Ela sentou-se nos calcanhares e esfregou o rosto.

— Melhor agora que você está aqui. Por que você está vestindo a capa do papai?

— É uma longa história.

Lupe soltou uma risada soluçante e puxou as pernas até o queixo.

— Aposto que sim.

Suas saias farfalharam: ela ainda estava vestida com tafetá cor-de-rosa, embora agora o tecido estivesse enlameado e rasgado ao redor da bainha. Era a cara de Lupe não ter trocado seu vestido de aniversário antes de partir para os Territórios Esquecidos.

— Nós pensamos que você estava morta! — não consegui disfarçar o tom de surpresa em minha voz.

— Eu também pensei que poderia estar.

— O que aconteceu?

— É uma longa história. — Ela tinha os olhos profundos e olheiras escuras. — Doce me achou.

— Doce?

— Ela também é filha de um governador, mais ou menos. Sua mãe, Ana, é líder dos Banidos...

— Os Banidos? — Minha pele se arrepiou.

— Eles me encontraram numa das aldeias. Grit ou algo assim.

— Gris. — Não fazia sentido ela estar ali viva e vestida com suas melhores roupas, falando sobre os Banidos. — Lupe, precisamos sair daqui. Os Banidos mataram Cata.

— Não — protestou Lupe. — Foi outra coisa que a matou.

Meu coração martelava em meus ouvidos.

— O quê?

— Podemos esperar até que Doce chegue aqui? Ela explica muito melhor que eu. De qualquer maneira, eu estava em Grit...

— Gris.

— ... porque o meu cavalo disparou e eu não consegui parar, e estava correndo em direção ao mar, mas Doce o deteve. Eu caí e aterrissei sobre uns ossos. Você os viu?

— Sim, eu vi. O que aconteceu lá?

Os olhos de Lupe se arregalaram e ficaram grandes como pratos.

— O ar os matou. Foi o que Doce disse. Algo flutuou do chão e tornou difícil respirar. Como veneno.

— Ar envenenado? — Eu não conseguia parar de olhar para ela espantada.

— Mas eu encontrei sua pulseira...

— Onde?

Eu a puxei do meu bolso.

— Eu tirei de alguém. Alguém que me atacou.

A compreensão do que havia acontecido surgiu no rosto enlameado de Lupe quando ela a segurou.

— Oh, foi você! Eles estavam apenas tentando pegar as galinhas. Todos os animais desapareceram, sabe? — Lupe estremeceu. — Parece horrível. Todos eles correram para o mar.

As galinhas. É por isso que os agressores partiram assim que agarraram os cavalos com as gaiolas das galinhas.

— Doce fez um guisado. Menos com uma delas, toda estropiada e mal-humorada, e me deixaram ficar com ela. Como animal de estimação, sabe?

Ela apontou para um galinheiro nas sombras e eu me aproximei. Não era possível, mas ainda assim era verdade: Senhorita La, bicando irritada algumas sementes. Fiz menção de pegá-la, mas ela gritou e tentou me bicar. Era óbvio que ela não estava tão feliz em me ver como eu a ela.

— Vocês se conhecem? — Lupe franziu a testa.

Confirmei com a cabeça, mas não expliquei. Era uma história muito longa. Olhei em volta, percebendo pela primeira vez as estacas batidas no chão num círculo ao nosso redor, elevando-se até os galhos lá no alto. Uma jaula, cercada por floresta negra. O chão era macio, não socado, duro e empoeirado como em Gromera, e o ar cheirava a água parada, embora eu não conseguisse ver onde ela estava.

Eu chequei a mochila, puxando o mapa de mamãe. O lugar devia ser o Marisma, o pântano no centro da ilha. Tracei a rota para Gromera. Se pudéssemos escapar da jaula, poderíamos ir para casa. Coloquei-o cuidadosamente de volta na mochila, junto com a madeira luminosa.

— Você não se importa com a pulseira, não é? Eu a dei a Doce para agradecer por me salvar dos Tibicenas.

Eu fiz uma careta.

— Tibi-o quê?

Lupe estremeceu.

— Eu... Eu prefiro não falar sobre eles agora.

Eu não conseguia decidir se estava morta ou sonhando.

Nada que Lupe estava dizendo fazia sentido. Lupe estar aqui, dizendo o que quer que fosse, não fazia sentido. Ela estava franzindo a testa para mim.

— Isabella, ainda somos amigas?

Eu peguei a mão dela.

— Claro que somos.

— Você não acha que eu sou podre? — Parecia estar à beira das lágrimas.

Meu estômago se contorceu de culpa.

— Não. Me desculpe por ter dito aquelas coisas.

Ela assentiu.

— Está tudo bem.

Peguei a pulseira e amarrei-a de volta em seu pulso.

— Você já viu o seu pai?

— Meu pai? — Lupe franziu a testa. — Por que ele está aqui?

— Viemos para resgatar você. Você não acha que eu cheguei aqui sozinha, acha?

— Ele veio me resgatar? — Lupe inclinou a cabeça, parecendo um pássaro com seu ninho de cachos emaranhados. — Meu pai?

— Sim. E eu, Pablo e alguns de seus homens.

O lábio de Lupe tremeu.

— Ele trouxe todas aquelas pessoas para me procurar?

— Sim — respondi, minha impaciência crescendo. — Precisamos sair daqui. Precisamos encontrá-los.

Os olhos de Lupe se prenderam em algo atrás de mim.

Eu me virei devagar. Por um momento, não houve nada. Então, uma garota deu um passo à frente na clareira através de uma entrada oculta no círculo de estacas, emergindo como se o próprio ar tivesse se separado e a formado.

A garota banida se aproximou. Seus movimentos eram fluidos, seu corpo e roupas escuras, manchados de lama, exceto por um trecho relativamente limpo de pano amarrado ao redor de seu braço.

Minha boca ficou seca quando me lembrei de erguer meu punhal em Gris, a sensação de resistência... Eu havia feito aquilo?

Não consegui olhá-la nos olhos, vacilando enquanto ela empurrava algo

em minha direção.

— Você precisa beber água — disse a garota, oferecendo-me um pote de barro. — Está fervida. É segura.

Minha boca estava seca. O pote era mais pesado do que parecera nas mãos dela. Engoli a água, mal parando para respirar. O gosto era estranho, como de terra.

— Ela disse que meu pai estava com ela, Doce. Ele está aqui? — perguntou Lupe.

Doce assentiu.

— Você faz muitas perguntas.

— E Pablo? — perguntei, com a barriga cheia de água. — Ele está aqui?

— Eu não sei seus nomes.

— Um menino. Ele é alto, como um homem, mas está usando uma túnica branca.

— Eles estavam todos de uniforme. Azul, com costura dourada. Nós os estamos mantendo lá. — Ela apontou vagamente para a escuridão. Notei que sua pronúncia não era fluente como a de Lupe ou a minha. Suas palavras eram incertas e cheias de interrupções, sua língua estalava mostrando desagrado.

— O que vai acontecer com eles? — perguntou Lupe.

Doce não respondeu.

Eu podia imaginar que não era coisa boa.

— Então, nenhum menino de túnica branca?

— Não.

Um dos pequenos nós de preocupação no meu peito se desfez. Pablo havia escapado.

Doce deve ter confundido minha expressão com outra coisa, porque ela

disse:

— Sinto muito. Tenho certeza de que seu amigo ficará bem.

Ela não me pareceu muito convincente.

— Ficar bem? Por que não haveria de ficar? — Todos os perigos pareciam explicados. Era óbvio que haviam sido os Banidos que nos atacaram em Gris.

Doce olhou para Lupe.

— Você não disse a ela? Sobre...

— Sim, disse. Eu simplesmente não sabia o que lhe contar...

Esperei que alguém me explicasse.

— Contar o quê?

— Sobre os Tibicenas — soou a voz de Lupe. Eu me lembrei de novo: Cata.

— Quem são os Tibicenas?

Doce respirou fundo, e a incerteza em sua voz ficou mais pronunciada.

— Eles vieram de baixo, dez dias atrás. Mataram aquela garota em sua aldeia, quase mataram Lupe também. Um deles a tinha encurralado em Gris quando a encontramos. Nós o matamos e fizemos uma cruz com seus dentes para avisar os outros. Mas criaturas assim, elas não têm alma. Não sentem medo.



— Foi horrível. — disse Lupe baixinho. — Foi a maior coisa que já vi. Todo sujo e tão escuro que era como...

— Como se tivesse sugado toda a luz do mundo — concluiu Doce.

— Mas o que eles são? — perguntei impaciente.

— Eles são cães demônios.

Cães demônios. Minha mente zumbiu.

— Como no mito de Arinta?

— São como enormes lobos. Nós pensamos no início que era isso mesmo que eles eram — explicou Doce.

— Bem, havia lobos na ilha. — Eu esperava estar soando como papai se ele dissesse aquilo: com calma, sensatez. — Eles viviam nas florestas. Depois, eles se mudaram para as cavernas...

— Eles não são como esse tipo de lobos. Eles são... eles são maiores que os lobos — insistiu Lupe. — E pretos como fuligem, com os olhos vermelhos como fogo.

Olhei para Doce em busca de orientação, mas ela apenas assentiu solenemente e disse:

— Minha mãe diz que eles são do Yote. Eles são seus cães de fogo, seus Tibicenas. Foram enviados para limpar a ilha.

Eu me sentia estúpida, mas tudo o que podia fazer era repetir suas palavras e esperar que fizessem mais sentido em minha boca.

— Limpar a ilha?

— Antes de Yote tomá-la. É por isso que os animais foram embora. Eles sentiram Yote primeiro. Bem, primeiro depois da ilha. Você deve ter notado as árvores, não?

— Sim, mas...

— Mas você pode oferecer uma explicação melhor? Para árvores que parecem viver de cinzas, para a água secando, para os animais que fugiram?

— A voz de Doce estava tensa como um fio de arame esticado.

Eu balancei a cabeça.

— Se isso for verdade...

— Isso é verdade.

— ... o que vocês vão fazer?

— Escapar para o mar, como os animais. — Os olhos de Doce estavam arregalados na escuridão. — Estamos partindo hoje.

— Para onde vamos? — perguntou Lupe.

— Primeiro, para Gromera — respondeu Doce. — Nós vamos pegar o navio.

— O navio do meu pai?

Minha voz estava instável.

— Não vai funcionar.

— O quê?

— O navio...

Mas antes que eu pudesse explicar sobre o incêndio, um estranho ruído começou.

Parecia vir de todos os lugares ao mesmo tempo, um som que poderia ser

uma chuva distante ou o chiar de insetos, não fosse a reação de Doce a ele. Ela se levantou, afastou-se de nós e começou a estalar a língua mostrando desagrado. A Senhorita La gritou, arranhando o galinheiro e eu a peguei para tentar acalmá-la.

O ruído ficou cada vez mais alto, e senti algo ao redor da clareira. O ruído parou. Doce inclinou a cabeça ligeiramente.

— Mamãe.

Olhei para as árvores que Doce estava indicando, mas não pude ver nada até que a mulher estivesse quase à distância de um toque.

Ela também era pequena, de aparência forte, vestida com um pano escuro e coberta de lama, segurando um cajado. Seu rosto castigado pelo tempo era enrugado, mas muito parecido com o da filha. Exceto pelos olhos. Não havia gentileza ali. Até a Senhorita La parou de se debater sob o olhar dela. Uma criança assustada irritaria aquela mulher em vez de amolecê-la. Encarei-a de volta.

Ela deu outro passo à frente. De repente, estávamos cercadas por dezenas de figuras enlameadas que entraram na jaula ou subiram nos galhos para nos espiar.

Lupe ficou rígida ao meu lado, mas eu não tirei os olhos da mãe de Doce. A mulher começou a circular, as costas ligeiramente arredondadas, suas passadas encurtadas por uma manqueira. Eu vi uma concavidade profunda em sua panturrilha direita, como se alguém tivesse arrancado a carne dela.

Quando a mulher falou, sua voz era clara e alta como um sino.

— Temos um grupo agora. O que você é? Filho do Governador?

— Seu servo — respondi, desejando soar destemida.

— Por que você veste a capa dele?

— Ela é uma menina, mãe — esclareceu Doce.

— Oh — disse Ana, num tom que mostrava que seria preciso mais do que uma garota de calça para chocá-la. — Por que você serve a um tirano?

Desconfortável com a pergunta, esperei que Lupe estivesse em seu estado habitual de não prestar atenção.

— Eu não tive escolha.

— Assim como aqueles que foram banidos não tiveram escolha? Assim como o homem que fez isso... — ela virou as costas, levantando a túnica, e Lupe soltou um som de ânsia de vômito — não teve escolha?

Seus ombros eram uma confusão de cicatrizes, cruzando-se em montes elevados como se uma árvore estivesse espalhando suas raízes pelas costas dela. Ana remexeu os ombros e sua espinha produziu um estalo, enquanto o movimento provocava um espasmo no tecido cicatrizado. Eu acariciava as penas macias da Senhorita La, tentando me acalmar.

— Há sempre uma escolha. Agora temos que decidir o que fazer com seu mestre. — Ela se virou para Lupe. — Seu pai.

A multidão se separou e um pequeno grupo de homens trajando o azul do Governador foi empurrado para dentro da jaula. Nada de Pablo. Eu os contei rapidamente. Um, dois, três, quatro, cinco. Apenas cinco? Eu me esforcei para ver seus rostos. Um deles usava um traje azul-escuro do Governador... Marquez, vestindo a muda de roupa de Adori.

Lupe estava franzindo a testa para os homens.

— Meu pai? Meu pai não está...

— Lupe! — interrompeu-a Marquez. — Minha filha!

Lupe abria e fechava a boca como um peixe.

— Eu... eu não...

Os outros homens pegaram a deixa.

— Governador — disse um deles. — A jornada foi dura. Isso abateu a

todos nós.

— Sim, senhor — outro se apressou a confirmar. — Não fique chateado se sua filha não o reconhecer.

Eu não achava que eles poderiam arriscar ser muito mais óbvios, mas Lupe ainda não parecia entender o que estava acontecendo.

— Não me surpreende que sua filha opte por não reconhecê-lo — retrucou Ana. — Eu teria vergonha de ter um pai assim.

— Marquez, pare.

O Governador Adori entrou pela abertura. Ninguém se moveu por um longo tempo. Senti meu coração latejando nos meus pulsos.

O silêncio cessou quando Lupe saltou para a frente.

— Papai!

Ana chiou e se colocou entre eles, brandindo o seu cajado.

— Fique aí, Lupe — disse o Governador.

Lupe foi empurrada para o chão ao meu lado.

Ela começou a tremer de novo e passei a Senhorita La para ela.

— Não deixe eles verem que você está com medo — sussurrei. Ela segurou a galinha firme contra o peito.

Marquez baixou a cabeça, derrotado.

— Senhor, eu teria prazer em...

— Não cabe a você, Marquez.

— Não cabe a você se intitular *Governador*. — Ana colocou uma ênfase zombeteira na última palavra enquanto se aproximava dele. — Eu sei por que você veio. Você teve a chance de se redimir e fracassou.

Ela chutou as pernas dele e ele desabou direto. Ana estalou a língua mostrando desagrado, e as mãos do Governador foram amarradas atrás dele.

— Então, eu vou pagar — disse Adori, lutando para se pôr de joelhos. —

Mas deixe minha filha e meus companheiros irem.

Ana riu sem alegria.

— Eu farei melhor do que isso. Vou levá-los conosco quando sairmos.

— Você está partindo? Por quê?

A tensão entre eles era pesada como uma nuvem de tempestade.

— Você sabe por quê — Ana retorquiu com rudeza. — Porque há uma escuridão mais profunda aqui, uma escuridão que não podemos derrotar. Eu me preocupo mais com a segurança do meu povo do que com vingança. Essa é a verdadeira marca de um líder.

Os Banidos estalaram as línguas, como uma onda de aplausos.

— Que escuridão mais profunda? — perguntou Marquez, levantando uma sobrancelha.

Ana fixou os olhos no homem e caminhou em direção a ele.

— A que vai arrancar esse sorriso do seu rosto e engolir o chão debaixo dos seus pés. Yote está chegando.

Ele bufou.



— Esse conto da carochinha? Essa superstição?

— Foi superstição que levou os animais para o mar? Foi superstição que assassinou um dos nossos? Se não me engano — disse a mãe de Doce —, foi essa superstição que trouxe seu *Governador* aqui, para começo de conversa.

Ela encarou o Governador outra vez.

— Agora precisamos sair daqui. — Ela assobiou e os homens foram postos de pé.

Doce nos levou até eles. Lupe abraçou o pai com força assim que Ana virou as costas.

— Não temos tempo para isso agora — disse Adori, evitando o abraço da filha. — Você tem que ser corajosa, Lupe.

Ele desviou seu olhar exausto para mim.

— Será que você está com algo que pertence à minha filha?

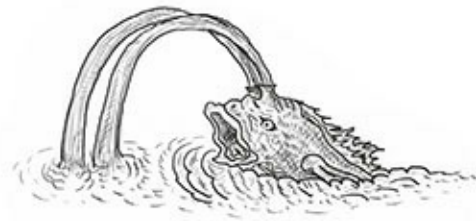
O medalhão. Eu o tirei e Lupe estendeu a mão.

— Como você sabia que Isabella estava com ele?

— Isabella? — O Governador olhou para mim longa e duramente. — Mas é claro.

O segredo saiu dos meus ombros, mas eu fiquei tensa, esperando por algum castigo por enganá-lo. Não veio. Ele parecia incapaz de se concentrar em qualquer coisa além de sua filha.

— Coloque o medalhão, Lupe. Não o dê para ninguém outra vez. Ele faz parte da nossa história. É um pedaço da nossa história.



CAPÍTULO QUINZE

Enrolei a Senhorita La na capa do Governador para ela parar de se debater e entramos em formação, prisioneiros no centro da longa procissão. Ana parecia conhecer o caminho, e pelas estrelas eu poderia dizer que estávamos indo para o sul através do Marisma, em direção a Gromera.

Tentei não pensar no mapa incompleto na mochila, a ilha apenas vista de passagem sendo deixada para trás, e me forcei a me concentrar em cada passo me levando para mais perto de papai. Seja lá o que nos aguardasse em Gromera, eu encontraria um jeito de tirá-lo do Dédalo.

Na escuridão, era difícil dizer quantos Banidos havia. Pelo menos cinquenta, com sacos de pano e redes de cipó com seus pertences amarrados às costas. Todos acreditando que Yote era real, acreditando que havia um navio no porto de Gromera, pronto para levá-los embora. Como eles reagiriam a uma fronteira cheia de guardas, ao navio incendiado no porto? Os homens do Governador não lhes haviam contado e, embora eu não soubesse

de que lado eu estava, não queria chamar a atenção para mim contando eu mesma.

Lupe não falava, ainda que, em geral, eu não conseguisse fazer com que ela calasse a boca. Coloquei meu braço livre em torno dela.

— Por que ele não fala comigo? — disse ela, sua voz quase um sussurro. — Eu... — Ela fungou e fechou os olhos com força. — Eu pensei que as coisas poderiam ter mudado.

Eu não tinha uma resposta para ela.

A noite estava assombrosamente clara. As estrelas revelavam suas posições nas constelações e a força da lua parecia física em meu cabelo curto. Algo estava acontecendo com o próprio ar que atravessávamos. Estava tenso, vivo e ameaçador, a ilha sob o domínio de forças que se moviam de forma imperceptível sob meus pés.

Durante a noite toda o vento nos perseguiu, a lama agarrando como dedos. No escuro, era difícil distinguir a traiçoeira lama da água, ou a água da terra, mas eu me concentrava em tomar cuidado com as pequenas ondulações ou amolecimento que significavam que estávamos em terreno perigoso.

Meus pés começaram a doer. Pensei em Pablo, lá nas florestas negras com os lobos que Doce chamou de Tibicenas. Pensei em Cata. A Senhorita La inclinou a cabeça para mim e bicou meu queixo.

À medida que as horas foram passando e nosso ritmo desacelerou, meus pensamentos se tornaram estranhamente desconectados. Meu estômago doía e trechos das histórias de papai, o rosto de mamãe e a voz de Gabo cantando dançavam em meus sentidos, desorientadores e magnéticos.

— Você está bem? — Doce perguntou, quando quase tropecei numa raiz.

— Hum. — Eu não sabia nem o que falar.

— Peguem. — Doce deu algo para mim e Lupe. — É raiz de dente-de-

leão. Isso ajudará vocês a se manterem acordadas.

A coisa era difícil de mastigar e tinha um gosto amargo, mas, depois de um tempo, senti o cansaço diminuir e o mundo voltou a entrar em foco. Pisquei na luz da manhã e me dei conta de que estávamos caminhando ao longo de um leito seco de rio.

Remexi na mochila buscando o mapa. Estava castigado e rasgado, amassado como a minha túnica, mas ainda legível. Deste lado da ilha, o rio só poderia ser o Arintara. Adiante, estendia-se o último trecho de pântano.

Assim que o contornássemos, chegaríamos a Arintan e logo depois eu estaria em casa. E papai...

— Ai! — Esbarrei no homem da frente, que havia parado. Ele tapou minha boca com urgência.

Adori se virou para Doce.

— O que está acontecendo?

A garota banida havia paralisado, os músculos de suas pernas estavam tensos como se estivessem prontos para correr.

— Não ouviu isso?

Prestei atenção, esfregando minha canela. Eu não conseguia escutar nada além do murmúrio das árvores, mas os outros Banidos estavam tão apreensivos quanto Doce, examinando as árvores à nossa direita. Lentos como um sussurro, os Banidos adultos deslizaram para a frente, formando uma fileira voltada para a floresta, com as armas desembainhadas. A Senhorita La acordou e começou a se mexer frenética sob a capa.

Eu a segurei firme debaixo do braço, sentindo o dente-de-leão enviar faíscas pelo meu sangue, a energia se transformando em medo a cada momento que passava. Tudo ficou quieto por vários segundos e então veio um ruído diferente de tudo o que eu já tinha ouvido antes.

Alto e estrondoso, com um fundo duro e metálico que me fez bater os dentes. Um rugido. Vindo em nossa direção, inundando as árvores.

Minha pele arrepiou, uma ligeira acidez encheu minha garganta. Em algum lugar dentro de mim, algo estava enfraquecendo, desmoronando. Eu queria correr, mas não consegui.

Ao meu lado, Lupe apertava seu estômago.

— São eles! — ela gemeu. — Você os sente?

— Eles deixam as pessoas fora de si — advertiu Doce. — Os Tibicenas.

— Mas não são reais — disse o Governador. Suas mãos amarradas estavam trêmulas. — Não podem ser.

— Você sabe alguma coisa sobre eles, papai?

Mas ele não respondeu à pergunta de Lupe. Doce virou-se, levantou a faca e cortou o cipó que amarrava as mãos do Governador.

— Corra. Leve-as com você. Atravesse o pântano, direto, será mais rápido. Siga o rio e corra.

O Governador segurou o braço de Doce com um aperto cruel, seus dedos afundando em sua pele.

— Eu quero ficar.



Ana estava de repente ao nosso lado. Ela tirou a mão dele do braço de Doce.

— Não toque na minha filha!

— Estou dizendo que quero ficar e lutar ao lado de vocês.

— Papai — disse Lupe, incerta.

Ana arqueou a sobrancelha.

— Esta é minha ilha também — ele sussurrou. — Quer você goste ou não, eu quero defendê-la.

Ficaram se encarando e medindo como dois cães circulando antes de uma briga. Então, Ana tirou uma faca do cinto e a entregou a ele.

Outro uivo encheu o ar. Eu me encolhi, sentindo o estômago revirar.

— Como saberemos chegar em casa, papai? — lamentou Lupe.

— Eu sei o caminho — afirmei, deslizando minha mão na dela.

— Corram! Isso é uma ordem!

Atrás de nós, Adori libertou Marquez e os outros prisioneiros cortando as cordas que os atavam. Eu esperava que eles corressem, mas, em vez disso, eles aceitaram mais espadas de Ana e se juntaram à fileira de Banidos de frente para a floresta. Alguns dos Banidos mais jovens já estavam fugindo.

O barulho soou uma terceira vez em meio à luz do amanhecer. Meu estômago se revirou outra vez.

— Podemos ficar, podemos ajudar!

— Papai, eu não quero ir sem você — implorou Lupe. — Por favor, venha com a gente, papai.

Mas Adori apenas a envolveu num abraço apertado e disse com ênfase desesperada:

— Vá, corra rápido, Lupe. E lembre-se do medalhão.

A infelicidade estava estampada no rosto de Lupe.

— Você disse para não abri-lo até...

Adori pegou o molho de chaves do cinto e apertou-as na mão de Lupe.

— Você tem que ir agora.

Ele acenou para mim. Suas mãos haviam parado de tremer.

— Cuide dela, Isabella.

Ele se afastou quando outro rugido cortou as árvores, seguido por um grito coletivo dos Banidos. Eu virei para trás para vê-los levantando suas armas em uníssono, Adori e Ana à frente, lado a lado, quando algo monstruoso atravessou a linha das árvores.

Alto como um cavalo, coberto por um pelo preto e emaranhado. Ele se movia com as patas grossas como troncos de árvores, virando seus terríveis olhos vermelho-escuros para a esquerda e para a direita.

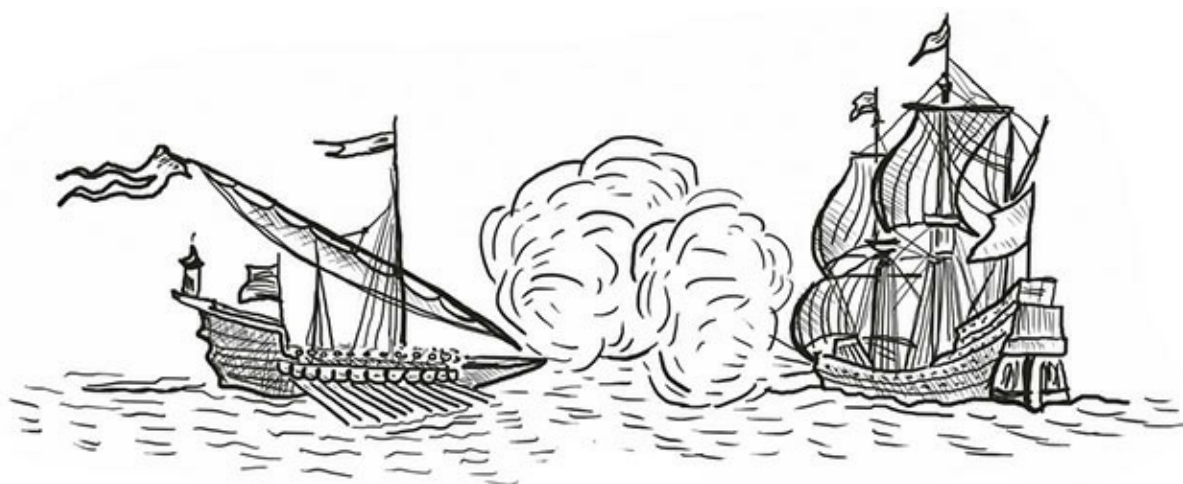
Não era lobo. Só poderia ser um cão demônio. Um Tibicena. Aterrissou a poucos metros da fileira dos Banidos com um som de trovão. Suas garras raspavam o chão, deixando marcas profundas na terra. Mais uivos vieram das árvores atrás. Outros estavam chegando.

O Governador, Ana e Marquez estavam juntos. Os demais homens do Governador estavam agrupados ao redor deles, empunhando armas.

Meu estômago doía tanto que eu via pontinhos brancos. A presença da besta parecia estar me revirando por dentro, como se meu corpo fosse água sendo chicoteada por uma tempestade. Não é de admirar que os animais tivessem fugido para o mar, se foi isso o que eles sentiram. Eu me sentia como um pássaro avistado pela visão aguçada de um corvo, pequenina e indefesa contra a escuridão que se aproximava.

Lupe puxou a minha mão, gritando para nós correremos. Ofegante, com o coração saindo pela boca, eu me afastei assim que a criatura levantou sua enorme pata.

Eu não cheguei a vê-la baixá-la.





CAPÍTULO DEZESSEIS

Nós corremos pelo pântano, de mãos dadas, e me lembrei da última vez que tínhamos corrido juntas pelos campos a caminho da escola. Eu podia sentir a Senhorita La tremendo. Logo alcançamos uma área que tinha mais água do que terra, árvores entrelaçadas no pântano e cipós dependurados sobre o Marisma como cobras.

— Teremos que nadar — adiantei, amarrando a capa nas costas como uma tipoia, com a galinha pressionada contra o meu pescoço. Nós entramos na água espessa, agitando as pernas.

Eu me senti afundar, as botas de Gabo se enchendo de água e escorregando dos meus pés. Eu me debatia com força, incapaz de encontrar o chão ou flutuar na lama líquida. Eu me agitei para cima e senti a Senhorita La batendo as asas zangada.

— Desculpe — eu gaguejei, agarrando um cipó e dando um jeito de tirar a galinha da água, elevando-a. Eu me amarrei ao cipó e gritei para que Lupe fizesse o mesmo. Outras silhuetas estavam ao nosso redor, outras crianças fugindo.

Enrosquei os meus dedos em outro cipó, apoiando os pés numa raiz para escapar daquele sumidouro negro. Nós nos impulsionamos para a frente, alcançando um cipó à distância de um braço adiante. Juntas, fomos repetindo o movimento, mantendo uma espécie de ritmo.

O tempo parecia se comprimir e alongar junto com o meu corpo. Eu podia ouvir apenas os cacarejos preocupados da Senhorita La e os movimentos trabalhosos de nosso deslocamento, e ver apenas a água negra e os cipós pendurados. Era como se houvésssemos caído abaixo da terra, onde as estrelas não pudessem brilhar e ao nosso redor estivesse o mundo inferior. Tentei não pensar na cena que havíamos deixado para trás, imaginando onde os outros fugitivos Banidos haviam sumido.

Aos poucos, os cipós foram rareando. Nossos pés encontraram lama espessa o suficiente para caminharmos sobre ela sem sermos sugadas para baixo. Nós estávamos nos aproximando da margem oposta. Esse pensamento me impulsionava para a frente, as mãos raladas pelos espinhos fibrosos dos cipós. Ao meu lado, Lupe os estava catando da saia ensopada. Ela parecia atordoada.

— O pântano vai nos economizar tempo — eu disse. — Vamos lá.

Mas com o passo seguinte, o chão sumiu. Nós tropeçamos e escorregamos para uma depressão em forma de tigela e cheia de frutos caídos e podres que se transformavam em polpa sob meus pés. O cheiro forte e adocicado era insuportável.

Meu coração disparou quando ergui meu pé. Alguma coisa estava presa entre o dedão e o segundo dedo.

— O que... o que é isso? — Os olhos de Lupe estavam arregalados como pratos outra vez. Eu puxei para fora e Lupe gritou.

Um osso pequeno e com cartilagem ainda presa. Nós havíamos encontrado

a cova de alimentação dos Tibicenas.

Engoli o vômito quando o cheiro de podre encheu minhas narinas. Lupe já estava lá na frente, mas eu estava enraizada na terra pútrida. “*Não entre em pânico*”, disse a mim mesma.

Vá.

Escalando de gatinhas o outro lado do poço, em meio à carne em decomposição, maxilares e fêmures, preendi a respiração até voltar ao chão úmido.

Lupe havia parado alguns metros à frente e, através das árvores, avistamos um brilho lento e ondulante. Um fio de prata conduzindo-nos para casa.

— O Arintara — vibrei.

Nós batemos os pés no curso d’água para limpar o sangue seco, e eu deixei a Senhorita La correr em círculos na parte rasa.

Lupe apertou a minha mão.

— Sinto muito — ela choramingou. — Por deixar você para trás.

Eu apertei a dela de volta.

— Não é culpa sua.

— Você não acha que eu sou podre?

— Não — disse com firmeza. — Você é corajosa. Você entrou nos Territórios Esquecidos quando ninguém mais o faria. Nem eu, nem meu pai..., nem...

— Nem o meu pai. — Ela respirou fundo, tremendo. — Meu pai...

Voltei a pensar nas patas de pelos emaranhados, nos ossos da cova de alimentação e, depois, abri com delicadeza a mão apertada de Lupe. O molho de chaves estava pressionado contra a sua palma e eu o removi, deslizando uma chave fina como agulha para fora do molho.

Lupe olhou da chave para mim e de volta para a chave.

— Ele nunca deixou ninguém tocá-las, nem mesmo a mamãe. Por que ele as daria para mim?

Eu entreguei a chave fina para Lupe.

— Papai disse para eu não abrir a fechadura até ele morrer.

Peguei a mão dela.

Ela olhou para a chave como se nunca tivesse visto nada assim antes.

— Ele está morto, não está?

Eu assenti. Lupe também assentiu devagar, como se estivesse tentando forçar o fato a entrar em seu cérebro. Estranhamente, seu rosto estava sem expressão.

Lupe tirou o medalhão e enfiou a chave na fechadura. Houve um leve clique e ele se abriu. Dele saiu uma quantidade surpreendente de água, e depois um pedaço de papel encharcado, dobrado num quadrado que se encaixava perfeitamente ali dentro.

Lupe estava prestes a desdobrá-lo, mas toquei de leve sua mão para lhe dizer para ter cuidado. A água havia tornado o papel frágil. Lupe o passou para mim, suas próprias mãos tremendo. Eu o abri. O papel havia sido dobrado muitas vezes e era tão fino que eu tinha certeza de que iria rasgar.

Por fim, consegui desdobrar a carta sobre o colo de Lupe. A tinta tinha escorrido ligeiramente nas bordas, mas as palavras estavam nítidas. Li as primeiras linhas antes que pudesse evitar.

Minha filha,

Se você está lendo isto, então eu não estou mais com você. Escrevi isto para que você pudesse saber todas as coisas que não consegui me

forçar a lhe contar em vida.

Detive-me e me virei para olhar para Lupe. Seus lábios apertados formavam uma linha fina, e seus olhos estavam tão tristes que desviei o olhar outra vez, e fiquei remexendo as chaves restantes.

Minutos se passaram. Tudo parecia silencioso e imóvel, exceto pela leve respiração de Lupe e pela ligeira contração de sua perna desengonçada. Esperei enquanto ela virava o papel para ler o verso. Depois de mais ou menos um minuto, ela soltou um longo suspiro, seu corpo se afrouxando.

Então, ela dobrou o papel com cuidado, pegou o medalhão e colocou a carta de volta ali dentro. Ela o fechou e o atirou com toda a força no rio.

— O que você está fazendo?

— Eu não quero isso. — Lágrimas escorriam pelo seu queixo. Fiz menção de consolá-la, mas ela se afastou.



— O que... o que a carta dizia?

— Que o meu pai era tudo aquilo que os Banidos disseram que ele era. — Sua voz estava desprovida de emoção. — E pior.

— Lupe, sinto muito por ele ter morrido...

Ela olhou para mim. Seu rosto não estava mais triste, mas zangado.

— Eu, não.

Eu não sabia o que falar, mas foi então que ouvimos um som, algo perturbando a água contra a corrente. Eu não senti a dor no estômago que tinha sentido quando um Tibicena se aproximara, mas ainda assim peguei a Senhorita La e nós deixamos a margem do rio, escondendo-nos atrás da linha das árvores. Eu agarrei Lupe com força quando uma grande silhueta apareceu.

Demorou um momento para eu me dar conta. Então, lá estava eu de pé e correndo a valer outra vez, fazendo a galinha rodopiar.





CAPÍTULO DEZESSETE

No instante seguinte, estava abraçando Pablo com tanta força que ouvi a respiração escapar dele.

— Isabella? O que...

— Você está aqui! Como? — Tamanho era o alívio que inundava o meu corpo que parecia que eu havia comido toda raiz de dente-de-leão do mundo.

— Não parece tão desapontada — ele disse, devolvendo o abraço de forma tão desajeitada que senti minhas bochechas corarem e recuei. — Mas como você está aqui? Eu vi você sendo capturada pelos Banidos. Eu tentei segui-la, mas perdi o seu rastro no escuro. — Sua voz tinha um tom rouco. — Eu pensei que não veria você outra vez.

Ele olhou em volta, avistando Lupe. Ela estava de pé na beira do rio. Eu não conseguia ler a expressão dela.

— É a filha de Adori? — perguntou Pablo. — Onde está Adori?

— Ele ficou para trás com os Banidos — respondi de maneira cuidadosa, ciente de que Lupe podia nos ouvir. — Para lutar.

— Lutar contra o quê?

— Os Tibicenas. O que eles chamam de cães demônios.

As sobrancelhas de Pablo subiram tanto que desapareceram sob a franja.

— Cães demônios? Como no mito?

Eu assenti.

— Entendo. — O tom de Pablo era zombeteiro. Ele avistou a Senhorita La esparramando-se na margem como um peixe agonizante e ergueu as sobrancelhas de novo. — O que está acontecendo aqui?

— Nós não temos tempo para isso — Lupe exclamou, impaciente.

— Ela está certa — afirmei. — Temos de ir para Gromera.

— Concordo — disse Pablo. — Se seguirmos o rio...

— Isa sabe — interrompeu-o Lupe. — Ela tem nos orientado bem até agora.

Ela recolheu a Senhorita La, que se acomodou dócil na dobra de seu braço, e começou a descer o rio.

— O que há de errado com ela? — Pablo gesticulou com a cabeça apontando para as costas de Lupe, que já seguia adiante.

— Ela passou por muita coisa — falei, imaginando o que a carta dizia. Pablo se aproximou de mim.

— O que aconteceu realmente?

Contei a ele sobre como eu tinha acordado no acampamento dos Banidos, sobre Ana, e Marquez tentando se passar pelo Governador.

— Então Adori estava lá? Eu o vi fugindo quando os homens foram atacados.

— Bem, ele voltou.

— Ao contrário de mim, você quer dizer? — perguntou Pablo bruscamente. — Eu tentei seguir, mas eles pegaram os cavalos e...

Balancei a cabeça.

— Eu não estou dizendo isso. Estou dizendo que ele tentou fazer o que era certo. Quando os Tibicenas atacaram... qual é a graça?

— Você dizer isso com uma cara séria...

— Eles são reais!

— Como eles são?

Eu tentei explicar.

— Para mim, parece um lobo.

— É o jeito como eles fazem você se sentir. Doce diz...

— Doce?

— Ela faz parte dos Banidos, é filha de Ana. Ela diz que eles deixam as pessoas fora de si. Você os sente chegando. Você tem uma sensação esquisita, como se ocorresse uma tempestade no seu estômago.

— O que significa isso? — perguntou Pablo, sorrindo. — “Tempestade no estômago”? Soa como a sensação que temos quando comemos a comida do seu pai.

— Você não estaria rindo se tivesse estado lá — respondi sem me alterar. De repente, eu me sentia exausta. Não queria pensar naquilo. Tudo o que queria era estar em casa e ver meu pai. Nem mesmo o meu mapa quase perfeito me fazia querer ficar nos Territórios Proibidos por mais tempo.

— Você está cansada? — Seu rosto estava mais gentil agora. Fiz que não com a cabeça enquanto bocejava. — Você tem certeza? Eu poderia carregar você por um tempo.

Olhei sem saber se ele estava me provocando, mas ele estava estendendo os braços. Prendendo as chaves do Governador no meu cinto, certifiquei-me de que Lupe não estava olhando e, então, um pouco hesitante, envolvi os braços ao redor do seu pescoço. Ele me levantou e, sob o cheiro de suor e sangue, havia lavanda novamente, mais suave do que nunca.

Aspirando o perfume, prestei atenção às batidas ritmadas de seus pés. Eu não podia acreditar que ele estivesse ali. E Lupe seguia lá na frente, conversando com a Senhorita La. Se eu me permitisse esquecer o que havia ficado para trás, quase me sentiria bem. Quase.

Fechei os olhos e flutuei num profundo oceano negro que reluzia e cintilava, refletindo um céu noturno límpido e cheio de estrelas. Do outro lado da água, veio um barco de madeira luminosa, tão leve que mal tocava a superfície do mar. Quando o barco se aproximou, vi redemoinhos entalhados em suas laterais, e no casco raso estava minha família. Não apenas papai, mas também mamãe e Gabo. Todos os três eram pálidos como a luz da lua, e brilhavam com uma aura tão maravilhosa quanto a embarcação em que navegavam. Gabo esticou os dedos e, enquanto a noite dos sonhos brilhava ao nosso redor, eu segurei sua mão.



— Isabella, olhe!

Eu pisquei rapidamente na claridade do meio-dia.

— O que é isso?

De repente, senti-me desperta. À frente, o chão parecia despencar num vazio. Só que eu sabia que não era um vazio, era Arintan. Havíamos chegado à beira do cume que a expedição seguira no início da jornada.

Pablo me pôs no chão, firmando-me enquanto o sangue restabelecia a circulação nas minhas pernas.

— Quase em casa — disse ele.

Eu andei até a beira da cachoeira e espiei.

— É uma longa queda.

Lupe também olhou, depois passou a Senhorita La para mim e, sem hesitar, meteu-se por entre as rochas. Ela suspendeu e prendeu as saias e pulou de leve, aterrissando sem produzir ruído. Fiquei de boca aberta quando ela voltou tão ágil quanto um gato, mal ofegando.

— Não é tão ruim assim.

— Exibida — murmurou Pablo.

Foi quando me virei para dizer a ele o que estava sentindo: o impulso de me afastar, minhas entranhas se revirando. O rosto de Pablo se contraiu e ele apertou o estômago.

— O que é isso?

— Oh, não! — exclamou Lupe frenética. — Oh, não, não, não!

— Corra! — gritei, assim que uma enorme silhueta se materializou atrás de Pablo.

Mas não deu tempo. Pablo se virou para ver o Tibicena, com os pelos arrepiados ao longo da espinha, a boca se abrindo num rugido estrondoso, como mil pedras rolando de um penhasco.



— Me ajuda aqui! — gritei, tentando erguer uma pedra grande na beira da cachoeira.

Pablo levantou-a, esperando a criatura estar ao alcance e depois arremessou-a com facilidade, como se fosse um simples cascalho. Ela acertou

o Tibicena com força, prendendo sua pata.

— Vá! — Empurrei Lupe em direção à beirada e atirei-lhe uma histérica Senhorita La quando ela aterrissou no fundo.

Arrisquei um olhar para trás. O Tibicena havia se soltado, mas parecia estar lutando para se levantar, com a pata de trás pendurada de forma estranha. Pablo agarrou meus braços e meio que me empurrou pela borda, agachando-se na superfície escorregadia para me descer.

Então, eu despenquei os últimos metros, aterrissando na lama macia do leito do rio ao lado de Lupe. Pablo caiu ao nosso lado, emitindo o mesmo som que Gabo quando caiu na mina de argila. Por uma deliciosa fração de segundo, pensei que tivéssemos conseguido escapar.

Mas, então, percebi que o Tibicena estava se aproximando da borda, preparando-se para saltar.

Pablo nos incitou a avançar.

— A trilha é por ali. Corram!

Chafurdei na lama atrás dele, mas Lupe tropeçou, desabando com força contra a parede rochosa da cachoeira. A Senhorita La estava fora do rio e se esforçava para alcançar as árvores. Soltei meu braço do aperto de Pablo e tentei ajudar Lupe a se levantar, com os olhos fixos na forma escura acima de nós.

O impulso de Pablo o tinha levado bem à frente de nós e ele se virou para voltar para perto de mim e de Lupe. Tarde demais. Eu senti a sombra do Tibicena trovejar como uma onda nos cobrindo, enquanto a criatura lançava seu corpo quebrado entre nós, girando para ficar de frente para a cachoeira. Para ficar de frente para mim e Lupe.

Pablo procurava uma arma. Ele pegou uma pedra e a lançou no flanco do Tibicena, mas a criatura apenas olhou para o pelo emaranhado.

— Vá! — gritei desesperadamente enquanto Lupe e eu recuávamos. — Você tem que avisar Gromera!

O Tibicena arreganhou os dentes com um grunhido, saliva negra pingando no chão.

A expressão no rosto de Pablo era de determinação.

— Eu não vou deixar vocês!

Ele apanhou um galho pontudo numa pilha de ramos, a lenha que havíamos ajudado a recolher poucos dias antes, e cravou-o com força na pata ferida do Tibicena. A fera rugiu enquanto rodeava Pablo, levantando uma enorme pata. Suas garras cortaram o ar, acertando Pablo no rosto.

Vi seus olhos ficarem vazios e ele cair de costas contra a margem do rio, imóvel. O sangue escorreu pela água até mim. O sangue de Pablo.

O Tibicena recuou como se fosse atacar novamente. Eu comecei a gritar.

Gritei o nome de Pablo, gritei para o Tibicena ficar longe dele, e Lupe gritava junto comigo. Ele não estava morto. Ele não podia estar morto.

Começamos a atirar seixos na fera e bater os pés na água, tentando atrair a atenção do Tibicena para que deixasse Pablo e se virasse para nós.

Funcionou.

Lupe e eu ficamos em silêncio, nossa respiração não passando de suspiros apertados.

O Tibicena estava se preparando para atacar, sem pressa. Para além dele, vi os rastros da Senhorita La no chão de terra perto das árvores, mas para mim e Lupe não havia por onde escapar.

Dei uma última olhada em Pablo. O que era aquele movimento em seu peito? Uma subida e uma descida, quase um sussurro, ondulando sua túnica branca?

— Isa! — gritou Lupe com voz estridente. — E agora?

Eu a puxei para trás às cegas, através da fina corrente de água e para dentro da caverna. Recuamos, penetrando mais fundo na caverna onde eu havia entrado na minha primeira visita à cachoeira de Arintan. Senti as estrias horizontais das pedras contra as minhas costas e tentei invocar Gabo, quando o Tibicena apareceu na entrada da caverna.

O cheiro era podre, de raiva e suor. Minhas entranhas se contorceram e reviraram. Eu queria que aquilo parasse. Lupe buscou minha mão.

Ele pulou e Lupe me puxou para baixo. Ouvi o ar se deslocando enquanto o Tibicena saltava sobre nós. Eu me encolhi, me preparando para o seu peso nos esmagar, para suas garras nos rasgarem...

Mas isso nunca aconteceu.

Houve um som ensurdecido de algo se quebrando quando as rochas atrás de mim cederam. A força de seu salto levava o Tibicena a atravessar diretamente a parede e, alguns segundos depois, ouvimos um ruído repugnante de esmagamento.

Oca. A parte dos fundos da cachoeira era oca.

Nós nos agachamos, congeladas no local.

— Você está bem?

— Nunca estive melhor. — A voz de Lupe soou aguda e baixa.

Soltei uma risada curta. Minha barriga e costelas doíam e eu me sentia mais zozna do que nunca enquanto olhava ao redor.

— Nós temos que sair daqui. — O rosto de Lupe estava mais sério do que eu jamais havia visto. — Pablo.

Estremeci, lembrando-me do quanto ele estava quieto, sua respiração quase inexistente. Um calafrio se espalhou no meu peito.

Peguei a mão estendida de Lupe e me apoiei contra a parede quebrada para me levantar.

Um erro.

Um estrondo ecoou através do silêncio. A base da parede cedeu bem atrás de mim. Quando perdi o equilíbrio, tentei soltar a mão de Lupe, mas ela segurou firme.

Juntas, nós duas despencamos na escuridão.







CAPÍTULO DEZOITO

Você consegue parar no ponto em que está, em qualquer sala — digamos, seu quarto — e se lembrar de tudo com precisão? Você poderia sair para o quintal e traçar um esquema dele na terra? É só um quarto pequeno e simples. Você vive lá desde que aprendeu a andar. Duas camas, provavelmente um gato dormindo em cima de uma delas, um baú cheio de roupas.

E quanto à escala? Não podemos reproduzi-lo em seu tamanho real, mesmo que seja pequeno como este. Precisamos reduzi-lo. Você pode desenhar uma cama do tamanho de uma caixa de fósforos com um gato tigrado em cima? Você consegue se lembrar do tamanho de cada coisa em relação a tudo mais? Essa relação fica cada vez mais importante quanto maior for o mapa. Uma árvore em seu lugar numa floresta, uma ilha ancorada no mar. No mapa de mamãe, o único que temos dos Territórios Proibidos, cada espécie de árvore é marcada. Os detalhes são importantes. Mesmo no mapeamento do seu quarto.

Em seguida, os pontos de referência. Um círculo para descanso e conforto: o gato e a cama. Um X para o perigo, onde há um prego solto se projetando para fora do baú. Uma linha sinuosa para a linha de voz entre a sua cama e a de Gabo.

Talvez seja isso. Este quadrado simples, traçado na terra. Este é um mapa que você poderia comprar de qualquer um que soubesse fazer mapas, em qualquer lugar do mundo. Se eles tivessem visto o quarto, é isso que eles lhe forneceria. Com medidas precisas. Mas poderia tal mapa passar a sensação do lugar?

Isso é o que um cartógrafo faz. Nós fazemos os mapas ganharem vida. Seu quarto teria a qualidade de lar. Você olharia para ele e o reconheceria não como um aposento, mas como o seu quarto, onde você passou sua infância. E podemos fazer mapas de lugares em que estivemos anos atrás. Aqui, em Joya, eu poderia lhe confeccionar um mapa de Afrik que a faria sentir o cheiro de incenso dos mercados até você ficar tonta. Meu mapa do Círculo Congelado poderia fazê-la procurar meias forradas de pele e correr de um urso polar! Bem, quase...

Você ainda tem um longo caminho pela frente, minha pequena. Mas isso já é um começo! Você desenhou seu primeiro mapa. Escreva o seu nome na parte superior. Aqui, tome, você pode usar minha pena de pavão.

I-S-A-B E-L-L-A.

Perfeito.



Eu mudo de posição. Tudo é escuridão, junto com o eco da minha respiração pesada.

Estalo!

Algo se quebrou perto do meu ouvido. Tento me mexer, mas Lupe aterrissou sobre a minha perna e braço. Ela está inconsciente; sua respiração, superficial.

Estalo!

Desta vez, algo se quebrou abaixo de mim. Estendo a minha mão livre e uma onda de náusea me invade quando as pontas dos meus dedos encontram um pelo grosso e fedorento. Esse barulho... as costelas do Tibicena estavam cedendo sob o nosso peso.

Com uma série final de estalos, empurro Lupe e me afasto dos dois até me chocar com uma parede de pedra úmida. Os últimos momentos antes de nossa queda estavam voltando à minha cabeça: Pablo tentando nos salvar, sendo abatido. Seu sangue se espalhando pela água.

Fecho os olhos.

Quando eu contar até dez, murmurei para a escuridão, tudo ficará bem. Um, dois, três...

Mas, ao chegar a dez, o mundo continuava tão escuro quanto antes. A mochila estava pressionando minhas costas. Puxei-a e tateei seu interior buscando a madeira luminosa. Seu brilho dissipou a escuridão e eu olhei para Lupe, que gemeu e sentou-se com cautela.

— Você está bem?

Ela abriu a boca para responder e o sangue escorreu por seu queixo.

— Você está ferida! — exclamei horrorizada.

— Tudo bem. Eu mordi a língua. — Ela colocou-a para fora para eu ver.

A mordida não havia sido profunda. Dei-lhe um gole de água e ela

bochechou, cuspiendo vermelho.

— O que aconteceu?

— Nós caímos. — Apontei para o alto, onde estava a falha, a pelo menos cinco metros acima de nós, com poeira da rocha ainda caindo.

— Nós caímos de tão alto? E nada está quebrado?

Balancei a cabeça.

— Você pode agradecer ao nosso amigo ali.

Lupe seguiu meu olhar e gritou, arrastando-se para longe do corpo quebrado do Tibicena, o sangue de alcatrão ainda vazando de seu focinho.

— Eca! Ele... está morto?

— Se já não estava antes de cairmos em cima dele, agora está. — Tanto quanto eu, Lupe não parecia nem um pouco interessada em se aproximar da coisa para checar e soltou um longo suspiro. Olhei para o buraco do qual havíamos caído. Mal dava para vê-lo.

Lupe esticou o pescoço.

— Você acha que conseguimos escalar?

Corri as mãos pela parede de pedra. A rocha era viscosa e desmoronou ao meu toque. Meus dedos saíram molhados.

— Podemos tentar.

Não havia pontos de apoio; por isso, esvaziei minha mochila, subi nos ombros de Lupe e atirei a bolsa para cima, na esperança de que a alça se prendesse na borda. Não chegou nem perto. Empilhamos uns em cima dos outros os pedaços de rocha que tinham desabado e, desta vez, Lupe subiu em meus ombros, esticando-se até a abertura, mas, mesmo sem meus joelhos trêmulos atrapalhando, a distância continuava impossível de ser vencida. E todo esse tempo gritamos por Pablo, mas não obtivemos resposta. Tentei não pensar no que isso significava, mesmo sabendo que ele viria, se pudesse.



Lupe afundou no chão com a cabeça entre as mãos. Por um momento, parecia que estava rindo, mas depois os ruídos se transformaram em soluços abafados. Fiz menção de ajudá-la, mas ela se encolheu, afastando-me. Seu nariz estava escorrendo.

Deslizei pela superfície áspera da parede de pedra e sentei-me no chão úmido ao seu lado, voltando a guardar as coisas na mochila, quando bati os olhos na escuridão mais profunda do que, tive certeza, era um túnel. Se fosse, não poderia ignorar como o havíamos encontrado.

Através da cachoeira. Assim como Arinta fizera, a caminho de lutar contra Yote.

Pense.

Doce tinha dito que os Tibicenas vinham de baixo: este túnel, e outros como ele... era disso que ela devia estar falando. Não era por aqui que os Tibicenas conseguiam alcançar a superfície. Nós havíamos acabado de romper a caverna da cachoeira e não havia como subir. Isso significava que devia haver outras saídas.

Lupe se acalmou, sua respiração ainda irregular. Eu me levantei e a ajudei a ficar de pé.

— Vamos embora. — Apontei para a escuridão.

Lupe encolheu-se, sacudindo a cabeça.

— Não, eu não posso... Eu odeio o escuro.

— Temos que ir.

— Eu não tenho que fazer nada.

— Deve haver uma saída — disse muito mais segura do que me sentia.

— Mas você não tem certeza disso!

— Nós vamos conseguir, vai dar certo. Eu... — parei de falar.

Lupe me fulminou com os olhos.

— Você o quê? Você promete? Você não sabe o caminho para fora. Você nem sabe se há uma saída.

— Os Tibicenas têm que vir de algum lugar. Os Banidos disseram que eles vêm de baixo.

Lupe olhou rapidamente para onde a madeira luminosa destacava a silhueta escura e flácida e depois para a boca do túnel.

— Talvez o cavaliário acorde logo. Se simplesmente esperarmos...

Não sabia o que falar. Não podia dizer a ela o que ela queria ouvir e não podia dizer por que achava que Pablo não viria. Eu não podia pensar que ele estivesse...

Pare de pensar nisso, então.

Mas eu também não podia ficar ali e esperar pela morte, do mesmo modo que Lupe não suportava adentrar a escuridão. Se eu tivesse um mapa, me sentiria mais segura diante do insondável negrume à nossa frente.

— Um mapa! — ofeguei enquanto me lembrava: o mapa de mamãe mudando, as linhas aparecendo e desaparecendo enquanto eu assistia. A mochila flutuando no Arintara...

— O que você está fazendo? — perguntou Lupe, enquanto eu esvaziava a mochila no chão, espalhando tintas e cartas estelares.

O mapa que eu queria estava bem no fundo. Desenrolei-o e alisei-o no

chão úmido, segurando a madeira luminosa sobre ele.

— O que é... — Lupe começou a falar.

— Shhhh! — Olhei fixamente para o papel, mas nada aconteceu. Sentei-me sobre os calcanhares, esfregando os olhos com frustração. Então...

— Olhe! — Lupe apontava para o mapa.

Estava mudando. As árvores e aldeias se dissolviam, sugadas pela superfície, enquanto uma nova paisagem ia surgindo devagar.

— Por que isso está acontecendo?

— A água... — Meu coração estava batendo forte demais, alto demais. — Era a água errada.

— O quê?

Eu queria que ela ficasse quieta. Estava claro agora. A primeira vez que o mapa mudou, fora encharcado pelo rio. O rio em Arintan. Quando tentei recriar a mudança, usei a água do cantil que tinha enchido em casa. Agora o chão estava outra vez úmido com a água da cachoeira. O mapa tinha que ser umedecido com a água de Arintan para revelar essa camada oculta.

Eu peguei o mapa e o agitei. Quando os cantos começaram a secar, as imagens originais reapareceram. Segurei o mapa contra a parede de pedra molhada. As linhas retornaram e se interceptaram, cobrindo o contorno de Joya em uma malha do que, agora percebia, eram túneis. Havia círculos pontilhando toda a rede. Um estava posicionado acima do local onde a cachoeira havia acabado de desabar. Minha respiração ficou suspensa. Os círculos indicavam saídas. *Obrigada, mamãe.*

— O que é isso?

Olhei para cima, com um sorriso amplo.

— É a nossa saída.



Eu medi a distância até a saída seguinte com os dedos. Nós teríamos que caminhar quilômetros ao longo do túnel até ela. Não estava feliz por me aventurar tão perto do círculo vermelho indicado no centro do mapa, mas não tínhamos escolha.

Não contei para Lupe o que eu achava que esse círculo significava. Se ela não queria sequer entrar no escuro, eu não poderia achar que mencionar um demônio de fogo haveria de ser um consolo. Nunca desejei tanto estar errada. Por enquanto, nossa única preocupação era sair do labirinto. Até a floresta negra seria um alívio. Qualquer coisa acima do solo seria.

Nós bebemos dos pequenos cursos d'água escorrendo pela parede. A água era granulosa, mas tinha um gosto bastante fresco. Esvaziamos nossos cantis de água e os enchemos. Eu encharquei o mapa e seguimos caminho guiadas pela madeira luminosa.

É difícil saber por quanto tempo andamos, o som de cada passo reverberando nas paredes, o calor aumentando cada vez mais. Eu traçava nossa localização movendo meu dedo pelas linhas do mapa, avaliando o nosso progresso canto por canto, curva a curva.

Isso exigia toda a minha concentração, por isso, eu não falava nada, a não ser para orientar nossa direção para a esquerda, para a direita, direto em frente, ou para pedir para Lupe umedecer o mapa. O ar fedia.

Lupe franziu o nariz.

— Cheira como fogos de artifício.

Fosse o que fosse, o odor fazia meus pulmões arderem e deixava um gosto amargo na língua, mas eu não podia desperdiçar a água apenas para me livrar

dessa sensação. A inclinação aumentava minuto a minuto, e logo estávamos descendo por um canal íngreme. Eu esperava que ele não nos levasse muito fundo.

As histórias de papai espiralavam em minha mente, uma emendando na outra. Mas era o mito de Arinta que retornava sem trégua. *Ela entrou por um túnel atrás de uma cachoeira.* Lancei um olhar de esguelha para Lupe, imaginando se ela havia prestado atenção em alguma das inúmeras vezes em que eu lhe contara essa história. Mas seu rosto estava franzido numa careta, e uma veia pulsava rápido em sua têmpora.

À medida que adentrávamos as profundezas da ilha, o calor se intensificava. O suor escorria pelo meu rosto, enquanto que, ao secar, o mapa exalava vapor. Não demorou muito para Lupe esvaziar metade da água de um dos seus cantis.

Chegamos a uma encruzilhada, quatro túneis se cruzando. Olhei para a malha de linhas, tentando descobrir qual deles deveríamos seguir, mas elas desapareceram.

— Está secando rápido demais.

Lupe gemeu de frustração.

— Não podemos usar a água assim, precisamos guardar um pouco para bebermos.

— Vou tentar esboçar a rota. Vasculhei a mochila em busca dos materiais. Tudo que minha mão encontrou foi meu punhal e meu mapa incompleto. Junto com as chaves e a água no meu cinto, isso era tudo o que me restava. Com desânimo, lembrei-me de que eu tinha esvaziado a mochila, e a pilha de tintas e papéis ficara onde havíamos caído com o Tibicena.

— Eu deixei tudo para trás. Sinto muito...

Lupe fez um som rouco:

— Shhh!

— Eu disse que sinto muito — disse emburrada.

— Não, sério, Isabella. — Ela levou um dedo aos lábios, pegando a madeira luminosa da minha mão e escondendo-a na bolsa.

Então, eu ouvi: um som embaralhado, ecoando pelo túnel à nossa direita, seguido por um rosnado baixo. Puxei Lupe para as sombras do caminho à esquerda, assim que o impulso de me afastar começou em meu estômago. Eu tateava as paredes às cegas. Estavam cheias de rachaduras e fendas.

Minutos angustiantes se passaram enquanto o Tibicena vinha se aproximando. Lupe gemia, seu rosto contorcido numa careta, e eu cravava as unhas em minhas palmas, até que o ouvimos parar, farejando o ar, no ponto em que havíamos acabado de estar. Em seguida, a criatura produziu um som horrível e agudo, um tom estridente que sacudiu a poeira do teto do túnel. Eu engoli em seco, a língua grudada no céu da boca.

Os segundos se arrastavam. Por fim, o Tibicena se virou e começou a subir a inclinação na direção contrária. Lupe expirou aliviada, mas depois o túnel começou a tremer. Puxei Lupe para uma fenda não muito mais larga do que o galinheiro da Senhorita La.

Nós nos comprimimos na cavidade, a mochila espremida entre nós, enquanto os Tibicenas chegavam de todas as direções, farejando o chão. As silhuetas negras passavam desfocadas, como um enxame de morcegos levantando nuvens de poeira ácida, e o cheiro amargo no ar se intensificava.

Senti minha garganta se fechar, os pulmões se contraindo como esponjas. Lupe abafou uma tosse sufocante na dobra do braço. Um par de Tibicenas pareceu que iria parar perto do nosso esconderijo, mas logo foram arrastados pela maré do bando. Justamente quando eu não suportava mais a dor no

estômago, o tremor parou. Logo, apenas os ecos e a poeira pairando no ar permaneceram.

Lupe se espremeu para fora da fenda outra vez. Eu a segui, inundada de alívio, e puxei a madeira luminosa para fora da mochila.

— Quanto tempo eles levarão para chegar à cachoeira? — perguntou Lupe, desconsolada.

Os Tibicenas se deslocavam muito mais rápido do que nós, mas era um declive íngreme durante a maior parte do trajeto e nós já havíamos caminhado umas duas horas. Se os Tibicenas não percebessem que estavam seguindo o cheiro na direção errada...



— Nós talvez consigamos.

— Por qual caminho seguiremos?

Ergui a mão para consultar o mapa, mas ele não estava lá. Abri o punho e um fragmento caiu, pousando no chão marcado pelas garras.

— *Não!* — Caí de quatro, vasculhando a terra perto da fenda. O canto devia ter se rasgado quando entramos.

— Aqui. — A voz de Lupe soou estranhamente sem emoção.

Levantei a madeira luminosa na direção de seu dedo estendido, sem ter certeza do que ela apontava e, então, vi um canto do mapa no chão. Depois,

outra parte e mais outra. Ele havia sido rasgado em pedaços, e esmagado na terra como pétalas dentro de livros pelos Tibicenas.

— Você pode consertar isso? — Lupe perguntou, embora com certeza já soubesse a resposta.

Olhei para a escuridão. Ela nos rodeava, indistinta e aterrorizante.

Nós estávamos perdidas.



CAPÍTULO DEZENOVE

Eu não sabia o que fazer. Nós não poderíamos ficar ali, agora que os Tibicenas conheciam o nosso cheiro, mas nós não sabíamos o caminho, nem o que havia pela frente.

Para minha surpresa, Lupe não gritou nem me culpou. Ela se ajoelhou e começou a recolher os fragmentos.

— Deixe para lá — disse eu baixinho. — Não tem sentido.

Lágrimas ameaçaram rolar. Aquele era o mapa de mamãe, era tudo o que eu tinha dela.

Lupe me ignorou e recolheu o máximo de pedaços do mapa que conseguiu. Ela os empilhou com cuidado e os estendeu para mim. Esfreguei os olhos com força.

— Não há nada de errado em sentir medo, Isabella — ela disse. — Estou com medo também.

Olhei para cima, piscando forte. Sua expressão era meiga e eu me lembrei daquele rosto, anos antes, no dia em que nos tornamos amigas. Lupe me

estendendo a mão, enquanto eu estava sentada chorando perto da toca de coelho, lamentando a falta de Gabo.

Eu peguei os fragmentos.

A alça da mochila também havia sido arrancada, então eu a esvaziei, colocando as chaves e os fragmentos na bolsa do meu cinto. Segurei o punhal na mão, o cabo de couro gasto era reconfortante.

— E agora? — perguntou Lupe, de repente, animada.

Apertei os olhos e tentei consultar o mapa de memória. Eu sabia que estávamos perto de onde o mapa indicava uma saída. Quando eu olhei, logo antes do primeiro Tibicena chegar, onde estávamos?

A resposta borbulhou por trás das minhas pálpebras fechadas. Sudeste. Abaixo do Arintara. Era isso! O túnel se curvava e virava, mas seguia mais ou menos a linha do rio. O que vinha depois? As três possíveis rotas adiante.

— Isabella?

A voz de Lupe dissipou a visão do mapa. Mas isso não importava. Eu sabia.

— Precisamos pegar a passagem direita.

— Sim, mas como podemos saber qual é ela?

— Não, a passagem da direita — aponte. — Aquela.

Ela olhou para mim em dúvida.

— É de onde eles vieram.

— Eles vieram de toda parte — eu disse, impaciente. — Essa é a saída. Precisamos segui-la até uma espécie de vaivém...

— Vaivém?



— Sim, como uma corda com nó, mas se nos mantivermos no lado esquerdo do nó e pegarmos o primeiro caminho, chegaremos lá.

Eu tinha quase certeza que sim. Quase.

Nós continuamos em silêncio. O caminho era íngreme. A única coisa boa sobre a destruição do mapa é que agora poderíamos usar a água para beber. Passamos por uma curva grande com pegadas, e senti Lupe relaxar um pouco quando saímos dali e indiquei a direção por um túnel mais estreito, que não estava marcado.

O calor estava aumentando e não demorou para eu sentir uma dor de cabeça latejante. O cheiro ruim ficou mais forte, até que mal dava para respirar aquele ar. Sentia-me zozza e o mundo ao meu redor parecia difuso e próximo demais. Pisquei, tentando trazer tudo de volta ao foco. Lupe também parecia zozza, tropeçando de vez em quando e arrastando os pés.

O pior de tudo era a uniformidade infinita que nos circundava. Sem céu, a passagem do tempo não significa nada. Eu media a distância pela dor nas minhas pernas. Ansiava pelo céu limpo acima de Gromera, brilhante com o sol ou com as estrelas, ou mesmo a neblina dos Territórios Esquecidos e o vento terrível da aldeia Carment.

Senti uma dor aguda no joelho ao pisar em falso. O túnel, subitamente horizontal, curvava-se com intensidade à frente e sua altura reduziu-se quase um metro. Com a cabeça baixa, nós prosseguimos, e o teto continuou a baixar

até que estávamos caminhando praticamente curvadas. Os Tibicenas com certeza teriam problemas para se encaixar naquele espaço se nos rastreassem até ali, mas e se eu estivesse nos conduzindo pelo caminho errado? Nós estaríamos presas.

Senti um nó na garganta, mas tínhamos que continuar andando.

O túnel continuou se fechando até que estávamos rastejando de bruços, nossas roupas prendendo nas bordas ásperas da rocha.

Seria impossível nos virarmos num espaço tão pequeno para voltar. Eu seguia bem atrás dos pés de Lupe e tentava não pensar no enorme peso sobre nós, toda Joya pairando sobre nossas cabeças.

O túnel se curvou mais uma vez. Imaginei que estivéssemos no que eu havia chamado de “vaivém”, o túnel dobrando-se sobre si mesmo. Aquela passagem deveria se cruzar com outras em breve e, então, nós seguiríamos a primeira à esquerda, esperando encontrar uma saída. Respirei fundo e longamente, o ar dilatando o meu peito.

— Lupe, acho que estamos indo no caminho certo.

— Espero que sim — respondeu ela, sua voz abafada, enquanto falava por cima do ombro: — Estou tão desesperada que minha vontade é sair correndo.

— Bem, não dá. Nem conseguimos ficar em pé.

— Pelo menos, você é pequena! — A risada de Lupe foi interrompida. Sua cabeça e parte superior do corpo foram desaparecendo, suas pernas deslizando logo depois. Estendi a mão para segurá-la, deixando, com meu pânico, a madeira luminosa cair, mas agarrei o vazio.

— Lupe!

Um baque abafado soou na escuridão à frente.

— Lupe?

Sua resposta me fez pular, levantando poeira de rocha.

— Eu estou bem! É apenas uma pequena descida. Isa, você tem que ver isso...

— O que é?

— Apenas desça. É seguro.

Eu avancei aos poucos, sentindo a borda. Larguei o punhal e ouvi o som dele batendo lá embaixo; então, parei por um momento, deixando meu peso me inclinar para a frente.

Não foi um pouso elegante e, ainda por cima, perdi o punhal. Esperei que Lupe desse uma risada, mas ela estava estranhamente silenciosa, parada no centro de uma caverna, com o rosto inclinado para cima. Não precisei da madeira luminosa para vê-la, porque seu brilho era refletido em todas as direções.

Um milhão de cristais formavam um arco sobre as nossas cabeças, projetando luz que dançava e cintilava, como estrelas subterrâneas. Até a rocha sob os meus joelhos reluzia debaixo do teto brilhante.

Papai havia contado para mim e Gabo sobre lugares como este. *Eu nunca vi um, mas uma vez conheci um homem que havia encontrado uma caverna de cristal sob um rio. Alguns cristais são formados por água, outros, por fogo.*

E não havia água aqui, nem rio... tinha que ser fogo.

Existem dois tipos de cristais. Um é o granito, uma pedra de cor clara. E, como vocês dois, ela tem um gêmeo, uma versão sombria de si mesma. Seu nome é “gabro”. Gabo, Gabro.



Agora, enquanto eu me punha de pé, cercada pelas paredes de cristais cintilantes, aquela coincidência voltou para mim, como um presente.

As coisas foram aos poucos se encaixando, como numa equação. Tudo batia, o cheiro, os cristais, o calor. Eu não podia ignorar mais isso.

— Lupe? Eu acho que sei o que é isso.

Lupe não respondeu. Seus olhos estavam fixos nos cristais.

Respirei fundo outra vez e disse:

— Um poço de fogo. Foi isso que formou os cristais.

Poços de fogo ocorrem onde o chão está tão quente que derrete. Imagine só, terras inteiras recheadas por chamas! Às vezes, elas sobem e engolem cidades inteiras. Gabo não gostou disso, mas papai o acalmou. Mas na maioria das vezes eles adormecem e roncam um pouco. Ou produzem cristais chamados de gêmeos.

Abri a boca para contar isso para Lupe, mas ela estava olhando para mim de maneira estranha.

— Você disse poço de fogo?

Assim como no mito de Arinta. Lembrei-me do mapa de mamãe, como as linhas pareciam desordenadas, mas ainda levavam ao centro. Aquele estranho círculo vermelho, no centro de um mapa de mil anos. Respirei fundo o ar ácido.

A promessa de um demônio dura mil anos.

— No que você está pensando? — A expressão no rosto de Lupe era desconfiada.

Eu estava pensando na seca. Pensando nos animais do Governador, fugindo para o mar. Pensando nas pessoas em Gris, envenenadas pelo ar.

— O nó no mapa ficava perto do círculo vermelho — disse eu com cuidado. — Talvez um pouco mais do que um quilômetro. Acho que a saída fica naquela direção. — Apontei para outro túnel mais baixo, à frente. Ele brilhava de maneira diferente da dos cristais. Brilhava de calor.

— E daí?

Quase mudei de ideia, mas não era hora de duvidar.

— Yote está nesse círculo vermelho.

— Yote? — Ela franziu o nariz. — Da história que você gosta?

Eu me irritei.

— Ele é um demônio do fogo. E não é uma história. É um mito.

— Qual é a diferença?

Irritada, esfreguei os olhos, grãozinhos arranhando as minhas pálpebras.

— Um mito é algo que aconteceu há muito tempo; as pessoas gostam de fingir que não é real, mesmo quando é.

Lupe não disse nada por muito tempo. Quando ela falou, foi numa voz calma e tranquilizadora, como se falasse a um animal perigoso.

— Isabella, Yote não é mais real do que Arinta.

— Arinta era real! — Minha voz ecoou pela caverna. — E, de qualquer modo, e os Tibicenas? Eles pareciam reais quando estavam nos perseguindo!

— Talvez o cavaliário estivesse certo — disse ela com uma voz decidida. — Talvez fossem lobos...

— Lobos do tamanho de cavalos, cujo pelo fede a fumaça?

— Porque eles vivem no subterrâneo, perto de um poço de fogo!

Eles são movidos por mais do que mera fome. Eles não comeram Cata. Eles mataram, e a deixaram para ser encontrada.

Uma espécie de aviso, como Doce chamou. *Eles foram enviados para limpar a ilha.*

— Não seja boba, Isabella. Você precisa parar de acreditar nessas coisas.

— Mas Arinta...

— É uma história! E você não é ela!

Suas palavras me magoaram, mas eu não estava disposta a deixá-la perceber isso.

— Eu não acho que sej...

— Se você está me dizendo que essa é a saída, eu vou. E você vem comigo.

— Você não pode me dizer o que fazer!

— Sou mais velha do que você.

— Eu não me importo. — Tirei a madeira luminosa da mão dela. — Eu vou sem você. — Sem olhar para Lupe, caminhei com passadas largas em direção à passagem que brilhava com o calor.



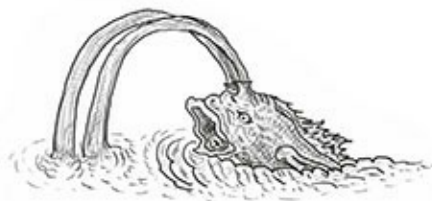
Um tremor súbito sacudiu o chão debaixo de mim. Cambaleei e quase caí. Lupe havia tombado de joelhos.

Outro tremor mais violento percorreu o meu corpo. Um único cristal caiu do teto da caverna e se espatifou entre nós duas.

Nós nos entreolhamos por um momento.

Então, o mundo desmoronou.





CAPÍTULO VINTE

O barulho era tremendo, semelhante a dez trovoadas, cinquenta fogos de artifício e uma centena de Tibicenas misturados.

Corri para a lateral da caverna, pressionando as palmas das mãos contra os ouvidos, mas o som me subjugou, forçando-me ao chão como se eu estivesse debaixo de um polegar gigante. Eu me encolhi, os dentes batendo, a cabeça martelando. O chão se agitava como o mar, e eu esperei que a rocha nos esmagasse ou se abrisse embaixo de mim...

Isso não aconteceu. Com uma última chuva de pedras, os tremores cessaram. Abri os olhos, espiando através do pó das rochas. Rochas e cristais despedaçados se empilhavam por toda a extensão da caverna, dividindo-a em duas.

Não conseguia avistar Lupe em lugar nenhum. Gritei o nome dela, mas só obtive eco como resposta. Levantei-me e procurei uma passagem através ou por cima da parede de pedras, mas as rochas eram sólidas e meus braços tremeram quando tentei escalá-las. Não havia saída, exceto o túnel atrás de mim — o que levava a Yote.

Eu me encolhi contra a parede quente da caverna. O cansaço me cobria como uma nuvem. Passei os braços em volta dos joelhos e soluzei.

Meu choro ecoou de volta, soando distante e desconectado. Por fim, acabei parando, para que não tivesse de ouvir a mim mesma. Mas os soluços distantes não pararam. Prestando atenção, pensei ter distinguido uma palavra...

Is... ella. Isa...

Era o meu nome. E aquela voz... era Lupe!

Corri a mão pela parede e encontrei uma rachadura dividindo seu lado curvo. Eu a segui até onde pude alcançar. Então, pressionei minha boca contra ela e disse:

— Lupe?

Encostei o ouvido na rachadura. Nada. Até o choro havia parado. Será que eu tinha imaginado aquilo?

Então, uma voz, fraca e hesitante, pronunciou meu nome.

Cheia de esperança, falei no mesmo lugar:

— Encontre a rachadura. Fale nela.

Esperei impaciente, o ouvido colado na rocha e, então, a voz de Lupe me chegou, tão clara como se ela estivesse ao meu lado.

— Isabella? Você está aí? O que está acontecendo?

Como os cristais, parecia que Gabo estava nisso de alguma forma. Com um aperto no peito, respondi:

— Estou aqui. Eu acho que é uma linha de voz.

— Uma linha de voz?

— Gabo e eu tínhamos uma, em nosso quarto. Elas carregam a voz. Tem alguma coisa a ver com a curvatura da caverna.

— O que aconteceu?

— Não tenho certeza — menti, olhos fixos no túnel, certa de que eu sabia.

— E agora? Eu estive tentando escalar a rocha.

— Eu também. E quanto ao túnel para a saída?

— Está bloqueado.

Limpando a garganta, tentei fazer minha voz parecer forte e calma.

— O caminho pelo qual entramos na caverna está livre?

O som de sua respiração desapareceu, e eu a imaginei se deslocando através da caverna para checar. Alguns instantes depois, sua voz soou em meu ouvido outra vez.

— Está todo bloqueado. Há uma pequena abertura perto do topo, na lateral. Eu acho que poderia mover algumas... — Ela parecia exausta.

Eu me preparei para falar, mas Lupe falou primeiro.

— Eu vou tentar. Então você atravessará. Vamos encontrar um caminho diferente, seguindo uma das outras rotas...

— Lupe...

— E então poderemos sair daqui, ir para casa. Eu vou começar agora.

— Lupe, não vai funcionar. Eu acho que você deveria ir.

Ela abafou as minhas palavras, falando mais rápido e mais alto, com voz grossa.

— Acho que consigo fazer isso.

— Está tudo bem, Lupe.

— Não, eu quero, eu só preciso descansar meus braços... — Sua voz sumiu.

— Sim, você deveria descansar. E, então, deveria voltar.

— Eu não vou a lugar nenhum! — A raiva explodiu na voz de Lupe. — E você precisa me prometer o mesmo.

O túnel baixo emanava calor. Eu já havia decidido o que iria fazer. Eu

havia decidido assim que vira. Por isso, eu menti, mais uma vez.

— Eu não vou a lugar nenhum.

— É bom mesmo — ela disse. Então, num tom de voz mais autoritário, como se eu já não houvesse sugerido isso, ela disse: — Acho que devemos descansar agora. Você vai dormir?

— Sim.

— Isa?

— Sim?

— Você vai ficar aí, perto da linha de voz, quero dizer?

— Sim.

Seu medo tornava as coisas mais fáceis e mais difíceis ao mesmo tempo. Deitei-me, com a cabeça torcida de forma desajeitada para ficar perto da linha de voz, e esperei que Lupe caísse no sono.

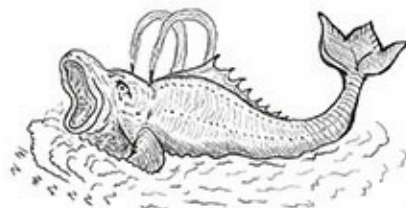
Meu estômago roncava alto. Passei a mão sobre ele, sentindo as linhas duras das minhas costelas, lembrando os dias em que eu torcia o nariz para as nossas humildes refeições de pão e qualquer peixe que papai conseguisse comprar no mercado, me perguntando por que razão nós não comíamos como as pessoas em suas histórias de antigos banquetes. Uma humilde refeição como aquelas seria um banquete para mim agora.

Uma das minhas histórias favoritas era sobre as seis aldeias de Joya se reunindo em Gromera para celebrar o sexagésimo ano de paz da ilha. *Isso aconteceu numa época remota*, papai disse com sua voz de contar histórias, *antes mesmo de Arinta. As pessoas trouxeram javali e raízes cozidas com pimenta moída e vinagre, tâmaras em cestinhos feitos de calda de açúcar, ostras do tamanho de palmas em conchas peroladas, caranguejos e lagostas cozidos e servidos com manteiga aromatizada com limão, um polvo do tamanho de um homem, marinado em funcho marinho e sal...*

Meu estômago roncou outra vez. Os roncões leves de Lupe me chegaram pela linha de voz, tirando-me do banquete para a escuridão. Fiquei de pé. Minha cabeça girava e meus dedos formigavam. Refreando a sensação de náusea, caminhei cinco passos curtos até a boca baixa do túnel. Apertei os olhos e deixei o calor pressionar minhas pálpebras.

Dei um passo à frente.





CAPÍTULO VINTE E UM

Este túnel era diferente.

A rocha parecia do mesmo tipo do restante do labirinto, mas o ar estava carregado de uma estranha efervescência de energia. Essa energia faiscava através dos meus pés e os fazia formigar, como se eu caminhasse sobre tachinhas viradas para cima, não sobre pedra.

O barulho foi aumentando de forma ameaçadora enquanto eu seguia o caminho, o canal se estreitando. Uma sensação agora familiar de claustrofobia começou a obscurecer minha mente. Eu teria dado todas as histórias do mundo por uma rajada de ar fresco e puro. Antes de tudo isso, não achava que tivesse medo de coisa alguma. Agora, a escuridão era apenas mais um medo numa longa lista.

A maneira como o túnel continuava a se curvar sem me cuspir de volta para onde eu tinha iniciado só podia significar que ele estava se enrolando como um caracol. O teto ficava cada vez mais baixo, até que fui forçada a ficar apoiada nas mãos e joelhos.

Então, as faíscas começaram.

No início, eram pequenas, mas enquanto eu seguia as curvas cada vez mais apertadas, brechas se abriram no chão do túnel, flamejando com o calor. Prendi a madeira luminosa no meu cinto para que eu pudesse me deslocar para a frente mais rápido. Faíscas voavam através das rachaduras, pousando vez ou outra em minhas roupas. Uma pequena chama atingiu a minha manga. Eu me apressei a pegar a água e derramei algumas gotas sobre ela.

Um frescor maravilhoso correu pela minha pele. Faixas finas de azul dançaram sobre o tecido onde o líquido havia sido despejado. Eu sabia que não era água normal, a transformação do mapa havia provado isso, mas aquilo era outra coisa. Olhei para o cantil, sacudindo-o levemente. Ele chacoalhou, quase cheio.

Arinta entra num túnel atrás de uma cachoeira, encharcando-se na água para se proteger contra as chamas.

Despejei uma pequena quantidade no meu braço, esperei o azul se espalhar e estendi-o para uma das chamas. Ela lambeu minha pele de maneira inofensiva, como uma brisa. Eu me agachei e esfreguei com cuidado mais água sobre a minha pele e roupas, até que apenas minhas costas ficaram desprotegidas. Quando continuei, era como se tivesse mergulhado em gelo.

Papai havia contado uma vez sobre o *iceberg* que desceu do Círculo Congelado, quando ele tinha seis anos, duas décadas antes de o Governador chegar. Ele emergiu da noite de Joya como um navio fantasma, batendo na baía de Gromera com tanta força que arrancou um pedaço da terra. Foi por causa disso que papai ficou fascinado em conhecer novos lugares e em mapeá-los. Por causa do gelo, ele era cartógrafo. É estranho como as coisas estão conectadas. Ele sempre dizia isso. Papai não acreditava no destino, mas em cada decisão afetando a próxima, como um grito iniciando um deslizamento de terra.

Quantas conexões tinham me trazido até aqui? As possibilidades fizeram minha cabeça girar quando o túnel ficou mais baixo, as rachaduras no chão, maiores. Os ossos do meu quadril raspavam de maneira dolorosa ao longo da superfície irregular, os joelhos se ralando conforme o espaço ia ficando cada vez menor, fechando-se em torno de mim...

Logo, o túnel estava se inclinando para baixo num ângulo extremamente íngreme, e o peso do meu corpo me arrastou para a frente mais rápido do que meus braços poderiam se apoiar contra as laterais. O pensamento de que eu deveria ter entrado com os pés primeiro chegou tarde demais. Tentei me virar, mas não conseguiria me dobrar sem ficar presa.

Enquanto tentava manobrar de volta, minha palma bateu numa pedra solta. Era tarde demais para encontrar algo sólido no que me agarrar, embora eu tenha tentado, as unhas arranhando em busca de uma rachadura, qualquer coisa para me impedir de cair. Por fim, consegui cravar meu pé descalço numa fenda, torcendo o tornozelo. Algo acertou a planta sensível do meu pé e eu mordi o lábio até que o latejamento diminuísse.

À minha frente, o túnel despencava numa inclinação quase vertical. Levei os meus joelhos até o peito para me acomodar no lugar e estiquei o pescoço. No fundo, ele se abria — sobre o que eu não conseguia enxergar —, mas a fumaça estava subindo, começando a preencher o túnel. Tossi quando um ruído como um rosnado subiu canalizado com mais ferocidade do que nunca.

Escorreguei meio que derrapando até a abertura, e engasguei, puxando a fumaça acre para dentro dos pulmões. Abaixo de mim, uma gigantesca e flamejante boca de fogo se escancarava no centro de um poço, abrindo e fechando, cuspidando rocha derretida. Um poço de fogo. Saliências rochosas rodeavam as paredes, tremeluzindo com o calor que me atingiu como um golpe.

A pele das minhas bochechas estava começando a formar bolhas e minhas entranhas pareciam tão em carne viva quanto a minha pele. Movi a cabeça e me icei para trás, comprimindo as minhas pernas no túnel para evitar continuar caindo, tossindo e tremendo de maneira incontrollável.

Embora parecesse uma eternidade, não deviam ter passado mais do que poucos minutos desde que eu deixara Lupe na caverna. No entanto, ali estava eu, enfiada na rocha do próprio covil de Yote. Como Arinta, mil anos antes.

Pensei em todas as pessoas às quais não tinha conseguido dizer adeus. Papai, na densa escuridão do Dédalo. Pablo, na margem do rio. Lupe, dormindo confiante lá em cima. O que aconteceria a ela? Será que sobreviveria a isso?

Já chega. Eu tinha que me aproximar de Yote. Eu podia não ser Arinta, mas tinha que tentar salvar Joya.

Desci o corpo com cuidado, de modo que as minhas pernas pendessem na direção da borda abaixo. Era uma longa queda. Eu estava prestes a me soltar quando o abalo recomeçou. Mas não era igual aos tremores na caverna de cristal ou os provocados pela corrida dos Tibicenas. Esse era mais profundo, mais ameaçador do que o uivo de um Tibicena. Bem na hora em que tentei me puxar de volta, minhas mãos escorregaram, lançando-me no abismo, os pés na frente dessa vez.



Meus quadris bateram numa saliência com um baque, interrompendo a minha queda, e eu me vi dependurada pelos antebraços. Com as pernas balançando inutilmente, esperneando sobre um vazio escaldante, meu corpo tremia mais do que nunca. Agarrei-me às rochas, arrebetando as minhas unhas. Não adiantou. Eu não tinha força suficiente para subir sozinha.

Mas então me veio à mente, tão forte como uma voz soprando no meu ouvido: eu não quero morrer.

Lupe estava certa. Eu não era Arinta. Eu não era especial. Eu queria que Lupe estivesse aqui agora, puxando-me para cima com seus longos braços. Mas ela estava dormindo, confiando ainda em minhas mentiras. E agora eu não podia nem fazer o que tinha vindo fazer aqui. Eu não podia salvá-la, nem salvar papai, nem Joya.

Minha mão cedeu. Quando a borda estremeceu com outro tremor violento, eu caí.

Bati com força na borda abaixo, a respiração escapando dos meus pulmões com violência. Minhas costas pareciam ter se partido em duas; uma dor lancinante irradiando para as minhas pernas e nuca. Por um momento — talvez um minuto, talvez mais do que isso — não consegui me mexer. Meu corpo estava cheio de areia fundida, o chão não estava embaixo de mim, embora eu pudesse senti-lo sólido ali.

Escuridão líquida por trás dos meus olhos, nos meus ouvidos. O silêncio, enfim.

Então, estrelas brilhantes atravessaram o ar enquanto os tremores estrondosos aumentavam. Eu podia senti-las, uma ondulação persistente se deslocando como se a própria terra fosse água, ondas se espalhando ao meu redor. Eu *podia* senti-las. Tinha certeza disso. Mas ainda não havia nada embaixo de mim, como se eu estivesse flutuando. Parte do meu cérebro

estava tomada de dor, tomada de barulho; a outra não era nada, não estava em parte alguma, não estava lá.

Algo parecia muito errado. Embora eu tivesse certeza de que não podia, sentei-me — não sentei? —, descolei-me, libertei-me, meu corpo caindo atrás de mim como um manto. Não olhei para trás, para ele, lânguido e largado ali na borda. Senti-o ser deixado ali, e o meu eu agora, rastejando pela saliência até a borda, percebia a rocha arranhando os meus joelhos enquanto eu espreitava.

Yote projetava-se diante de mim.

Ele não era a massa contorcida de fumaça e rocha derretida que preenchia o poço, mas uma forma que se assemelhava à humana, só que colossal, emergindo de uma coluna de fogo que rugia sob seus seis membros saídos de um torso que rodopiava com nuvens de cinzas.

Ele falou numa voz que ergueu fumaça por debaixo de si e infestou o ar até me fazer engasgar. A voz soou num bramido e fragor, como os estertores da morte de um Tibicena. Mas dentro de mim, do meu eu que se ajoelhava na borda da saliência rochosa, um ponto de pressão se abriu perto do meu olho, e deste lugar senti suas palavras se enterrarem no meu cérebro.

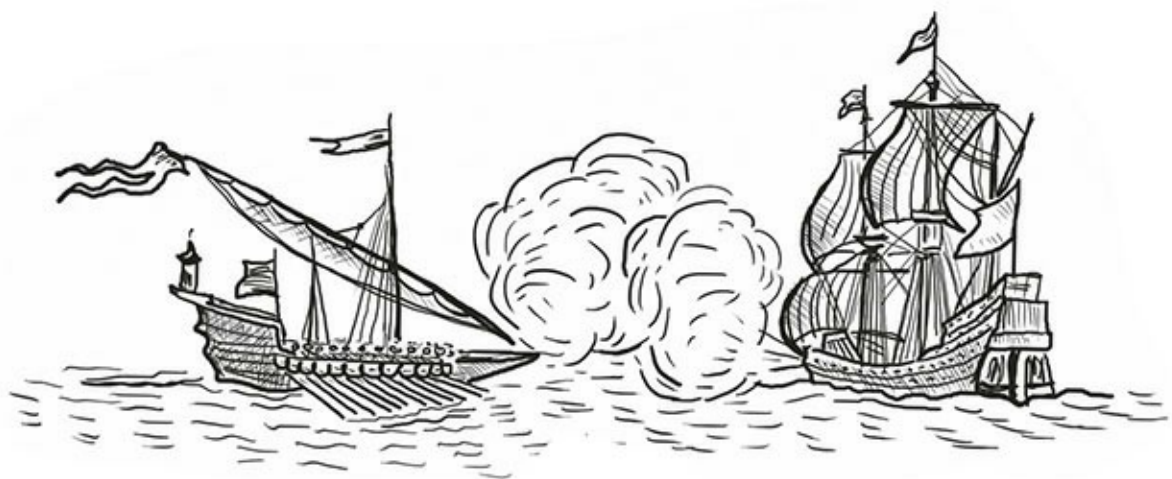
O que você quer?

Detê-lo, como fez Arinta.

Minha voz havia sumido, flutuando de forma desesperada de um eu para o outro, apanhada entre gargantas. Eu estava de joelhos, estava deitada de costas. Mas Yote pareceu me ouvir. Mais uma vez, a pressão comprimiu o meu crânio.

Você chegou tarde.

Dedos se fecharam nos meus ombros. Cerrei os olhos, pronta para cair.





CAPÍTULO VINTE E DOIS

— O que você está fazendo?

Eu estava subindo, meu corpo sendo puxado para cima.

— O que diabos você pensa que está fazendo?

Era Lupe, gritando comigo, arrastando-me, meu braço sobre os ombros dela enquanto o calor agitava o ar à nossa volta. Rachaduras se abriam nas paredes e Lupe nos espremia por entre elas, minha cabeça colidindo contra a rocha.

Agora eu podia sentir as dores, todas elas, pelas minhas costas e ombros, correndo por minhas pernas, dilacerando a minha cabeça. Não importava que o mapa dos Territórios Esquecidos de mamãe estivesse em pedaços no meu bolso. Era como carregar um mapa da jornada na minha própria pele; cada arranhão, um caminho que nos conduzira cada vez mais à frente; todo hematoma, um lembrete. E as palavras de Yote, gravadas no meu cérebro, uma linha com contas incandescentes enfiadas bem lá no fundo.

Você chegou tarde demais.

O chão deu uma enorme retorcida, e eu senti Lupe nos conduzindo adiante, mesmo quando um abismo se abriu sob os seus pés. Nós nos embolamos num emaranhado de braços e pernas, e caímos como pedras.

Desejei que o fim fosse rápido, que fôssemos esmagadas contra as rochas ou consumidas pelo fogo. Mas, em vez disso, ricocheteamos de maneira dolorosa em direção ao fundo. O labirinto não nos deixaria sair. Yote nos queria nas profundezas de seu labirinto, onde nenhuma luz além da dele poderia chegar.

As rochas foram ficando cada vez mais lisas sob as minhas costas. Um rugido preencheu meus ouvidos, como se água, fogo e vento estivessem todos misturados. Mas a trepidação havia cessado. Parei de rolar.

Virei-me para o lado para poder ver Lupe, minha cabeça girando, a madeira luminosa se projetando de maneira dolorosa contra o meu quadril. Parecíamos estar em outra caverna, mas essa se elevava bem alto, o teto fora do alcance da vista.

— Você está bem?

— Estou me acostumando a desabamentos. — Seu rosto estava pálido. — Eu gostaria que o chão parasse de se mexer.

— Como você chegou até mim?

— Eu mudei as rochas de lugar. — Eu percebi que suas mãos estavam cobertas de cortes, as unhas quebradas, as pernas magricelas arranhadas. Como ela tinha conseguido me carregar?

— Isa, o que aconteceu lá atrás? Pensei que você estivesse morta.

— Eu também — brinquei, mas eu não podia contar a ela sobre o descolamento do corpo, os dois eus, o diálogo com Yote. Ela não acreditaria em mim. Nem eu sabia se acreditava em mim mesma. — Acho que eu devo ter desmaiado...

Mas eu havia me livrado de inventar uma explicação, porque Lupe não estava mais prestando atenção. Seus olhos estavam fixos num ponto atrás de mim.

— Isa, vire-se.

Ela tinha a mesma expressão de quando estava na caverna de cristal. Segui o seu olhar e senti o meu queixo cair.

Atrás de mim, a alguns centímetros de distância, um fogo negro estava se derramando em cascata. Uma cachoeira, uma cachoeira de fogo, mantida no lugar por uma barreira invisível. Mas o fogo não estava apenas escorrendo para baixo. Era jorrado para cima, para fora, para todos os lados. Como se tivéssemos despencado no fundo do mar, observando-o se agitar através de um vidro.

Vidro. Arrastei-me para a frente.

— Não! — gritou Lupe. — O que você está fazendo?

— Está tudo bem — assegurei. — Veja isso.

Pressionei a madeira luminosa lentamente dentro do fogo negro. Lupe ofegou quando a superfície cedeu um pouco, como nata no leite. Então, ela avançou, de modo que ficamos deitadas lado a lado de barriga para baixo.

— Isso é incrível! O que é isso?

— É vidro — respondi.

— Vidro? — Ela franziu a testa. — Como as janelas da minha casa?

— Sim.

— Mas como está aqui?

Aquele som crepitante, soando como o mar.

— É areia derretida. Papai...

— Seu pai lhe contou, claro, mas como funciona?

— É areia. Nós devemos estar embaixo de uma praia. Quando você a

derrete, vira vidro. Não sei exatamente como funciona. Este é preto por causa dos fragmentos de conchas na areia.

— A areia não é sempre formada por fragmentos de conchas?

— E outras coisas, como cristais. — Franzi a testa para ela. — Pensei que você quisesse que eu lhe explicasse.

— Eu quero.

— Papai falou que se você olhasse o vidro bem de pertinho, ele iria se parecer com tudo de que foi feito, derretido junto. A areia também. A areia iria se parecer com pequenas conchas.

— Como ele sabe disso?

Corei.

— Ele está apenas supondo. Mas isso faria sentido.

Esperei que ela zombasse de mim, mas ela apenas disse:

— Eu gostaria de ver a areia bem de pertinho.

Assistimos em silêncio ao fogo se agitando, durante um tempo. Então, Lupe perguntou:

— O vidro derrete, então?

Eu sabia o que ela estava de fato perguntando.

— Acredito que sim, se foi criado por meio de derretimento.

— Sim — ela disse. — Não parece justo, não é? Estar tão perto do mar e não poder alcançá-lo.



— Lembra um pouco a vida lá em Gromera — comentei.

Seu sorriso desapareceu.

— Suponho que sim.

Ficamos observando o vidro. Não faltava muito agora. Logo, ele se quebraria, ou derreteria, e não haveria nada entre nós e as chamas de Yote.

— O que aconteceu, antes? — perguntou Lupe, daquela sua maneira peculiar de retomar uma conversa que havia sido deixada de lado há algum tempo. — Você caiu, ou...

— Eu não sei — disse baixinho. Eu tinha certeza de que tinha ouvido Yote, que havia deixado o meu corpo, mas isso não era possível. Não importava agora. Nada importava, nada nunca mais importaria de novo. — Eu não quero falar sobre isso.

Lupe pegou na minha mão.

— Que tal eu contar uma história?

— Uma história ou um mito? — questionei astutamente.

Mas ela apenas assumiu uma expressão séria e disse:

— Uma história, com certeza.

— Tudo bem.

Ela limpou a garganta de forma teatral.

— Era uma vez uma menina. Essa menina era filha de um confeccionador de mapas, mas ela insistia que todo mundo chamasse isso de cartografia ou algo assim, e ela achava que as histórias dela eram as melhores e não queria que ninguém mais as contasse...

Soquei-a com força na lateral de seu corpo.

— Essa não era a história que eu ia contar! — ela gaguejou.

— Eu imaginei.

O vidro rangeu, e nós nos sobressaltamos. Ainda não havia rachaduras, mas a inclinação era mais evidente agora.

— Melhor se apressar — eu disse.

Sentamo-nos de pernas cruzadas de frente uma para a outra. Lupe começou de novo.

— Era uma vez um país onde um rei e uma rainha bondosos reinavam. Um dia, a rainha decidiu sair numa excursão por suas terras. Ela partiu só num cavalo, pois era uma excelente amazona. Entretanto, dois dias depois, o rei recebeu uma mensagem do vilarejo no qual ela era aguardada. A rainha jamais chegara.

— O rei cavalgou por dias, visitando vilarejo após vilarejo, recrutando cada vez mais pessoas para o ajudarem a procurá-la. Uma semana se passou e o rei entrou em colapso, exausto. Eles não conseguiram encontrar sua esposa.

— A perda deixou o rei louco. As árvores pararam de dar frutos e os rios escureceram em seus leitos. As pessoas definharam, ficando cinzentas como o céu. Mas isso não foi sofrimento suficiente para o rei. Ele ordenou impostos mais altos e organizou tropas de soldados para visitar outras terras próximas e trazer confeccionadores de mapas. Ele ficou obcecado em mapear seu país.

— Confeccionadores de mapas vinham e iam, um após o outro, mas eles nunca eram bons o bastante. O rei queria que os mapas fossem maiores e

mais detalhados. Então, seus homens trouxeram-lhe um cartógrafo do Oriente, um homem inteligente e gentil, que percebeu como o rei sofria e se comprometeu a dar o seu melhor para ajudá-lo. O cartógrafo teve uma ideia. Ele propôs fazer um mapa sem escala, ou melhor, um mapa com escala exata da terra.

— Como você sabe o que é escala? — não pude evitar perguntar.

Lupe me encarou, cansada.

— Eu ouço as coisas, sabe?

Como se fosse uma deixa, o vidro rangeu. Virei-me, mas antes que eu pudesse olhar, Lupe agarrou os meus braços.

— É melhor não olhar. Confie em mim.

Assenti, meu olhar travado no dela. Ela pegou na minha mão de novo e prosseguiu, falando mais rápido.

— As primeiras coisas de que um confeccionador de mapas precisa são papel e tinta, e ler as estrelas. Enquanto o cartógrafo elaborava cartas estelares, grandes redes foram espalhadas pela floresta para capturar cada inseto. Eles foram esmagados para produzir diferentes cores, e logo o cartógrafo tinha uma centena de barris de tinta para usar. Então, as florestas foram derrubadas para limpar a vista do céu. Árvore após árvore foi triturada com galões e mais galões de água do rio para fabricar o papel. Todos os animais morreram e as pessoas começaram a ser envenenadas pela água barrenta do rio, mas o rei não se importava. Ele só queria encontrar sua esposa.

— O cartógrafo iniciou o seu trabalho. Ele começou na costa ocidental, deitando o papel no chão e marcando nele a localização das casas, das estradas e dos rios. Quando ele cobriu com o papel as plantações, elas morreram por causa da ausência do sol, mas ainda assim o rei não dava a

mínima. Seus súditos começaram a deixar a terra e navegaram para outros países, para serem governados por homens menos loucos e cruéis.

— Logo, restaram apenas o rei e seu cartógrafo. O mapa estava quase pronto quando o cartógrafo encontrou as ossadas da rainha e de seu cavalo num trecho remoto da costa. Ele cruzou os quilômetros de papel para contar ao rei.

— O rei ficou tão consumido pela tristeza que seu coração começou a explodir. O médico havia fugido do local há muito tempo, então não havia nada a ser feito. Ele morreu nos braços do cartógrafo.

Ela parou. Eu estremeci.

— O que aconteceu com o mapa?

Lupe soltou uma gargalhada.

— Só você mesma perguntaria: “O que aconteceu com o mapa?”.

Eu esperei.

— Mas o que foi que aconteceu?

Ela deu de ombros.

— Eu não sei. A chuva o partiu em pedaços, ou o cartógrafo o transformou num barco de papel e saiu velejando pelo mar.

— Sério?

— Você sabe que é apenas uma história, não sabe?

— Sim. — Fiz uma pausa. — Foi a melhor história que já ouvi. Quem lhe contou isso?

Ela abriu um enorme sorriso.

— Foi você.

— Não, é sério.

— Você — ela repetiu, mais suave dessa vez.

Meu sorriso desapareceu.

— O quê?

— Você inventou isso para o meu aniversário. Três anos atrás, quando começamos a ficar amigas. Você me fez um mapa com a localização da toca do coelho e nós nos sentamos próximas a ela enquanto você me contava. Gostei tanto da história que a anotei quando cheguei em casa. Você não lembra mesmo?

Balancei a cabeça devagar. Eu só me lembrava de perceber tarde demais que eu não tinha um presente para Lupe, e de contar para ela a primeira coisa que me veio à cabeça. Eu não fazia ideia de que ela havia gostado tanto a ponto de memorizá-la, que dirá anotá-la.

— Eu a leio o tempo todo em casa. Tem as suas coisas preferidas. Aventura, mapas...

— E um final triste — acrescentei.

— E isso.

O vidro rangeu e, dessa vez, Lupe não foi rápida o bastante para me impedir de olhar. Perto do topo, onde o vidro era mais grosso, uma rachadura o havia partido como uma fissura na rocha. Uma chama lambia o centro da fenda e o vidro borbulhava.

Nós nos afastamos uma da outra, lançando-nos para trás. As chamas ainda não haviam atravessado, mas faixas inteiras da superfície estavam escorrendo, borbulhando e se transformando num lago ameaçador no fundo.

Recuei contra a parede da caverna que ficava do lado oposto à frente de vidro. Algo espetou minha cabeça.



— Ai! — Passei a mão onde doía e meus dedos saíram pegajosos de sangue.

Lupe estancou o fluxo com seu vestido esfarrapado.

— O que aconteceu?

— Eu bati a cabeça.

— No quê?

Peguei a madeira luminosa do meu cinto e segurei-a contra a parede.

Projetando-se da superfície havia uma forma escura. Parecia uma rocha irregular, só que mais clara. Mas quando aproximei a madeira luminosa, a coisa brilhou.

Não era pedra, não. Era metal.



CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Não pode ser... — murmurei. — A espada de Arinta?
Mas tinha que ser. O objeto mostrava ferrugem devido ao tempo, mas, se eu apertasse os olhos, conseguia distinguir que as marcas em sua superfície eram inscrições. E se de fato fossem, e se eu estivesse certa sobre o mar estar do lado de lá desta rocha...

Somente o mar pode derrotar um demônio do fogo.

Esta era a nossa última chance, um presente de mil anos passado adiante. Eu mesma havia dito que o vidro era areia fundida. Isso significava que estávamos embaixo de uma praia — talvez até mesmo da praia perto de Gromera. E aquele rugido, o rugido que soava tanto como vento e fogo mas, sobretudo, água...

Deslizei os dedos pela espada. Estava quente, o metal sem brilho e sem polimento, mas senti uma onda de energia percorrer a minha pele. Meu coração bateu forte contra o peito. Tentei segurar o cabo, mas o metal estava quente demais. Enrolei minha túnica na mão e tentei segurar de novo, mas

estava presa. Tentei girar e torcer até que Lupe, por fim, pousou uma mão gentil no meu ombro.

A vontade de lutar esvaiu-se do meu corpo como ar. Senti lágrimas começando a se formar em meus olhos, grossas e quentes.

— Você está certa — eu disse com amargura. — Eu não sou ela.

— Mas a espada está aqui! — Lupe me puxou para um abraço. — É real, Isa. Não é uma história.

Funguei. Eu tinha tanta certeza de que a espada giraria para mim.

Atrás de nós, o vidro rangeu outra vez. Um calor intenso inundou a caverna e eu olhei em volta a tempo de ver as fendas se abrirem num buraco, um buraco pequeno, mas que estava sendo invadido rápido pelas chamas. O ar parecia estar sendo sugado por ele, drenando a caverna e preenchendo-a de calor. Enquanto observávamos, o vidro escorria, alargando a rachadura, deixando uma fina corrente de rocha derretida passar.

Virei-me para Lupe, mas ela já havia colocado a mão na empunhadura da espada. Vi bolhas crescerem nela e senti cheiro de pele queimada.

— Lupe, pare! — Tentei afastar sua mão queimada, mas ela me empurrou, seus olhos desvairados.

— Eu tenho que fazer isso, Isa! Eu tenho que me redimir...

— Pelo quê?

— Pelo meu pai.

— Eu não entendo. — Estendi a mão para ela, mas ela recuou, tremendo, ardendo de raiva.

— O meu pai sabia. Ele não acreditava, mas sabia sobre Yote.

Encarei-a boquiaberta.

— A carta dizia isso. — Lupe cravou as unhas nas palmas das mãos e eu pude ver a pele descascando. — É por isso que ele veio para cá. Ele matou o

pai dele e foi mandado para cá como punição.

— Por redenção — murmurei, mas Lupe não me ouviu.

— Ele deveria ajudar todos a partirem, ajudá-los a escapar de Yote, mas em vez disso ele assumiu o controle. Ele estava podre, como você disse.

— Não é culpa sua — eu disse com cautela, tentando dar sentido ao que ela estava dizendo. O Governador sabia que Yote não era uma lenda? Mas antes que eu pudesse lhe fazer qualquer outra pergunta, ela segurou de novo a empunhadura da espada. O metal chiou contra as palmas de suas mãos.

— Lupe, não!

Fiz menção de ir na direção dela, mas de repente...

— Está funcionando!

A espada começou a se mover, a girar.

Mil anos de pressão pareciam ter sido liberados num instante, embora esse instante tenha se dividido em momentos distintos que ficariam gravados na minha mente para sempre.

Primeiro, outro chiado surgiu para se juntar àquele das palmas de Lupe. No segundo momento, uma fina corrente de água começou a jorrar. No terceiro, transformou-se numa torrente.

No exato instante em que o fogo rompeu o vidro com um estrondo ensurdecedor, a água se lançou em direção a ele. Nós desabamos sob o peso do mar.

De algum jeito, encontramos as mãos uma da outra.

O mundo girou, não apenas de cabeça para baixo, mas de um lado para o outro. O chão estava se abrindo repetidas vezes. Segurei-me em Lupe na confusão — ou será que era ela que se segurava em mim? —, embora seus dedos devessem estar doloridos por girar a espada. Fui pressionada para

baixo, os ouvidos estalando quando a força do oceano nos prendeu, impulsionando-nos mais para o fundo.

Estávamos nos afogando. A pressão rugiu pela minha cabeça. Meus olhos se arregalaram, a respiração foi forçada para fora do meu peito.

A água foi devastando o labirinto de mil anos de Yote como se fosse papel, carregando-nos violentamente em suas correntezas redescobertas, seu poder finalmente libertado. Tudo o que eu podia fazer era segurar firme na mão de Lupe. Era a única coisa que me ancorava.

Mas assim como o mundo virara de repente do avesso, ele retornou à normalidade.

Minha cabeça alcançou a superfície, batendo na rocha sólida. Eu arfei, cuspiendo água e sangue. Minha língua latejava onde eu a mordera. Lupe apareceu ao meu lado. Meu braço também estava sendo empurrado para a superfície e então eu me dei conta da razão: eu ainda estava segurando a madeira luminosa. Ela boiava na corrente, firme como o barco do Tataravô Riosse.

Puxei Lupe para a frente, e ela agarrou a madeira luminosa também. Segurando-nos nela e também uma na outra, deslizamos pelo mar fumegante através do que eu só podia imaginar que fosse um dos túneis que formavam o labirinto. Não havia sinal dos Tibicenas, nem de Yote, nem de suas chamas. Ele fora embora, engolido pelo oceano.

Nossas pernas estavam sendo agarradas e puxadas para baixo, mesmo quando a madeira luminosa nos mantinha à tona. Eu apertava os dentes enquanto meus pés giravam e eram puxados, até que senti que meus tornozelos iriam quebrar.

Nós fomos arrastadas para uma caverna alta. Meus pés raspavam dolorosamente ao longo da rocha submersa, presos entre a correnteza e a

pedra. Eu gritei e senti Lupe chutar meus pés para fora do caminho. Houve uma sensação estranha de resistência e um baque surdo, como uma panela de barro quebrando. Então, a correnteza nos libertou um pouco.

Eu tossi água.

— Você está bem?

Lupe virou o olhar exausto para mim, vomitando água de maneira tão violenta que ela quase largou a madeira luminosa. Ela estava ferida.

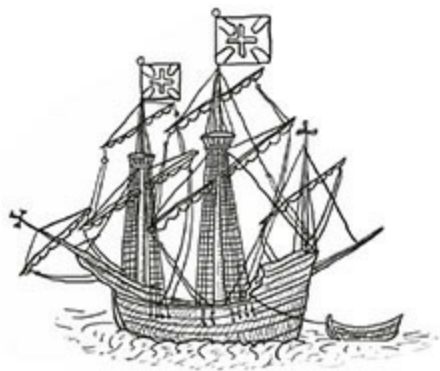
— Segure-se! — Eu apertei minha mão sobre a dela, olhando em volta de forma frenética. A poucos metros de distância, uma mancha de escuridão mais fraca chamou minha atenção.

Havia uma abertura.

Eu gritei de alegria e instantaneamente engoli um bocado de água salgada.

— Olhe!

Os olhos de Lupe se ergueram e ela assentiu. Mas havia algo errado. Suas pupilas estavam enormes, como se a noite houvesse deslizado para baixo delas. Eu a chutei, meus movimentos desacelerados pelo mar, tentando mantê-la acordada. Ela devia ter batido a cabeça. Aproximei a boca do ouvido dela e gritei:



— Está tudo bem. Vou levar a gente para casa.

A água estava subindo rapidamente e nós inclinamos a cabeça para trás, a fim de manter nossas bocas no bolsão de ar. Abracei com minha mão livre a cintura de Lupe e comecei a bater os pés em direção à abertura.

O buraco era perfeitamente redondo; parecia quase artificial.

Objetos balançavam na água — pedaços de pano e algo que parecia muito com um osso. Um encostou no meu rosto e eu o afastei, lutando para nadar mais perto da luz. Tudo isso valeria a pena se eu conseguisse nos levar para a superfície.

Assim que a água começou a fechar sobre nossas cabeças, cheguei à boca da abertura. Puxei Lupe para o meu lado e, juntas, enchemos nossos pulmões de ar. Acima de nós, o túnel parecia se estender para sempre. Talvez ele nos conduzisse a uma saída.

Mas estava se estreitando. Eu mal conseguia me espremer através dele. De repente, paramos de subir. Minha mão foi puxada para cima, já que a madeira luminosa tentava ficar à tona.

Olhei para baixo, com os olhos ardendo, tentando puxar Lupe comigo, mas em vez disso, vi seu vestido puxando-a pelos ombros. Havia ficado preso em alguma coisa. Eu tentei soltá-la, mas seu corpo já estava encravado no espaço estreito. Ela estava entalada.

Nós estávamos ficando sem tempo. A água estava alta sobre nossas cabeças. Meu corpo convulsionava, desesperado por ar. Lupe me empurrou. Eu vi sua boca se mexendo e balancei a cabeça.

Eu não entendia o que ela estava dizendo.

Ela tentou de novo, sorrindo com tristeza, bolhas em espiral: *ainda a menor da turma...*

Então, ela tentou soltar a madeira luminosa.

Eu apertei minha mão ao redor da dela. *Não.*

O tempo parou por si só como um relógio quebrado enquanto olhávamos para os rostos borrados uma da outra através da água rodopiante. Minha cabeça parecia ao mesmo tempo vazia e cheia, doendo. As estrelas brilhantes estavam de volta, meu peito gritando.

Lupe apertou minha mão suavemente e fincou a ponta afiada da madeira luminosa no meu ombro.

Eu ofeguei e subi, quase como uma bolha, Lupe escorregando pelos meus dedos.

A dor do meu ombro se espalhou, envolvendo-me. Tentei arrancar a madeira luminosa, mas não consegui. O braço de Lupe estava erguido, a pulseira brilhando em seu pulso, o rosto calmo, os últimos círculos de ar deixando a sua boca.

Então, ela se foi.





CAPÍTULO VINTE E QUATRO

A água me cuspiu em mais escuridão.

Aterrissei com força, não na terra, mas numa rocha. A superfície dura forçou a madeira luminosa para fora do meu ombro e a agonia irradiou pelo meu corpo. O sangue quente se espalhou por minha túnica enquanto vozes me invadiam como uma onda.

— É uma criança!

— O que está acontecendo?

— De onde vem a água?

Eu vomitei água do mar, minha pele pinicando com o sal. Mais água estava saindo do buraco circular perto da minha cabeça. Muitos pares de mãos estavam me puxando.

Fui levantada por baixo das axilas, para ficar de pé. Eu balancei, sentindo a água escorrendo pelos meus tornozelos. Vozes reverberaram ao redor, e um fedor horrível de mofo e podridão alcançou minhas narinas. Eu conhecia aquele cheiro. Abri os olhos.

Rostos incrédulos me encaravam, piscando com o brilho da madeira luminosa.

Eu estava no meio do Dédalo.

— O mundo subterrâneo está esvaziando! — gritou um homem agitado.

— É Isabella! — exclamou outra voz. Meus olhos dispararam ao redor. Aquela voz...

Pablo apareceu, Masha ao seu lado, mais curvada do que nunca. Como ele estava ali? Seu rosto estava costurado na testa e no queixo, mas ele sorria. A velha tirou o xale que a cobria e o amarrou com firmeza no meu ombro.

— Você está bem, criança? Como você...

— Olhe! — disse o homem agitado, apontando para baixo.

A água ainda estava subindo. A madeira luminosa boiou perto das minhas canelas e eu a peguei com a mão boa. Todos começaram a correr na mesma direção. Pablo jogou por cima do ombro uma esperneante Masha e me agarrou.

— Venha!

Era demais, tudo isso. Eu tentei arrancar minha mão da dele, mas, então, na luz prateada, vi um rosto familiar. A figura veio mancando até mim e me abraçou com tanta força que eu mal conseguia respirar.

Papai.

Eu o abracei com o braço bom até ter certeza de que ele estava realmente lá. Havia tanta coisa que eu queria dizer, mas minha garganta estava apertada. Ele me soltou e pegou a madeira luminosa para que pudesse segurar minha mão.

Juntos, seguimos a multidão em fuga. Papai se inclinava pesadamente sobre mim, mas ele se movia mais rápido do que eu pensava ser possível. As passagens eram quase tão estreitas quanto o labirinto. Gritos de confusão me

chegavam pela esquerda e pela direita, e cada vez mais pessoas desembocavam da escuridão para se juntar ao grupo que subia.

A água estava batendo nos meus quadris agora, e senti uma nova onda de pânico quando olhei para cima. Do alto, vinham gritos de socorro e marteladas. Nós ainda não estávamos seguros.

— O que está acontecendo? — gritou a mulher da frente.

A pergunta ecoou para cima. Alguns segundos depois, a resposta foi passada para baixo, pela escada.

— Está trancado! O alçapão está trancado!

Gritos desesperados se levantaram. As pessoas de trás estavam empurrando para a frente, para longe da água do mar, esmagando-nos.

Os que já estavam na escadaria se agarravam às cordas finas que serviam de corrimão. Se as pessoas de trás continuassem empurrando, outras seriam forçadas para fora da borda.

— Parem! — papai gritou, mas não adiantou. O pânico já tinha se instalado.

Eu vasculhei meu cérebro lento em busca de um plano, mas nenhuma ideia surgiu. A água ainda estava subindo, infiltrando-se na base da minha túnica agora, minha calça encharcada e pesada. Senti um arranhão através do tecido, e enfiei a mão no bolso, encontrando a fina chave de ouro.

Tirei o molho de chaves. As outras seis chaves brilharam através da água. Eu tentei gritar, mas ainda assim minha voz não saiu. Puxei a manga de papai e as ergui. Ele pareceu perplexo por um momento, depois viu o brasão azul-real no molho de chaves. Ele me empurrou para a frente.

— Vá, Isabella. Corra!

Então eu fiz isso, todos os músculos do meu corpo gritando para parar. Fui abrindo caminho por entre a multidão aos empurrões, ignorando os gritos de

raiva e dor quando pisoteava pés e arranhava com as unhas as mãos que tentavam me parar. Os degraus pareciam intermináveis, mas, quando minhas pernas começaram a tremer, vi o alçapão, iluminado por um lampião balançando no braço de um homem em pânico. Ele estava batendo na madeira enquanto outro arranhava a fechadura, as unhas já sangrando, mas ninguém vinha.

Lutei para galgar os últimos degraus e puxei o braço do homem. Ele olhou para baixo, com olhos desvairados, e eu ergui o molho de chaves. Ele as agarrou, mas suas mãos tremiam tanto que as largou. Elas quase caíram do degrau e no meio da multidão lá embaixo. Peguei as chaves.

Um grito veio da base da escada. Eu não pude evitar; olhei. A água estava na altura da cintura das pessoas. Balancei a cabeça para clarear os pensamentos, e comecei a testar a primeira chave, tentando ignorar a dolorosa sensação no meu ombro.

Não cabia na fechadura.

Peguei a seguinte com os dedos trêmulos, enquanto o homem sibilava com medo:

— Depressa, criança.

Mais gritos me chegavam de baixo, bem como ruídos de briga, já que os prisioneiros mais baixos lutavam para se manter à tona ou eram levantados pelos companheiros. A segunda chave deslizou na fechadura, mas não girou. Nem a terceira.

Por fim, com um som grave, a quarta chave começou a girar. O homem gritou de empolgação e me ajudou a girá-la na fechadura enferrujada. Então, ele e outros dois colocaram os seus ombros contra o alçapão e começaram a empurrar com toda a força.

Eles não conseguiram levantá-lo.

Um dos homens gritava, apontando para as bordas do alçapão. Pregos enormes e enferrujados apareciam.

— Eles nos pregaram!

Então, ele foi empurrado de lado quando Pablo passou e forçou a madeira com o ombro. Ele empurrou uma vez, os pontos em seu rosto contorcendo suas feições, e o alçapão saiu de suas dobradiças.

A luz inundou-nos como uma onda, e o homem atrás de mim gemeu, protegendo os olhos.

Pablo pulou para o corredor da casa do Governador e me ajudou a sair rápido. Mal tive tempo de registrar que as tochas estavam ardendo sem um guarda à vista, antes que Pablo me agarrasse. Ele me abraçou com força e eu permiti, ofegando enquanto meu ombro latejava de dor, suas mãos inacreditavelmente quentes através da minha túnica.

Então, ele me empurrou contra a parede, apressando-se para ajudar a primeira leva de pessoas a subir para o corredor.

Um fluxo que parecia interminável começou a se espalhar pelos quatro corredores com a intenção de abrir espaço, alguns se unindo a Pablo para ajudar os feridos ou idosos na escadaria íngreme. Os rostos iam surgindo cada vez mais angustiados, as roupas cada vez mais encharcadas.



— Onde está papai? — gemi, enquanto Pablo ajudava uma mulher com o cabelo molhado a sair.

Antes que eu pudesse detê-lo, Pablo desapareceu, descendo as escadas e entrando na escuridão do Dédalo. Eu queria segui-lo, mas o latejamento no meu ombro havia se intensificado e eu permaneci pressionada contra a parede. Diante de mim, eu vi a borboleta presa com o alfinete e mantive meus olhos fixos nela enquanto corpos passavam correndo por mim. Como era possível que tantas pessoas estivessem no Dédalo? Um homem com aspecto de ancião surgiu com uma longa barba ao redor do braço, as vistas cegas. Saindo do buraco logo atrás dele, Masha desabou.

Finalmente, vi o topo da cabeça de Pablo, o cabelo preto achatado pela umidade, puxando o braço de alguém. Papai surgiu, todo molhado e sugando as bochechas da maneira que ele fazia quando sentia dor, e Pablo apoiando o braço dele sobre os próprios ombros para ajudá-lo a se manter em pé. Isso me fez lembrar de Lupe fazendo o mesmo por mim no labirinto e eu gritei quando eles se apressaram na minha direção. Havia mais dois homens atrás deles e eles pareciam ser os últimos, porque, juntos, eles fecharam o alçapão.

Eu estava entorpecida em relação a tudo, exceto papai. Eu me afastei da parede e forcei meus pés a dar os poucos passos que me separavam dele, caindo nos seus braços.

Um rangido ensurdecedor espalhou-se pela casa, um tremor feroz que arrancou os lampiões das paredes. Eu caí no chão, Pablo se jogando em cima de mim e papai, enquanto os lampiões se quebravam sobre os tecidos, espalhando o fogo.

Nós fomos ajudados a nos levantar e corremos, todos nós, pelos corredores da casa como formigas fugindo do formigueiro. As chamas disparavam pelo chão, consumindo rápido as elegantes tapeçarias e pinturas. Eu me senti

como se estivesse de volta ao covil de Yote, e me perguntava se seríamos esmagados antes de queimarmos.

O chão estremeceu de novo, sacudindo a casa. Uma enorme rachadura se abriu na parede do corredor e minhas pernas tremiam, deslizando embaixo de mim. Mas, de repente, estávamos lá fora no pátio, perto dos estábulos, e chovia mais forte do que eu já tinha visto antes.

O chão tinha virado lama, sacudindo tanto que era impossível ficar de pé. Eu caí quando ocorreu outro tremor violento, acompanhado de um som monstruoso que vibrou por todo o meu corpo.

Um ruído como trovão rasgou o ar. As barracas da praça do mercado, minúsculas àquela distância, estavam desmoronando, lançando poeira na chuva torrencial. O Arintara já estava transbordando suas margens ao norte, fluindo sobre os escombros, e o poço no centro da praça jorrava água para cima como um chafariz.

— O mar — papai gritou com a boca cheia de lama. — Está libertando Joya!

Pareceu, então, que o mar estava dando um último e brutal puxão. O chão balançou de um lado para o outro, e eu vi ondas enormes quebrando sobre a baía lá embaixo, varrendo casas arruinadas para dentro d'água. A concha enegrecida do navio do Governador rangia tensa em suas amarras, mas não consegui ver nenhum outro barco.

O vento açoitava as nossas roupas, começando a dissipar as nuvens escuras. Elas desapareceram, a chuva varrida junto com elas, e todos foram, de repente, ofuscados pela luz do sol contra o azul habitual.

Os tremores diminuíram e cessaram. O chão parou de balançar, como se a ilha estivesse encontrando certo equilíbrio. Eu estava ofegante, com os pulmões inúteis enquanto tentava recuperar o fôlego. Ao meu redor, as

pessoas estavam se levantando, começando a chamar umas pelas outras. Atrás de nós, a casa do Governador estava destruída, o teto havia desmoronado.

— Está flutuando — disse papai. — Joya está flutuando. Isabella, o que você fez?

Ainda estava sem voz. O mar, o mar que Lupe havia libertado, escavara a base de Joya, arrancando a ilha do caule como um nenúfar. Eu tinha ouvido falar de ilhas flutuantes, circulando o mundo como navios vivos, à mercê da correnteza. Eu era fascinada por essas histórias, mas agora não me importava.

Enquanto o azul do céu de Joya se abria sobre mim, e o mar profundo fluía por baixo, fechei os olhos e chorei.

Em algum lugar no
MAR
OCIDENTAL



Um ano depois





CAPÍTULO VINTE E CINCO

Você sabe a velocidade com que uma ilha se desloca? Eu sei. Alguns dias é como montar uma tartaruga gigante, lenta como o sono. Outras noites, quando a lua está próxima e cheia, e as ondas se erguem como montanhas, fazendo Pep uivar, é como correr rápido como o vento.

Então a resposta é: uma ilha flutuante se move tão rápido quanto ela desejar.

Acho que até papai pensa que já teríamos alcançado outra terra a essa altura. De acordo com os seus cálculos, a correnteza está nos levando para o oeste. Para Amrica. Papai poderia pegar um navio que passasse por nós e chegar lá mais rápido, mas ele diz:

— Por que deixar um navio que também é o nosso lar? Nós vamos chegar lá um dia, em breve.

Todos os dias ele registra em nossas paredes o nosso progresso através do Mar Ocidental. Estamos nos deslocando em tantos círculos que eles mais parecem os rastros da Senhorita La.

Ela encontrou o caminho de casa com Pablo, que recuperara a consciência depois que Lupe e eu começamos a atravessar o labirinto. Ele chamou e chamou e teve certeza de que estávamos mortas. Quando chegou a Gromera, contou aos homens do Governador o que havia acontecido, tentou fazer com que eles voltassem para ajudar, mas não acreditaram nele. Eles o jogaram no Dédalo novamente, e foi só quando os Banidos sobreviventes chegaram que eles se deram conta de que ele tinha falado a verdade.

Foi quando eles pregaram o alçapão, entraram em qualquer embarcação que puderam encontrar e partiram para Afrik com a Señora Adori. Fico feliz que Lupe nunca precise saber como sua mãe a abandonou de maneira tão fácil.

Afora isso, as coisas mudaram menos do que você poderia supor. Meu cabelo está um ano mais longo, meu ombro, quase curado. Minha voz finalmente voltou, mas eu ainda não gosto de usá-la muito. O rosto de Pablo tem duas cicatrizes grossas e eu o provoco dizendo que sua face está quase tão vincada quanto a de Masha. Mas, na verdade, acho que a aparência dele está ótima.



Papai construiu um pequeno aposento para mim no jardim para eu trabalhar. É feito de juncos e barro e nós convidamos minha turma da escola para pintá-lo — mas apenas do lado de fora, no entanto. Por dentro, estou começando minha própria parede de mapas.

Com o porto aberto novamente, nós fazemos trocas com os navios que passam, e a maioria das pessoas reconstruiu suas casas da mesma forma.

Papai até comprou um pouco de tinta verde para a nossa nova porta, e um aviário inteiro de pássaros canoros de um traficante de Chine. Nós os libertamos na semana passada, e agora eles cantam em todas as árvores.

Há um deles agora, pequenino, azul como uma pedra preciosa, trinando alto lá fora, no arbusto de tabaiba de Gabo. Voltou a florescer. A tempestade arrancou muitas outras plantas, mas esta não para de crescer. Enterradas embaixo dela estão as chaves do Governador.

Para ser sincera, eu ainda não sei o que aconteceu no labirinto. contei a papai o que eu podia, sobre os Tibicenas e a camada oculta do mapa, embora ele tenha apenas a minha palavra. O mapa foi destruído e os cães demônios desapareceram. Talvez o mar os tenha engolido quando engoliu o seu mestre.

É difícil conhecer os fatos, ou mesmo saber se os fatos importam quando a história termina com uma ilha flutuante. Mas eu sei que Lupe salvou a minha vida com o seu sacrifício. Salvou todos nós. Salvou Joya, do mesmo modo como Arinta fez mil e um anos antes.

Não existe uma maneira de eu lhe dar um verdadeiro adeus. Mas eu posso lhe dizer obrigada. Por fim, estou prestes a terminar o meu mapa de Joya, da ilha como é agora. Papai e eu fizemos três viagens para ver o que me escapou, e algumas das aldeias já estão povoadas novamente.



As florestas estão densas e verdes, e todos os gromeranos se juntam para comprar javali e veado de um navio de Europe. Eu vi um cervo em nossa última viagem, bebendo no lago abaixo de Arintan. A cachoeira está de volta

à sua potência total, mas eu não fui atrás dela para ver onde Lupe e eu caímos. Eu não gosto de estar num lugar escuro onde as estrelas não brilham.

No lugar onde a casa do Governador costumava estar, um dragoeiro foi plantado. A árvore cresce mais a cada dia, e suas raízes penetram os restos do Dédalo.

Eu a deixei por último. O ponto de referência final a ser preenchido. Eu cuidadosamente bordo a árvore no meu mapa como uma explosão dourada, usando o mesmo carretel que usei para o bracelete de Lupe.

Você é tão sentimental, Lupe diria.

Ao lado, escrevo três palavras:

Árvore de Lupe

Eu me recosto na cadeira, a visão embaçada por tantos dias debruçada sobre o mapa. Mas quando eu pisco e olho para baixo, revirando o meu ombro dolorido enquanto sigo o verde das florestas, o azul dos rios, os desbotados pontos das linhas estelares, eu não vejo apenas tinta e linhas no papel. Há algo mais ali, algo semelhante à mesma vida que os mapas de papai têm. Talvez.

Não seja presunçosa, Lupe me aconselha.

— Isabella! O café da manhã está pronto — papai chama da cozinha. O mingau cheira a queimado como sempre.

— Estou indo.

Olho para o mapa completo, imaginando se devo chorar ou rir.

Não há sentido em apenas ficar parada aí.

E eu não vou ficar. Com Joya puxada na esteira de uma correnteza desconhecida, nunca mais ficarei parada.



AGRADECIMENTOS

Cada livro é um esforço de equipe, e este em especial; por isso, tenha paciência comigo.

Em primeiro lugar, obrigada sempre à minha família. Aos meus pais, Andrea e Martyn, e ao meu irmão mais novo, John, por me levarem em aventuras ao redor do mundo e ao redor da minha cabeça, por apoiarem e incentivarem a minha escrita, por serem meus amigos, editores, revisores de texto, preparadores de coquetéis, colegas de viagem, antagonistas; o que quer que eu necessitasse em todas as fases. Tudo começou com vocês, acreditando que eu podia.

A Yvonne e John, os avós menos tradicionais do mundo e, portanto, os melhores, por me apoiarem no que quer que fosse que eu quisesse ser não importasse quão fantasioso fosse, desde primeira mulher em Marte a poeta.

A Sabine, por me fazer querer escrever histórias que você amaria.

A todos os Hargrave e Millwood e Karer e Kakkar e Sloman ao redor do mundo que me deram livros, histórias e inspiração.

A Izzy, Hatty, Cecily, Ruth e Jess, pelo seu apoio, e por emprestarem suas várias qualidades maravilhosas (e, em um caso, o nome!) às minhas heroínas.

Esta história é o último formato de uma longa lista de rascunhos. Obrigada a Amal Chatterjee, que determinou a missão que deu início à história, e a Rebecca Abrams, que proporcionou as ferramentas para terminá-la.

A todos os meus leitores beta que leram vários rascunhos: Andrea Millwood Hargrave, Tom de Freston, Janis Cauthery, Miranda de Freston, Madelaine Furnivall, Max Barton, Daisy Johnson, Sarvat Hasin, Joe Brady e Amy Waite. A Pablo de Orellana por verificar o meu espanhol e me auxiliar na pronúncia. A Tom Corbett por sua gentileza e confiança. Aos Unruly Writers – obrigada por serem cruéis em suas críticas e generosos com sua bebida. Obrigada a todos os escritores, críticos e blogueiros que já foram tão solidários até aqui, em especial Abi Elphinstone, Melinda Salisbury, Emma Carroll, Celia Rees, Lisa Heathfield, Lucy Saxon e Fiona Noble.

Sarvat e Daisy – uma das melhores partes nisso tudo foi escrever com vocês e me tornar amiga das duas no processo. Tenho tanto inveja orgulho de vocês.

Aos meus maravilhosos editores tanto daqui como do outro lado do oceano. Melanie, seu apoio realmente mudou a minha vida. Obrigada a todos vocês da Knopf e da Random House por acreditarem no livro. Victo Ngai, obrigada por criar uma capa que me causa um friozinho no estômago toda vez que olho para ela. Espero que venha nos visitar de novo em breve!

Na Chicken House, o livro encontrou um ninho verdadeiramente maravilhoso. Barry, Rachel L., Rachel H., Elinor, Jazz, Laura S. e Kesia: senti-me envolvida, apoiada e cuidada em cada etapa do processo. Obrigada. Rachel H. e Helen — obrigada por uma capa pela qual eu me apaixonei por completo. Agradeço a Daphne, extraordinária preparadora de texto, e a Laura, por ser uma gerente editorial paciente, compreensiva e solidária. Para o

colega de Chicken M. G. Leonard, pelo encorajamento e conversas estimulantes.

Obrigada, Barry, por enxergar o potencial num manuscrito confuso, e obrigada, Rachel L., por fazer dele o livro que eu sempre quis que fosse. Por favor, sinta-se sempre livre para ligar num domingo à noite para discutir a sua conjectura — você estava certa!

Meus agentes: Hellie Ogden e Kirby Kim, e todos na Janklow & Nesbit. Obrigada por encontrar lares brilhantes para a minha história. Hellie — obrigada por ter tanta confiança em mim que não tenho escolha a não ser confiar em mim mesma.

Obrigada, leitor, por escolher este livro.

Meus últimos agradecimentos vão sempre para Tom, minha inspiração, meu melhor amigo, a razão pela qual comecei a escrever, além de muitas outras coisas. Espero que saiba que este livro se deve a você — e sua declaração agora manifestamente refutada: “Você é muito preguiçosa para escrever um romance”.





A Poção Mortal

Alward, Amy

9788555391088

352 páginas

[Compre agora e leia](#)

Depois de encontrar o diário de poções da sua bisavó, escapar das garras de uma alquimista malévola, recuperar a memória do seu avô e se tornar uma Mestra Alquimista, não é hora de Sam Kemi ter um bom e merecido descanso? Mas agora que a Princesa Evelyn está casada com o sinistro Príncipe Stefan e começa a apresentar os estranhos sintomas de um vírus desconhecido, parece que as aventuras de Sam estão apenas começando. Com uma equipe de TV registrando cada passo de Sam e o tempo quase se esgotando, nossa garota alquimista terá agora que enfrentar erupções vulcânicas, animais mitológicos e o pérfido jogo de um Príncipe cheio de segredos, se quiser salvar a Princesa e a vida de todos os seus súditos... de um sono eterno!

[Compre agora e leia](#)



A poção secreta

Alward, Amy

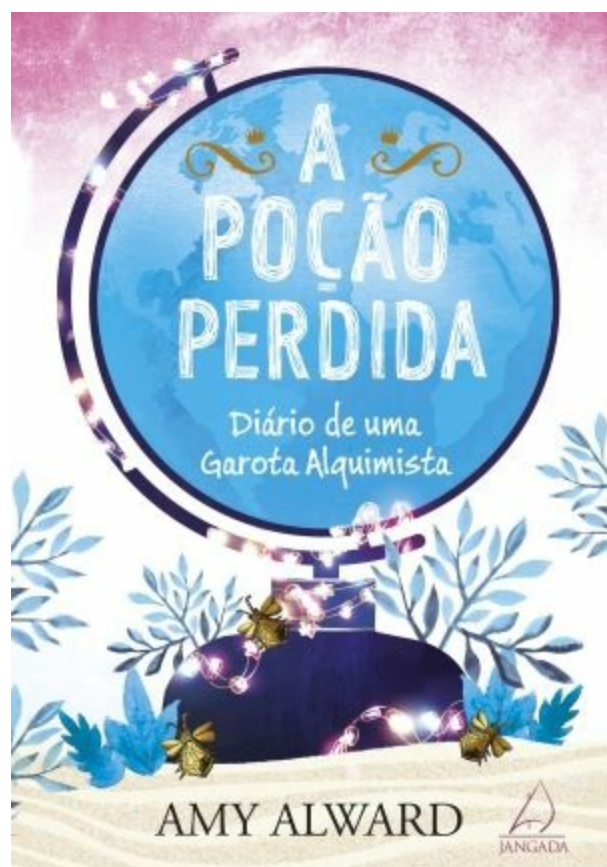
9788555390852

368 páginas

[Compre agora e leia](#)

A Princesa do Reino de Nova toma acidentalmente uma poção do amor, e se apaixona por si mesma! Para encontrar um antídoto que possa curá-la, o rei mobiliza todos numa expedição chamada Caçada Selvagem. Competidores do mundo todo saem em busca dos mais raros ingredientes em florestas mágicas e montanhas geladas, enfrentando perigos e encarando a morte para encontrar a fórmula da poção secreta. Dentre eles, está Samantha, uma garota comum que herdou dos seus ancestrais alquimistas o talento para preparar poções. Esta pode ser a oportunidade para reerguer a decadente loja de poções da família, afinal o mundo todo estará acompanhando a Caçada nas mídias sociais. Será que ela conseguirá descobrir a cura e salvar a Princesa?

[Compre agora e leia](#)



A poção perdida

Alward, Amy

9788555390982

448 páginas

[Compre agora e leia](#)

Depois de vencer a Caçada Selvagem, salvando a Princesa Evelyn, a vida de Sam Kemi mudou completamente! Tudo parece estar indo muito bem, o trabalho na loja de poções da família, sua amizade com a princesa e os preparativos para uma grande viagem internacional, até que de repente não está mais... Alguém adulterou a mente do avô de Sam para tentar descobrir a fórmula da Aqua Vitae, uma poção capaz de curar qualquer doença e que estava perdida entre as páginas de um antigo diário da família Kemi. Sem suas memórias e precioso conhecimento, o avô de Sam está cada vez mais perdido e confuso. E, conforme o tempo passa, seu estado só piora. Agora Sam precisa encontrar a receita perdida da poção mais poderosa do mundo, pela qual as pessoas matariam para pôr as mãos, e trazer as memórias do seu avô de volta. Trocando vestidos, príncipes e palácios por dragões, centauros e cavernas, Sam começa a aventura mais importante e perigosa de sua vida – na qual tudo pode

acontecer!

[Compre agora e leia](#)

Temple Mathews

A GAROTA DO ORFANATO SOMBRIO



A Garota Do Orfanato Sombrio

Mathews, Temple

9788555391187

336 páginas

[Compre agora e leia](#)

Echo Stone acorda suando frio num quarto escuro e desconhecido, sem saber exatamente como foi parar ali. Tentando entender a situação, ela descobre que aquele lugar sombrio é a "Casa do Meio", um orfanato que abriga crianças e adolescentes. Só tem um problema: Echo não é órfã, seus pais estão vivos! Mas ninguém parece se importar com suas explicações e o único disposto a ajudá-la a fugir dali é Cole. Mas quando a garota consegue voltar pra casa o problema fica ainda pior: uma fita amarela da polícia indica que um crime horrível e violento aconteceu - seu próprio assassinato! Echo está morta e não sabe como isso aconteceu. Desesperada para ter sua vida de volta, ela inicia uma busca para resolver esse enigma e, à medida que cresce a lista de suspeitos, ela descobre que não é a garota boazinha que julgava ser...

[Compre agora e leia](#)

AS AVENTURAS DE TIBOR LOBATO • LIVRO UM

O OITAVO VILAREJO



O Oitavo Vilarejo

Rosseb, Gustavo

9788555390142

536 páginas

[Compre agora e leia](#)

Depois de perder os pais num terrível incêndio no acampamento cigano onde moravam e passar dois anos num orfanato, Tibor Lobato e sua irmã Sátir são encontrados pela avó e vão morar no seu sítio. Ali fazem amizade com Rurique, um garoto conhecedor das lendas e histórias de assombração do lugar. Durante a quaresma, coisas muito estranhas começam a acontecer na região e seres fantásticos do folclore - como a Mula Sem Cabeça, o Boitatá e a Cuca -, ganham vida e começam a assombrar os habitantes dos Sete Vilarejos. Os três começam a correr perigo quando descobrem segredos que ligam a família dos irmãos a esses seres fantásticos e a um lendário Oitavo Vilarejo. A partir daí inicia-se uma odisseia cheia de magia, que levará os três amigos a reconhecerem e valorizarem virtudes como lealdade, coragem, esperança e amizade.

[Compre agora e leia](#)